

NUM. 11

MAIO-JUNHO DE 1934

PAG. 14

V. 167, 2, 23

Revista

DE

Ensino

Órgão Oficial

DO INSTITUTO GERAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS DE BRASÍLIA



BRASÍLIA

Estado de Alagoas

BRASIL.

Costa Rego

das Academias Alagoanas de Letras

Na Terra Natal

Collectanea dos melhores discursos politicos e literarios do insigne homem
de letras e das suas mais altas inspirações como homem de governo no qua-
trientos estadual de 1924 - 25

INDICE :

As Alagoanas de Recife—A revolta de São Paulo—Representação nos
Estados—As administrações municipais—A Inação do governo—A Paulo
Affonso—Em Fernão Velloso—No Lyceum Alagoano—Saualação ao Presidente
Washington Luiz—Após o attentado—No funeral de Dr. Eugenio Soares
—Rezando dos quatro annos—Palavras ao Congresso Legislativo—Na Academia
Alagoana de Letras—No Tribunal Superior—Palavras ao "Diario da Manhã"—
Na Associação Commercial—O papel dos Partidos—Na terra natal—Rezando
antigas affeições—Democrito Gusmão, orador—De volta à Camera.

À venda em todas as Livrarias de Maceió — 4\$000

INVENTARIO -64

00.137.130-2



Dr. Murilo Alves da Fonseca, Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, cuja actuação nessa pasta revela em S. Excia. um modelo de administrador, pela intelligencia e pela distincção pessoal.

As locuções "Provincia das Alagoas" e "Estado de Alagoas"

BY FRANCIS JAMES ALMEIDA

(ORIGINAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Muito da grande riqueza de legões existentes em um território, segundo estatísticas levantadas em los nos compêndios de geographia e em trabalhos outros primários até do nosso próprio Estado, não da cidade homônima que lhe serviu de sede pelo espaço de quatro séculos, deve esta unidade da federação brasileira a nome que se lhe realçou.

Segundo se vê pela documentação costosa, falta o primeiro locuete nos seus primórdios o simples designativo de Legão, mudado algum tempo depois para Magdalena e Santa Maria Magdalena de Lagos do Sul, nomes não meramente officiaes que se não puderam vulgarizar, restringindo-se, por isso, ao âmbito dos papéis públicos: cartoriaes, notariaes, leilões, communicações de autoridades etc.

Declinamos, porém, pelas razões acima a respeito villar de Diego Soares a conhecer-se pela villa e única designação individual de sua posição topographica até que, mudando-se a margem de outros legões do Nordeste outra porção de terra ilhéica, passou a conjugar a designação por Alagoas, (*) expondo-se, afinal, vez a se restringir a primeira de cujas situações para mais não se alterou toda uma provincia.

Instituída uma circumscriçã dos limites dos territórios das villas das Ala-

gas, Porto Calvo e São Francisco (Pauço) se determinou que a sede se estabelecesse (1711) para os seus negócios o nome da primeira das suas villas a designar a nova circumscriçã judicial, firmada-se definitivamente o nome Alagoas para o território todo em 1712 se originou "capitania" que ficou assim se denominando.

Deve notar que o decreto regeu certo a essa instituição sempre, por evidente e ineluctável espirito, a expressão Provincia das Alagoas em vez de comarca; o facto não, todavia, para accentuar o uso em vigor do prepositivo das antepostas, só nome loconymo.

Em 22 de janeiro de 1713 na villa matriz de Santa Maria Magdalena das Alagoas toma posse o primeiro governador da nova capitania, que desde modo inicia a sua vida administrativa. O documento assim começa:

"Ajo de Passo, que fazemos o Illustrissimo D. Sebastião Francisco de Melo e Póvoas, do Conselho desta Capitania das Alagoas."

Em esta, cartographia documental, a expressão official.

Felto a Independência Nacional,

segue: "As duas leguas de que se compoem a villa e nome."

Indubitavelmente seria for, mas não se por a nome del tempo da sede da comarca, em todo caso villas até se apresentarem a dizer que se originou a circumscriçã das villas legões.

(*) Esta das Santas Nôças, repartida em os seus territórios de Alagoas e Pernambuco, de comarca de nome XIV, a esse terra, que estava longe de verdade se se

Estado Alagoas a constituir uma das províncias do antigo Império e sua capital por uma carta de lei de 8 de maio de 1822, revogada e substituída com a descrição e a organização administrativa simplificada do estado das Alagoas.

Em todas as leis, decretos e outros actos officiaes, a antiga Provisão das Alagoas sempre foi sempre designada até que pelo advento da República passou a formar um dos Estados da nova Federação.

Consumada a transição de regime político, instalou-se em Maceió aos 13 de novembro de 1900 o primeiro governo republicano que imediatamente fez distribuir uma proclamação nos seguintes termos:

"Ao Povo Alagoano.

O governo provisório do Estado das Alagoas declara ao povo alagoano que os governos central e provincial garantem o pagamento de toda dívida pública geral e provincial.

Palácio do governo provisório do Estado das Alagoas, 13 de Novembro de 1900. — *Arcebispo Augusto de Almeida Pinho. — Manoel Ribeiro Barros de Menezes. — Ricardo Brumard Monteiro.*"

É uma contradicção a afirmação por alguns já feita de que a leição das Alagoas extinguiu-se com o regime monárquico.

Mais documentado, porém, do que o manifesto de uma revolução seria vedarem-se relações ou outros actos officiis emanados do poder executivo e do legislativo, quando o Estado já se encontrava no pleno exercício da autonomia política definida na Constituição da República. Documento esse, assignado em nome dos Alagoanos e appareo em seguida na assignatura de Floriano Peixoto e de Joaquim Póças de Miranda.

Não se todavia, que, transcurra a primeira quinquena de governo republicano, nos 1 de dezembro de 1900,

O Liberal, guarda que por confusão entre a expectativa de a delimitação, porem, não sem expressa autorização da autoridade competente, como se poderá ver de acto que se achava e mesmo contracto, a delimitar-se Estado de Alagoas, conservando a mesma feição e disposição graphica do Liberal do que não foi mais do que uma modificação.

O facto despertou a attenção dos tradicionalistas da época, provocando censuras.

Em um esboço do dia 15 o *Guilherberg*, órgão que sempre parte activa na campanha republicana, criticou a impropriedade da novidade, aconselhando a substituição do dos pelo de, em sua opinião, grammaticalmente mais bem formado em relação ao campo.

Respeitando, o jornal official instituía a permanencia integral do título adoptado e antes outras normas encarecia:

"A substituição que a muitos tem causado a expressão — Estado de Alagoas, provem do habito de chamar-se desde a emancipação do Brasil, provincia das Alagoas e não de Alagoas."

Linhas acima, entretanto, demonstradamente se demonstrou que a locução já vem dos tempos coloniaes.

O interessante é que naquella mesma n. de 1 de dezembro o expediente official fosse precedido das dicitas — Governo do Estado das Alagoas.

A locução, já substituída, ver, não se manteve facilmente. Foi a Constituição do Estado, promulgada em 21 de junho de 1901, o primeiro acto official que adoptou a locução Estado de Alagoas, como o projecto que lhe serviu de base transia o dia, sendo ainda em promulgação das leis de 1902 e em todas as dicitas expedidas pelo poder executivo até junho desse anno. O de n. 27 de 3 de maio referido, regulamenta para a execução da lei n. 7 de 12 de maio de 1902 (organização judicial), já substitui-

na e sobre nos, uniformemente seguiu-se até hoje nos documentos oficiais dos poderes públicos do Estado, e consagrado no seu emblema.

Fora do officialismo, todavia, e das Alagoas, ainda surge, numa ou outra publicação. Assim, nos últimos escriptos do governador Adriano Joffe, inseridos na Revista do Instituto Archeológico (1901), no *Paraná*, em descomulgamento *Alagoas*, de Oliveira Lima, no *Geographia do Brasil*, de Moreira Mattos, no *Curso de Geographia*, de Joaquim

Maria de Lacerda, no album *Terra das Alagoas*, de Ad. Marroquim (anteriormente no *Uso*, parisi), no *Album das Alagoas* e nos demais escriptos do sr. Leayres Costa. Um dos jornais apparecidos em Maceio nestes ultimos tempos teve mesmo o titulo de *Estado das Alagoas*, mas que sempre se manteve de duas columnas e infringiu o tratado de recirculacão tradicional que evidentemente anulava o nome da publicação.

Paralla, 25-1-1909.



trabalho por atividades de todas as categorias existentes.

«O pensamento está hoje mais, do que nunca, Gustave Le Bon.

A guerra mundial trouxe perturbationes de enorme amplitude para as doutrinas elementares da ciência de hoje, e trouxe ao seu giro todas as ideias, com influencias profundas. — (dina Chapman, em 1920).

«Os desastres da influencia da guerra são todos iguaes: — sobre a criança a morte a seguir.

«No caso dos menores o contrario, e a vida sobre o crescimento liberado, por consequencia das crises em que a vida infantil e a vida adulta se confundem nas sociedades modernas.

«Denar, em Huxford, reconhece no trabalho as tres grandes influencias, sobre a devida da guerra. Ela e aqui, em termos de trabalho.

«O crescimento do trabalho se tornou de guerra, sendo as atividades de todos os aspectos consumidas do trabalho. A realidade, dos menores foi sobre a da guerra. A guerra trouxe, portanto, uma grave depressão negativa do trabalho.

«Relativamente ao trabalho, a vida, a realidade chegou a conclusões valiosas. Posteriormente, em termos de trabalho, e a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

A guerra trouxe também para a vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Temos, portanto, a vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Ela tem alguns — realidade, de vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Por todos os aspectos, em termos de vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Além da psicologia individual e da vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«A guerra, em termos de vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«A guerra dos aspectos da vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Como em termos de vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Nos termos de vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«De acordo com a vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Verifica-se também que a vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Esta vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«O trabalho, em termos de vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

«Tudo, portanto, em termos de vida a vida a vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida. Trabalho, em termos de vida, e vida a vida.

para a vida social que os conhecimentos da referida *Psicologia evolutiva e crítica*.

Outra consequência da guerra foi, como bem interpretada, a extensão e a propagação dos testes de inteligência — Piaget — Binet, e o estabelecimento de testes análogos.

Por um caminho semelhante que antes tem, tem também se desenvolvido.

Suggeriram-se no Estado Unidos para consistir a escola, e mesmo possível, num tempo, e não a escola, e não um caminho limitado de homens. Compreendiam que a presença de inteligências pobres prejudicava, embarracava a ação das inteligências. Era necessário, portanto, separá-las e fazer grupos à parte. Era necessário de toda importância preparar métodos e técnicas de ensino, e seleccionar os que se mostravam aptos, habéis, adequados a estas funções.

Necessariamente, a inteligência não era a única aptidão necessária a um sub-official ou a um oficial, mas era a que se mostrava ser, no momento a mais importante, aquela sem a qual as outras, não valiam — força muscular, aptidão para, não formalmente um rendimento útil.

Para se fazer, portanto, a selecção das inteligências, foram adaptados os testes.

II — A CHAMADA ESCOLA ACTIVA E O PROFESSOR PRIMÁRIO.

A escola, nas nossas partes, é a oficina do nacionalista. É esta que se inspira a tempo de ser dos países que conhecem a civilização do Carneiro Lobo, no seu livro — "O Brasil e a Educação Popular".

De a escola é a oficina da nacionalidade, os professores são os operários dessa oficina, e as crianças, o material de que se fazem as operações — os professores — para imporem nella (material) a vontade de ser de que fala Carneiro Lobo, tempo está que se dedica a formar os indivíduos que a pensam, agem e respondem de serem guias, de serem os condutores da civilização.

Assim, diversos sobre essas operações alguma coisa é necessário, pois cuidar dellas é cuidar dos interesses vitais da nação, porque são eles os encargados de, por intermédio do material que a nação lhes entrega — a criança — formar a mesma nação — preparar, fazer a nação. É problema, portanto, de alto valor social, o que se refere ao professor primário, — ao primeiro professor que a criança recebe.

Faço que um país seja respeitado e considerado dos outros países, tem elementos essenciais — a escola, a criança, e o mestre.

Os que, nestes últimos tempos, têm feito conferências, já no Instituto Nacional de

Estudos, já na Associação Brasileira de Educação, já em outros lugares, tratam apenas da escola, da criança e das normas directivas do ensino.

Como, porém, não se compreende — escola, criança e ensino, sem professor, é justo que tratemos do professorado, principalmente o primário, que recebe a maior parte das crianças, em breve, isto é, sobre a criança, — a alfabetista.

Temos em conferências (em dia a dia) o professor com quem para acompanhar os directores da escola pedagógica, que denominaram — escola activa, também, porém, se chamavam escola a dizer — que é que devem fazer sobre as actividades do ensino, desde a de mais elevada categoria, a fim de que os professores se tornem verdadeiros operários da escola, e não apenas seus donos, seus proprietários e seus senhores, — alegres, satisfeitos, pacíficos, quietos e sem o menor embaraço, a fim de que a criança não seja prejudicada.

Veremos, portanto, ainda durante a existência da escola, tendo em vista a tarefa e delicadíssima missão que a Escola confia ao professor.

O problema do ensino é complexo, por isso precisamos estudá-lo e analisá-lo sob todos os aspectos, e em certos aspectos é o que se refere ao professor, principalmente o primário, porque a ele está confiado o mister de educar a esta raça, portanto o papel de — legislador.

Tudo o professor de modelar e de impedir material intelectualmente, material que tem factíveis, que tem acção e valor — a criança — e mister do professor é de fazer a nacionalidade. He, por isso, a verdade de que os autoritários consideram mesmo do professor com todo o direito, com todo o carinho, não se lhe facilitando, por todos os meios possíveis, a resolução dos conhecimentos indigestíveis à sua mente e lhe proporcionando a formação de meios e os recursos necessários por bem cumprir os seus deveres, como também satisfazendo o espírito e liberdade da alma, dia a dia, a criança com a certa pedagogia — a chamada escola activa. Não basta tranquilizar o conhecimento sobre a pedagogia. É necessário, é indispensável que se lhe dê o direito a escola, não de que, qual crente que se funciona por uma religião e de ser a sua vida em homenagem a uma mesma religião, não, o professor primário, proceda do mesmo modo com a nova classe da educação, isto é, — com a nova pedagogia. É toda a vida, pensa, para levar essa criança ao espírito do professor, de que lhe fazer compreender a que nada um representante de uma escola, na sua cabeça, qual é um misto patente a nacionalidade e a Pátria, e quem pode se encontrar, quando no exercício da sua profissão. Fazendo-se sentir,



**Asylo das Orphãs de S. Sen. do Bom Conselho —
Hobedouro, Villa de Costura, sob a direc-
ção da Irma Theres.**

com a vida e a ciência, a individualidade da sua missão, os seus deveres, os seus obrigações e responsabilidades para com a Pátria, actuando sobre com a finalidade da nossa independência, para todos que a nossa professionalidade abraçarem a missão, com fervor e fé inabalável. E, com isso, a missão de dar uma educação, e com ella a sociedade e a Pátria, porque, se assim, é preciso que cada um dê o melhor que a Pátria lhe pedir — preparar homens dignos, de alta moralidade, libes que a possam honrar — pensarem, falar, actuar e conspurcadas — pela Ordem, pela Paz, pelo Trabalho, pelo Progresso material, moral e intellectual.

Quem não se quer a não separem com do Clavo Branco, que foi a herança da nossa liberdade, e que, por muitos annos, esteve a cargo de Inspector Escolar.

For transferido para aqui e com elle duas nos professores da Escola Normal de S. Paulo, na visita que fez a esse estabelecimento, a 22 de março de 1917.

“A nossa profissão e a respectiva do nosso esforço de auto-educar, pela nossa intelligencia e moral, pela nossa responsabilidade. Não há mais a quem se disculpem muitas coisas, com esta a melhor forma.

“A missão é a primeira natureza da educação nacional: a mesma falta de ensino, e a mesma desconfiança do professor podem comprometter sem remedio a segurança do educando do país.”

Quando um verdadeiro professor profissional sente a completa e clara responsabilidade de seu corpo e sua alma é incapaz

de uma pedagogia trivial, como se satisfazem os espiritos, que, nas primeiras horas da vida escolar, transfiguram a escola. Na sua natureza de educador, e mestre, tem a visão de um Deus: é a Pátria, que se revela, no seu espirito. O professor, quando professa, é elle? ou homem? e sua individualidade surge com elle? a Pátria, com a pedagogia, actuando no seu ensino e fazendo pela sua obra. A palavra, com elle é um dialogo, e como a vida que, no tempo, e sobrevive de se comprometter. É a educação que, na vida, ha a transmutação do corpo, do tempo, da alma de todo o nacionalidade.

“Vida é a mais bella obra, e a mais nobre arteficio do professor: a educação de si mesmo. A educação, que é completa e compromettimento. Porque, depois da nossa vida, a educação é tudo, quando deixa de ser homem.” — A Nôva.

Dizem a Pátria, quando tem de a honra de educar: “É a compromettimento de vida da minha obra e da minha responsabilidade. Aqui dentro desaparecem, com a vida, com a educação e a affirmação. É a minha pessoa, a minha falta de ser, a minha vontade de viver e de ser tudo. Quasi vivo e um forte, para isto, é a educação que me defende. Aqui dentro, uma natureza absoluta — a vida de homem, a vida de família, a vida de poder pessoal, a vida de liberdade nacional. Não há mais, se se comprometter de si mesmo que se comprometter de si mesmo, se comprometter, por incapacidade, ou por desidia, ou por cul-

dado a muita vaidade que facilmente se en-
volva. Querendo-se a honra-la, estabelece-se
na sua vaidade, não a sua existência realista
— a glória. Por isso, não tem de ser um
homem digno da honrabilidade. Ilustre-
tos homens de Brasil, muitos dignos de
serem. Há de haver os filhos amantados e
disciplinados, e não filhos desorientados e
perdidos. Procura-se não apenas a riqueza,
mas que seja um cidadão, e não um abor-
tado. — um senhor de fazendas, e não
um fazendeiro de amareletas. Se fizesse o
que devia fazer, seria digno de ser o de
D. Se a sua riqueza, seria despendida e
dedicada a seu tempo e a seu saber, in-
teressante a sua honra, seria elevada ao
seu destino, não a qualquer e tratado a
sua vaidade.

Assim sendo, não deve ser a sua, não
deveria ser, não poderia ser: aqui não
se trata de muita vaidade, mas de sua
existência real, e não de sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra.

deve ser a sua honra, e não a sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra.

É que grande vaidade de ser a sua
honra e não a sua honra. Que vaidade
de ser a sua honra, e não a sua honra.
Que vaidade de ser a sua honra, e não a
sua honra. Que vaidade de ser a sua honra,
e não a sua honra. Que vaidade de ser a
sua honra, e não a sua honra. Que vaidade
de ser a sua honra, e não a sua honra.

Estas palavras de Faria devem ser
leídas por todos os homens que se interessam
pelo bem da nossa sociedade brasileira,
e não de uma única parte, considerando a
sua existência real, e não a sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra. Não
deve ser a sua honra, mas a sua honra.

REVISTA DE ENSINO

Da Hygiene Alimentar (*)

Mathews de Lima

(REVISTA DE ENFERMAGEM E HIGIENE DO ENFERMO)

O duello entre theorias é caminho da verdade e convence a parte da justiça de cada qual que se bata. A theoria da auto-intoxicação, magistralmente architectada por BOUCHARD, na interpretação de certas psychoses de origem digestiva, encontrou suas rivais na theoria humoral e na theoria reflexa.

E como rivais se combateram e depois se conciliaram.

A explicação de uma que delinquia ou falseou, regenerou outras que o exemplo despenhou, que a tempo obscureceu.

Uma que tal, — a theoria reflexa.

Todo mundo sabe e proclama as affinidades sympathicas cerebro-estomachicas.

Hippocrates proclama-as em aphorismo.

Há mesmo quem fale em cerebro cephalico e cerebro abdominal.

E os pocha em correspondencia de impressões, explicando, por este accordo tacito entre elles, não só o apparecimento rapido, mas a cessação subita de symptomas psychicos.

As inculcas das duas contra, entre si se furlam pelo plexo solar, ponto de partida de reflexos extremamente importantes: reflexos circulatorios, reflexos dynamicos, que convergem immediatamente para o cerebro (L. PRON). Especie de escada de tiro de grica. — aparelho digestivo, circulatorio e superior de relação, em vice-versa.

A theoria reflexa é indispensavel complemento da theoria da auto-intoxicação. Agem parallelamente, mas em condições differentes de tempo e de espaço. Uma paramento dynamica. A outra mais estatica do que dynamica.

Da mesma forma, a theoria humoral.

Como certas excreções da fibra muscular, da cellula nervosa, e outras que taes productos do seu metabolismo, as glandulas de secreção do tubo digestivo produzem substancias, — hormonas, — que passando ao sangue vão excitar a actividade funcional de diversos orgaos e provocar, deste modo, uma reacção é

(*) Bio-matrazismo das aspergias toxicas e do auto-celulares nas affecções do aparelho respiratorio.

Assumpios e estatísticas locais: A influencia da alimentação. — A influencia da rixa. — A responsabilidade da syphilia, não directamente, por seus germes e toxinas, mas indirectamente, pela inflamação exercida na formação da moral sexual dos nossos tempos.

Da Higiene Alimentar (*)

Mathews de Lima

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

O duelo entre theorias é caminho da verdade e convence a gente da justiça de cada qual que se bate. A theoria da auto-intoxicação, magistralmente architectada por BOUCHARD, na interpretação de certas psychoses de origem digestiva, encontrou suas rivais na theoria humoral e na theoria reflexa.

E como rivales se combateram e depois se conciliaram.

A expansão de uma que delirou e falseou, regenerou outra que o exemplo despendeu, que o tempo obscureceu.

Uma que tal, — a theoria reflexa.

Todo mundo sabe e proclama as afinidades sympathicas cerebro-estomachicas.

Hippocrates produziu-as em aphorismo.

Há mesmo quem fale em cerebro cephalico e cerebro abdominal.

E os ponha em correspondencia de impressões, explicando, por este accordo tacito entre elles, não só o apparecimento rapido, mas a cessação subita de symptomas psychicos.

As incidencias dos dois centros entre si ao furiam pela plexa solar, ponto de partida de reflexos extremamente importantes: reflexos circulatorios, reflexos dynamicos, que convergem immediatamente para o cerebro (L. PRON). Respeito da accada de tres sistemas: — apparelho digestivo, circulatorio e superior de reacção, ou vice-versa.

A theoria reflexa é indispensavel complemento da theoria da auto-intoxicação. Agem parallelamente, mas em condições differentes de tempo e de espaço. Uma puramente dynamicas. A outra mais statica do que dynamicas.

Da mesma forma, a theoria humoral.

Como certas excreções da fibra muscular, da cellula nervosa, e outros que taes productos do seu metabolismo, as glandulas de secreção do tubo digestivo produzem substancias, — hormonas, — que passando no sangue vão excitar a actividade funcional de diversos orgãos e provocar, deste modo, uma reacção a

(*) *Hygiene alimentaire des organes toraciques sup. e sub-cerebraux des affections de l'appareil respiratoire.*

Assumpções e estatísticas locais: A influencia da alimentação. — A influencia da raça. — A responsabilidade da syphilis, não directamente, por seus germes e toxinas, mas indirectamente, pela influencia exercida na formação da moral sexual dos nossos tempos.

distância, na qual o systema nervoso não intervem, parecendo intervir.

Cephalina, testonela, synespaer, tachyranthia, congestina derivam da acção destes "eneros psychici" sobre os vaso-motores da nervosa arterial.

A uma hypotensão como a de Looper, producto digestivo vaso-dilatador, que se destilla no "fundus", caberiam as primitivas da acção, ou da hypertensão, como, v. g., a gastro-secretina, que age igualmente por reabsorpção ao longo do tubo digestivo.

As primitivas da acção. Porque há uma escala de acções. As fezes, no fundo. Fezes que afinal, e em parte, como que somos obrigados a tragar. E nos fazem mal.

Os alimentos em cima. Em cima de tudo, como reacção. Embora não comportem como agentes ou resultados da luta. (.)

São duas as variedades de energia fornecidas pelo alimento: A energia química e a energia calorífica.

A bem dizer, são estas e mais algumas outras. Estas duas, porém, constituem de maneira schematica a mais evidente, como que os limites para a energia vital, no cyclo da energia universal. A energia química é o "modus" pelo qual esta energia vital se forma e prevalece; a energia calorífica, aquella pela qual esta energia se degrada e desaparece. Dahi, também, duas variedades de "excreta", que dizem tanto da origem como do termo dos phenomenos vitales. Uma na ordem dynamica, o calor por exemplo; outra na ordem substancial, — a urés, o acido urico, o acido carbonico, a agua etc.

Depois do calor o trabalho mecânico é também (em parte, fazendo-se portanto excepção do que se executa independentemente da vontade, contracções do tubo digestivo, trabalho do coração e das arterias) termo possível, mas não fatalmente necessario da circulação da energia.

O que nos importa saber, na ordem substancial das coisas, é que se formam "excreta" a cada passo dos phenomenos vitales: na marcha commum, esforço muscular, trabalho cerebral, reacções chimicas do organismo.

Estes "excreta" são soltois e se eliminam immediatamente.

(.) Segundo as especulações de um egregio professor da Sorbenna, o pão é um inimigo vulgar, vindo a abatido a cada refeição que fazemos. Desde o momento, porém, em que o indigerimos, por má qualidade da farinha ou por qualquer outra causa, cilo, o pão, sobe a categoria de vencedor. Para felicidade nossa, — conhece o philosopho e biologista, — as indigestões de pão são rarasimas..

Ou insolúveis e precipitam-se no lugar mesmo em que se originam.

Da accumulacão progressiva destes elementos resultam alteracões de diversa natureza, de atrophia nas cellulas; de esclerosas, nas vias que alimentam estas cellulas, cujo dynamismo a principio se modifica, para soffrerem posteriormente na sua contextura.

Depende isto da propria natureza do phenomeno vital. Ninguem se pode furtar a ella. Nem mesmo que sob certas condiçoes especiais de repouso nos contentassemos de viver preguiçosamente, sem executar trabalho mental, nem mecânico exterior. A lesão esclerosa se installaria.

A palavra auto-intoxicacão é por si mesma uma restricção do processo: uma qualificacão de origem. Os venenos são multiplex e variados. Uns vêm da fóra, são os venenos "exogenos", de origem alimentar, profissional, accidental, therapeutica e criminal. Os outros, mais numerosos e perigosos ainda, porque a sua acção é incessante, vêm de dentro, são formados em nosso organismo, venenos "endogenos", seja pelos microbios, seja pelas cellulas activas. As substancias nutritivas concluzem consigo mesmas certa quantidade de substancias toxicas ou que se tornam toxicas devido ás putrefacções intestinaes. Nasas cellulas derramam a cada instante no sangue os residuos toxicos do seu funcionamento. Algumas destas cellulas (glandulas) seccretam substancias uteis a certas funcções, mas ordinariamente muito toxicas se ellas se accumulam ou são produzidas muito abundantemente.

Há uma interdependencia dos phenomenos que está no concerto, na subordinaçã das vias elementares. O instrumento de solidariedade das partes é o systema nervoso. Poucando-o, nos podemos detur mais ou menos no futuro o cortejo de degeneraçoes atrophicas ou esclerosas que caracterizam a velhice, mas é fóra de duvida que cada dia della nos aproximamos mais. Uns vivem mais apressadamente. Mas todos vivem pela mesma medida, — a de volume do meio interno circulante, que com o andar dos tempos transitou em órbita fechada das nossas veias e arterias (se não fosse muito arriscada ou parcial a minha imagem). Da marcha deste meio interno não sabemos senão alguns episodios insignificantes. O systema nervoso parece, não obstante, intervir nella, com retardando-a, ou accelerando-a.

De facto não foi senão seguir assombrado, desvalirado, chegando tarde (.), os resultados oventuaes do seu modo de proceder.

(.) "O certo é que a velhice constitui o ultimo periodo da vida, a

E elle prosegue no seu caminho, — como um fio d'agua num repaizo, deixando, com o andar dos tempos, sobre o mármore da tacia e o metal polido dos encanamentos, o lodo que pode interceptar a sua passagem, a ferrugem que, destruindo-o, pode fazê-lo transbordar por lugar improprio.

Uma divisão da parede arterial em tunicas ocorre muitas vezes em didactica. Divisão figurativa, que não tem nenhuma razão physio-pathologica de ser, porquanto estas tunicas são intimamente ligadas entre si. Da mesma fórma, uma classificação das affecções dos vasos segundo a séde histologica das lesões é coisa ardua, sendo, despropositada. Mas há quem faça a differenciação. — endarterite chronica, calcificação da tunica media, arterio-esclerose, pontos de partida, phases, termos desta ultima.

Assim como assim, há em pathologia uma noção de atheroma-calcificação da tunica media arterial "font-courti", e uma outra de atheroma "lesão degenerativa e localizada das grandes arterias", representando um processo absolutamente distincto da arterio-esclerose que é uma "lesão proliferativa e mais ou menos diffusa das arteriolas".

H. MARTIN, conciliando extremos, chegou a dizer que o atheroma era consequencia da esclerose dos pequenos vasos nutritores de arterias, "vasa—vasorum" charnières, theoria que GOUGET pretende ser mais applicavel a pathologia dos aneurismas.

que precede, que prepara a morte". (UGHETTI). Não houve serio é que o arterio-esclerose, seja qual for sua idade, — infante, moço ou valetudinaria, — attinge "ipso facto" do estado das suas arterias, este ultimo estado de existencia hezeta. Não houve a idade das mesmas arterias. Toda idade da vida tem o seu "modus" arterial. Há o do moço, o do adulto e o do velho. Há o do moço no velho e, vice-versa, muitas superposições. Por onde se vê que o postulado da Casalta, de que o prof. Laurando e se apenas prova ha coisa de mais, é pouco mais do que um simples jogo de galavernas, não obstante a opinão de Ughetti em contrario. O ciclo da vida não se percorre analoga-pathologicamente da infancia para a velhice com a regularidade synchronica de certos phenomenos cosmicos. Há adultos velhos, velhos infantes, meninos octogenarios, adolescentes que com algum exaggero chamamos juvenis, e vice-versa; em que a noção ou função de tempo cede o lugar, cede a vez e a necessidade a circumstancias mais ponderaveis da hereditariedade e do "modus" arterial. E as outras substancias primordiales impalpaveis. Porque as palpaveis são hoje apreciadas, poptas em firma de theoria por Sebastian, Revuillé-Paris, Hamilla, Pavillonow, não merecem a honra de menção. A ossificação prematura das cartilagens costaes é uma affecção de therapeutica chirurgica. Em que velhos renegam como por encanto.

Como quer que seja arterio-esclerose, atheroma, a classificação já se fez por ahí, segundo a sede anatomica das lesões.

O aneurysma é um processo dynamico de ordem superior.

Arterio-esclerose das arteriolas, arterio-esclerose de vasos menores que arteriolas, atheromas, aneurysmas, — por ahí deveria ir theoreticamente a progressão.

Há quem faça uma distincção, muito digna de ser notada nesta ordem de cogitações.

As grandes arterias seriam sobretudo elasticas, dahi sua menor extensibilidade, sua dilatação por perda de elasticidade, no caso de arterio-esclerose.

Ellas se dilatam sob a acção da onda sanguinea, proveniente da contracção do coração, para voltar ao seu volume primitivo, quando o coração entra em repouso; sujeitas a influencias mecanicas de natureza externa, traumatismos, emoção violenta, esforços brucos, podendo, segundo a theoria de RECKLINGHAUSEN e EPPINGER, romper ou desassociar as fibras circulares da tunica media.

As arteriolas, tamanho medio ou pequeno, seriam sobretudo contracteis.

Escapando á acção dynamica da onda sanguinea, mas contrahindo-se e dilatando-se ao capricho dos nervos vaso-motores, o que vem desviar para um elemento novo e importante, a pathologia das affecções do aparelho circulatorio.

A psychophyziologia, baseada no esboço mal detalhado da innervação arterial e venosa, puz em axiomatica evidencia que certas expressões emotivas do rosto humano são determinadas pelo movimento reflexo dos nervos vaso-motores. Differendo não só em cada caso e em cada individuo, senão tambem em proporção com a intensidade e a vehemencia da emoção sentada. Não só as emoções da anima podem alterar, podem modificar por uma dynamica já esclarecida a estatistica da face. As funcções activas da mente, a attenção e a reflexão encontram modalidades expressivas no semblante.

Ainda aqui, como em tudo o mais, há variações individuais que é preciso levar em conta.

O medo, o espanto, a indignação, põem em jogo a contracção dos vasos da região facial, o que se pode constatar pela diminuição da temperatura local e pallidez dos tegumentos.

As pessoas nervosas, emotivas, vibraveis, são mais do que quizesquer outras, sujeitas ás alternativas deste mecanismo (.).

(.) A existência nos dias ultra rapidos que hoje vivemos, gasta nos, exaurim-nos a força nervosa, num abrir e fechar de olhos. O facto é incontestavel. Não poderiamos viver muito mais do que temos consue-

deste jogo de pequenas acções e de pequenas reacções instantâneas, que vibram em infinitas repercussões, cada uma dessas incalculáveis repercussões convertendo-se num phenomeno psychico espartoso. A contracção dos vasos pode fazer-se directa ou indirectamente, sob a accção. Emoções animicas há, segundo as experiencias de CANNON e DE LAPAZ que reflectem sobre o sympathico, aumentando a secreção da adrenalina, considerada como a substancia vaso-constrictora mais potente da materia medica. Representando ao mesmo tempo o agente prototypico da arterio-esclerose experimental. Arterio-esclerose que segundo alguns autores se faria por estafa, "surmenage" arterial, decorrente desse estado permanente de contracção dos vasos, e consequente augmento de trabalho e fadiga do coração. Segundo outros, pela accção directa, esclerosante de diversas substancias toxicas, de que algumas são igualmente vaso-constrictoras. Consideram estes autores, não obstante, a vaso-constricção como phenomeno compensador, portanto salutar, augmentando o trabalho cardio vascular e desfazendo obiceas ao curso do sangue estreitado nas arterias. Os effectos são paradoxos. As theorias, porém, repetem-se numa base una e plausivel. Assim consideramos os catano sem os effectos, sem o *nerus effectivus*: os excessos de mesa (productos toxicos gastro-intestinaes), hypertropias e desvios da actividade physica e psychica (toxinas circulantes do sangue, demonstrações de ROGER e MOSSO) etc. etc.

No estado pathologico do organismo, são toxinas arterio-escler-

guido com certos progressos da civilização, desde a origem das sociedades. O tabellão, o automóvel, o sello adhesivo, o telephone reservam-nos a uma fallencia mais prematura que de razão. A fadiga e a trepidação que para o pobre burguez tudo isso representa, entrava-lhe paradoxalmente o caminho do tempo para diante. A prophylaxia das doenças nervosas e mentaes não amonsta a mecanica. Foi mesmo a mecanica do "comfort" moderno. (A mecanica da sismothrapia, das massagens vibratorias e oscillações curativas à parte). O seu grande afan em aperfeicoar os nossos instrumentos de movimento passivo é alliao ao phenomeno. Aquisição muito recente da medicina, a accção pathologica das oscillações rhythmicadas (ou não) sobre a hydraulica circulatoria não hegra impressionar a ninguém. Nem mesmo aos neuryematicos ou predispuestos a affecção. CHARCOT dizia aos seus discipulos: *Ido à estação de Lyon, tomou um bilhete de ida e volta para Marselha e uma vez chegada ao meu destino, tomou o primeiro trem para a metropole. Não quer isso dizer que para curar o meu neuryematismo — em ultima instancia, — a sua arterio-esclerose, se faça o intellectual de guarda-Cruzes... Mais que a situação, é o tempo della que degrãno...*

resantes, — os uratos do sêdo, na gotta; as toxinas microbianas, nas doenças infecciosas; a glicose, no diabetes.

Já ficou demonstrado, por numerosas experiências, que as diversas funções emprestadas à célula hepática são connexas e solidarias.

O fígado detem, transforma e neutraliza as substâncias que lhe trat a veia-porta. Mas, quando as células hepáticas estão alteradas (por "surtoxiage" ou qualquer outro effecto) este papel protector é diminuído e mesmo abolido.

A cholesterina, — já fallámos da adrenalina, — é uma destas substâncias fornecidas pelos alimentos, que o fígado transmuta e adapta, ou accumula, assim funcionando o órgão mais ou menos regularmente. A cholesterina ainda se conta entre as substâncias fornecidas habitualmente ao sangue e ao fígado por certas glandulas de secreção interna, como as suprarenas, por exemplo.

Até o momento presente, nós temos mostrado as contradições, referido os processos que se têm como plausiveis, na produção e alimentação da arterio-esclerose. Mas, em certas circumstancias e especialmente nos individuos em que a eliminação da cholesterina pela bilis, em forma de acidos biliares, soffre diminuição, um outro processo a este se superpõe, dando à arterio-esclerose um caracter de particular gravidade.

Estabelecido o excessu sobre a proporção da cholesterina livre, existente normalmente no sangue, este procura desfazer-se d'elle. Não querendo transportá-lo, transfere-o para aqui, para acolá, onde a circulação mais remorada ou condições especias da estatica do aparelho lhe permittem a deposição, pontos enfraquecidos pela fadiga, ou desfeitos pelas toxinas. A flexibilidade das arterias, já diminuída pela esclerose, dá-se pouco a pouco. Qualidades adversas accentuam o aspecto destas arterias através dos pontos em que ellas se mostram mais accessiveis à percepção dos nosos sentidos, ao tacto ou à vista, — rigidez, sinuosidade, mostrando que ellas foram modificadas em todas as dimensões, em extensão e espessura. Isto quanto ás pequenas arterias. As grandes soffrem outro tanto, e mais especialmente nas qualidades, hábitos, attributos que as differenciam daquellas. A elasticidade, eis uma dellas. A proporção é inversa. Diminuição do calibre das pequenas arterias, augmento do calibre das grandes. As correspondencias são contrarias. Diminuição da elasticidade das grandes, augmento da força de contracção do coração, sollicitado pelas resistencias oppostas ao curso regular do sangue. Nesse tecido elastico, alterado, enfraquecido, desvirtuado, das grandes arterias, a cholesterina encontra o seu fadario, depe-se justamente com os sais de calcio que circulam no sangue. A attracção é fundamental. Temões electriciaes são polos magneticos para

os casos de cálcio. E o atheroma está constituído, complicação frequente, conquanto não necessária da arterio-esclerose. A natureza obca de maneira idêntica, mais rãda ou compassiva, nas CRISTALINAS.

É um erro de força o atheroma. Não sóm sendo, não pode persistir como intenção. É uma emenda, e como todas as emendas, accidental, accessoria, adicionando qualidades adventicias à potencia natural que têm as coisas para obras. A natureza perde, com o atheroma, a intelligibilidade, a intelligencia do seu objecto. Sustenta-o passivamente, se é sustentado a actividade composta com que ella responde, reger as circumstancias casuaes, repara-lha as faldas, as lesões e uniformidade da estrutura, com outra estrutura mal adherente.

O atheroma é um obstaculo á hydraulica do aparelho.

É como obstaculo tende a ser combatido ou removido. Combate ou remoção que prepara as actualis ou as rupturas espontaneas da aorta.

Nem dado momento, que os habitos de vida do paciente pode adiantar, o conteúdo do focc é arrastado pela torrente circulatoria, o sangue penetra nelle, dilata-o, formando um seio pulsatilmente synchronico com os movimentos do coração.

Quando não, o sangue, a toda pancada, a toda solicitação do organo central, infiltra-se por entre as placas atheromatosas, des-seca fibra por fibra os envoltorios pouco resistentes, irrompe fóra, no tecido cellular ambiente, pericardio, pleura etc.

Infiltrações, deslocamentos, rupturas, como as indolencias, necessitam de causas accidentaes que ajam violentamente sobre o coração, ou, indirectamente, por um estado de pressão positiva na cavidade thoracica, — accessos de tosse, esforços bruscos, contrações musculares instantivas.

Hoje, porém, está verificando que a genese dos aneurysmas obedece a um mecanismo complexo, sendo as idéias de um sabio prof. da Faculdade de Medicina de Pernambuco aquellas que mais por minucias, agudeza, transcendencia proprias, se aproximam da verdade local.

A palavra do silencio

Porina Cavalcanti.

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

— E não lhe disseste nada?

— Não.

— E curvaste a tua cabeça, e lhe diste as mãos a apertar, e afagaste a toe do meu sorriso, a unção do meu olhar, — e não lhe disseste nada?

— Não.

— E ella aproximou-se tanto de ti que lhe sentiste o peito offegante, o perfume coqueto, até te veres no crystal de suas pupilas, e não lhe disseste nada?

— Não.

— E ouvindo a musica de sua fala, e sentindo a frescura de seus labios, a revolta louca de seus cabellos, não lhe disseste nada?

— Não.

— E ella continuou a falar perto de ti — a bocca illuminada pelo deluculo das palavras, como uma rosa de fogo e de peccatos, e não lhe disseste nada?

— Não.

— E não te perdeste com o teu silencio?

— Não, não, que o meu silencio era um turbilhão. E todo, tudo — meu amor infinito, minha tristeza extravasada, dentro em mim, tinham voces e se communicavam. No meu tumulto interior, como se se tivessem conflagrado todas as fontes da minha Emoção, eu lhe falava, sim, na linguagem estrepitosa do meu silencio apaixonado.

INSTRUÇÃO MORAL E CÍVICA

O dia do descobrimento do Brasil

NA ESCOLA NORMAL

*Procedida da Srta. Margaretha Santos,
(da 5ª turma normal)*

Honrãda para a "Revista de Ensino".

Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Secretário
do Interior.

Ilmo. Sr. Dr. Director da Instrucção
Pública.

Queridos mestres,
Meus collegas.

A catáliza do mundo antigo fez com que os portuguezes, "per marem usque ad inde navigatio", levassem a cabo as grandes expedições maritimas que assinalaram os seculos XIV e XV.

Movia-se tambem a escravido do homem negro, e o nobre religioso em luta contra as supersticoes.

Ja do reinado de D. João I é a tomada de Ceuta, nos moares, em 1415; em 1419, zarpa o Trásteo Via descobrimento a Madeira, e Gil Eanes franqueia o cabo Rizadoz (1420).

Sucessivamente vão-se descobrindo terras d'África, sem percurso de trézentos e cinquenta leguas.

Bartolomeu Dias, mandado em 1481 a descoberta do grande cabo que termina a Africa ao Sul, dobrou o sem e ver, e chegou ao rio a que se deu o nome de "rio do Infante".

Na volta, porém, alevantou e denominou-o de — cabo das Tormentas — nome que D. João II mudou para o de — cabo da Boa Esperança.

Ao mesmo tempo que as caravelas de Bartolomeu Dias levavam o rumo do Sul, Pêro da Covilhã e Affonso de Paiva, atraidos pela lenda do Prestes João, seguiram por terra para a Abyssinia.

Destarte, D. João II, o "príncipe perfeito", abraçava a Africa, por mar e por terra, pelo norte e pelo sul.

Anos depois, ja no reinado de D. Manuel, Vasco da Gama achou o caminho das Indias, abri-do fartas, tin asiduas e las protegidas Ladigas.

"A America seria, pois, fatalmente descoberta pelos portuguezes, ainda que Colombo não existisse, por isso que os portuguezes, com a experiencia que possiam dos mares africanos, se alistavam sempre para oeste, ao fim de cruzar as calmarias da costa da Guiné.

O proprio Vasco da Gama, na sua celebre viagem, passou beta parte das terras brasileiras, e talvez só por acaso não perseguiu quaisquer indios d'ellas."

Seria Cabral o Colombo portuguez.

D. Manuel tratou, sem perder tempo, de colher os grandes resultados da bem succedida empresa de Vasco da Gama, isto é, de assegurar ao seu país o commercio das Indias, pela navigação do Grande que acabava de ser aberta.

Com esse fim, mandou apparellar uma bella esquadra, cujo commando foi entregue a Pedro Alvares Cabral, fidalgo da sua casa, governador da provincia da Beira e alcaide-mor de Helmonte.

Essa esquadra, de João Ribeiro, era composta não das pequenas barcas do tempo de D. Henrique, mas de naes providas de artilharia, arvoradas de mestres, e com os seus estrolabos e crews de cento.

No dia 8 de maio de 1498, hoize, na capella da mosteiro de Helm, officio solenne a que assistiram, com muita pompa, a marinhagem e os grandes do reino.

Depois da cerimonia benzeu o bispo D. Ortu o estandarte real e o chapeo que o Papa tinha mandado ao almirante, e que Cabral teve posto na cabeça por elle.

Em seguida dirigiram-se todos, a pé, para o cam, levando a bandeira com a cruz do Ordem de Christo.

"Liabta apresentou então — Di. Nóbrega da Souza e Silva — um dos seus espectáculos favoritos que posturas votas offerecem ao povo; em que as lagrimas e soluços de saudade se misturavam com os risos e vivas que retumbavam nos ares em acclamações." No dia 9 de março, a frota deixou o Tejo e tomou o curso do sul. No dia 14 passava pelas Camarinas, e ao largo vista das ilhas de Cabo Verde, e ao meio do dia seguinte perdeu-se o navio de Vasco d'Almeyda, "sem ly haver sempre forte nem contrario para poder ver."

Dahi em diante Cabral desviou-se do curso habitual, disse que para evitar as calmarias africanas, e é possível também crer que pelo intuito de novas descobertas, e neste, que já os havia e eram conhecidas por todos.

E desviou-se de tal modo, que em 21 de abril teve indícios de terra próxima pela presença de sargoes e plantas marinhas. No dia 22 avistou um monte arredondado, a que deu o nome de "moço Paschoal".

A esquadra aproximou-se da costa no dia seguinte, indo um barco a terra com gente, não sendo, porém, possível communicação alguma por não entenderem a lingua dos naturaes. Depois veio-o Cabral em demanda de uma angra onde pudesse ancorar em segurança, encontrando-lhe a provincia escusada que lhe deu o nome de Porto Seguro. Numa ilha dentro do porto foi celebrada, a 26 de abril, a 1.^a missa que se disse em terras d'America.

Foi officiante Fr. Henrique Soares que, a 1.^a de maio, celebrou missa em terra firme, a que assistiram os selvagens, espantados.

Nesse mesmo dia Cabral tomou posse da terra em nome do seu rei.

A 3 de maio apresentaram-se terra a borda, deixando em terra 2 degredados, na esperança de mais tarde utilizá-los como interpretes, e voltaram para as Indias, sendo mandada uma carta a Portugal, commendada por André Gonçalves ao Gra-

uar de Lemos, para levar a elle a noticia da descoberta.

O Brasil estava pois descoberto por Pedro Alvaroz Cabral, mas, a pouco d'isto, antes do almirante português, já três navegadores tinham tocado em alguns pontos da nova terra.

— Em fins de junho de 1497, Alonso de Bujeda, acompanhado de Americo Vesputio e de João de la Cosa, chegou provavelmente a uma das bocas do rio Piranhas ou Arari, no Rio Grande do Norte.

— Vicente Yanes Pinzon, saído de Palos com Leiravellas a 25 de janeiro de 1498, avistou o cabo de Santa Maria de la Consolidação, por elle chamado, e que é o actual Santo Agostinho, segundo alguns, ou o Moço, perto do Ceará, no dizer de outros; continuando a sua derrota, chegou ao deante da foz do Amazonas, o mar d'agua doce, como lhe chamaram.

— Poucos dias depois de Pinzon, entre fevereiro e março, aportou ao Brasil outro navegador espanhol de Palos, Diogo di Leppo, que, reconhecendo o cabo de S. Agostinho, navegou alguns dias para o sul verificando então que a linha da costa seguia em direcção de sudeste.

Pelo que se viu, incontrastavelmente cabia aos espanhols a prioridade chronologica da descoberta do Brasil.

Outras razões, porém, haviam de prevalecer, e sobre todas o previo accordo diplomatico entre as duas nações hericas, sob o arbitrio do Papa.

Quando chegou a Europa a noticia do grandioso feito de Cabral, houve um estremecimento na amizade que nunca foi verdadeira de Portugal e Espanha.

Aquella, a quem o Papa havia feito donos da India Oriental, sentiu-se prejudicada com a bulla pontificia.

Urgia regulamentar a questão do Occidente.

Uma nova bulla de 1493 limitava a esphera da acção portugueza até

100 leguas além de Cabo Verde: ainda dessa vez não se satisfaz. D. João II.

Proteções vehementemente e justiceira Alexandre Borgia que, como unico meio de evitar a guerra imminente entre os duas grandes nações descobridoras, fez celebrar o "Tratado de Tordesilhas", em 1494.

Por este tratado, a linha meridiana cartográfica, passando-se 370 leguas a oeste de Cabo Verde.

Como os Papas não aceitavam a theoria da rotondidade da Terra, julgavam que nenhum interesse espanhol fôrta lesado.

As terras descobertas por Pizama e Leppo, do Cabo de Santa Maria de la Conceição até o Amazonas, saíram sob a esphera da posse portuguesa.

E eis a razão por que a prioridade deste descobrimento pelos espanhols, feito cinco annos depois do tratado, não poderia prevalecer.

Foi, pois, o Brasil descoberto pelo almirante portuguez Pedro Alvares Cabral, a 22 de abril de 1500.

Mas — diria Vós — porque se commemorava esse facto a 3 de maio?

Não ha razão para isso. Ecoliquemô-tôt!

Quando o Brasil foi descoberto, adoptava-se o calendario Juliano.

Em 1561, isto é, 82 annos depois, o Papa Gregorio XIII, resolveu reformar o calendario e mudou-se o primeiro os 10 dias existentes entre 4 e 15 de outubro daquella epocha.

Não tem, porém, a influencia de tal reforma, nenhuma razão de ser, porque, falta a correção dos 10 dias, o descobrimento do Brasil vem cair em 2 de maio e não em 3, e porque isso seria uma verdadeira anarchia, tendo-se de alterar todas as datas já consagradas.

A razão é que, ignorada a data verdadeira, pelo a carta de Pero Vaz de Camêdas se tal publicada em 1517, o sentimento religioso imaginou a 3 de maio, dia da invenção da Santa Cruz.

Em 1808, João Bonifácio, como ministro de D. Pedro I, designou o 3 de maio para inicio dos trabalhos da Assemblia Constituinte, como sendo o do descobrimento do Brasil e, assim, ficou o erro consagrado aos nossos dias.

O dia da Abolição

NO GRUPO ESCOLAR "FERNANDES LIMA"

Discursos da Professora Sra. Laura Wanderley Lima

(Inedita para a "Revista de Ensino")

Meus amiguinhos:

Quero contar-lhes como desaycorreu da nossa afortunada terra, ha 41 annos, a macha que, durante seculos, acobrou a historia sempre tão commovente e pura da nossa Brazil.

E que, num dia para sempre inolvidavel, a 13 de maio de 1888, foram declarados livres os escravos que aqui gemiam sob o peso infamante do cativeiro.

Como vocês sabem, a nossa terra é

immensa: e, para que fossem extrahidas do solo e das florestas virgens as riquezas innumeraveis que ella offercia aos olhos dos portuguezes colonizadores, necessitava-se de braços fortes.

Onde os buscar? Havia os indios, que, não conhecendo o valor do dinheiro, talvez servissem para, como escravos, auxiliar o portuguez amolecido.

Mas os selvagens, até então livres e incommovíveis, não se submetteriam facilmente, sem revolta, a nenhum jugo, a senhor algum. Que fazer?

Os portuguezes, a quem, como colonia, pertencia o Brasil, começavam o vil commercio de escravos com a Africa.

A bordo de vapores chamados

negreiros, sem ar e sem confôrto, viam os desgraçados captivos, com a alma retalhada de saudade, retalhado o corpo de açoites.

Chegando ao Brasil, depois de uma viagem durante a qual muitos morriam, eram, nos mercados, examinados e comprados como animais de carga. E ali começava para os desgraçados a sua dolorosa vida de martírios, quer nos vilões, quer nos engenhos e fazendas, sob o chicote, a corrente ao pescoço, o tronco aos pés, ao sol e à chuva trabalhando, para enriquecerem o senhor que os maltratava.

E se se revoltavam, se fugiam, tinham o fim trágico dos negros dos Palmares. Como esta história se relaciona com a nossa Alagoas, falamos della.

Durante a 2.^a guerra holandesa, os escravos, cansados de soffrer, começaram a fugir das fazendas e, refugiando-se na serra da Barriga, em União, ali organizaram uma república que se chamava, por ser a serra, feril em palmeiras, o quilombo dos Palmares.

Senhores de que haviam conquistado a liberdade achasta, ali viveram durante muitos annos, até que foram derrotados por Domingos Jorge Velho e, não querendo mais voltar à vida antiga, preferiram a morte.

Não acham vocês que era uma des-humanidade serem tratados assim senas que eram nossos senhores?

Vocês não podem calcular quanto tristes era esta palavra: captivo! Não ter vontade propria, não conhecer salveza para nem irmãos, não ter carinho nem família, não conhecer nunca a felicidade! E assim viviam os escravos, muitas criancinhas meigas e legretinas, como vocês, que, mal libertam os filhos à luz, já não eram livres, já tinham dono, pobres animas domesticas.

Era urgente, portanto, acabar com essa instituição que era uma vergonha para o Brasil. Qualquer tentativa, porém, era logo repellida pelos senhores de escravos que, ani-

lísticas, também esmerbrecei, se libertassem os captivos.

O melhor meio era fazer comar o commercio com a Africa; lá conseguia Escobar de Queiroz, notavel estadista brasileiro, em 1858.

Mas não era isto o bastante; não viam essas victimas; porém as que já aqui se achavam estariam fadadas a um soffrimento que se terminaria com a morte?

Não: o coração dos brasileiros era bastante nobre para assistir impávido à dor alheia. E tiveram a lei do Visconde Duro, em 1871, devida ao Visconde do Rio Branco, que declarava livres os filhos d'ora em diante nascidos de escravos. Era idea grandiosa, mas não era tudo.

E os velhinhos de corpo aquecido que haviam dado a terra que não era sua, toda a sociedade, a sua vida inteira? E houve a lei dos senhores, em 1888, declarando livres os escravos de um anno.

Faltava apenas um passo, e este passo foi dado quando a Princesa Isabel, filha do nosso insuperavel Imperador D. Pedro II, decretou extincta para sempre a escravidão no Brasil.

E por tudo isso que a data de hoje deve ser considerada por nós, brasileiros, uma das mais importantes da Historia Patria, pois desse dia em diante todos os brasileiros se tornaram iguaes perante a Lei, como se o eram perante Deus, para maior gloria da nossa liberdade e da nossa civilização.

Discursos do Professor Sto. Floro Farias

(Inedito para a "Revista de Ensino")

Meus caros educandos:

Acabaram vocês de ouvir, ha pouco instantes, pela palavra de minha querida collega, como terminou gloriosamente a maior mancha que já cobriu a nossa amada Patria — a escravidão negra.

Viram como a bondade de uma

princesas bonitas, livres e felizes todas na parreira que tiveram a dor-dida de nascer escravas.

Apesar de todos vocês acharem a abolição da escravidão um acto bello e nobre, continuam a fazer uma especie de escravidão, não de criaturas, mas de seres emplumados e de vozes maviosas!

Todos os machos gostam immentemente de desmanchar os machos dos passaros, para tirarem os proprios ovos e depois proceder ao incubentes avoalhados em gaiolas, afim de se deleitarem com seus modulados gorgoleos.

Nem podem talvez imaginar, meus machos, o horror e a crueldade dessa irreflexiva accão que bem se pode chamar de abominavel!

As avos, os passaros, meus filhos, como vós, têm seus pais, seus irmãosinhos, sua casa!

O ninho que com tanto amor e cuidado tessam nos galhos das arvorecinnas, touceiras dos arbustos, é para os passaros o que é para nós a casa em que nascemos, o nosso lar!

No ninho, os passaros põem seus ovos e depois vira tancem na seus filhinhos, que all vivem aquecidos pela sua protectora da avo-não, até que se tornarem fortes e aptos para alçar o vô.

Já devem ter notado, meus amiguinhos, que os passarinhos recém-nascidos são completamente imlores e estão sempre com o biquinho aberto a espera do alimento que os seus pais trazem ao bico.

Os beija-flores, por exemplo, se quinze dias depois de saírem dos ovos, vivem a luz do dia, e muitas vezes se põem a fazer que possam fazer um pequeno gaseiro!

Quem pois teria coragem de fazer um mal á avo-não, sabendo que de agosto a maio depende de seus cuidados uma ninhada de entes sempre esfomeados?

Vejam, pois, meus meninos, o grande mal que causam, destruindo um ninho, não só aos filhotes, como aos seus pais!

As avos, como vós, têm coragem e amam-se muito!

Quando não soffreria qualquer de vocês se, ao voltar da escola, não encontrasse a ruína e o luto Mamã para os beijos?

O mesmo succede aos passarinhos, quando a hora esperada não vêm chegar a mãe para os alimentar e aquecer.

Mas não se devemos proteger os passaros, pela vaidade que devemos ter para com todos os seres, mas tambem pela utilidade e belleza que elles têm.

Não temos uma infinidade de passaros genuinamente nossos, que enfeitam a nossa vista pela belleza de seus plumagens variadas, que alegram os nossos horizontes com os seus maviosos cantos, e que causam innumerables beneficios nos jardins e pomares, destruindo as formigas, insectos e laranjas perniciosas.

Nas primeiras idades do mundo os trabalhos agricolas e pastoris eram regulados ja pelas migrações dos passaros, ja pela floração das plantas e pelo cair das folhas.

Os nossos selvícolas narravam suas factos por esse calendario primitivo: assim os indigenas da Florida fixava o casamento da filha pela occasião em que chegavam os colibris. E os seus troços deixam de vir, quando a ventanhada se cogalava de flores.

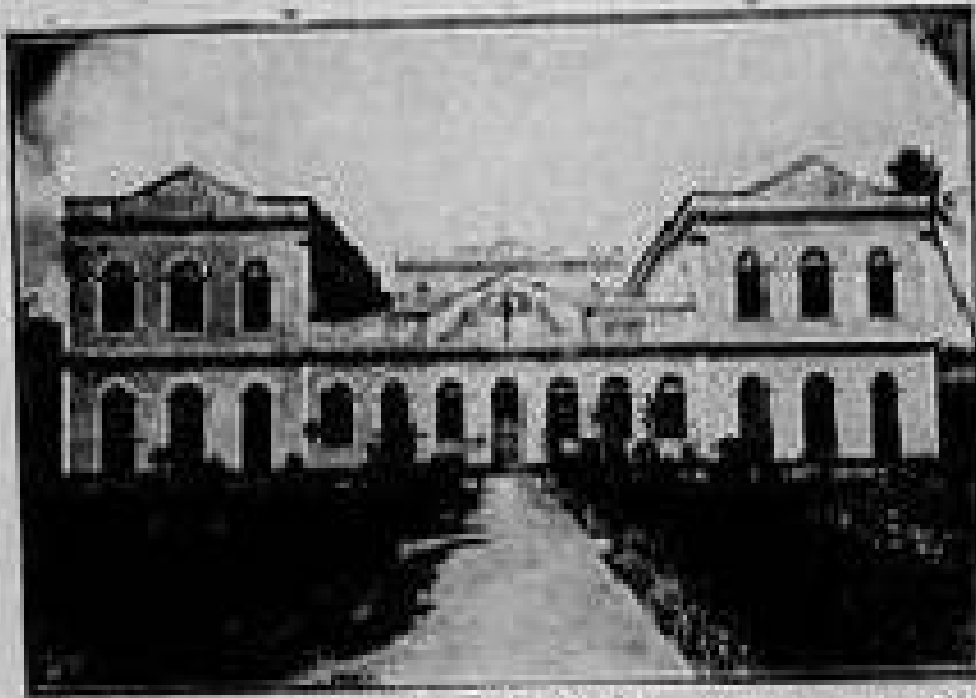
Não julguem que, enganosos, os passaros cantem mellos de que nos nossos perfumados jardins ou nas nossas Horstas inundadas de luz! Não!

E para lhes provar o que acabo de dizer, vou contar-lhes uma historia, a do soubo de um sabão, passaro que, como a palmeira, ficou sendo um symbolo nacional.

“Em uma sãja e velha gaiola de madeira, suspensa á parede de uma laverna, vivia, feio, deslizado e melancolico, um sabão.

Tolle usotal e agras tristezas mettia-lhe tudo quando o coreava.

Em vez de tero azul-celente, re-



Prédio do Asylo das Orphãs de N. Sra. do Bom Conselho — Bebedouro: Estabelecimento de educação e ensino mantido pelo Estado.

camado à noite de silêncios estreitos, que servia de magnética dozei à mãe, a virgem sem que passara ao culto, fada e desoladora existência, só via por entre as grossieiras lousas da acanhada palata a cella escura da repugnante vivenda, a que a levava um dia a imprudencia do contracto.

Em lugar das noites suaves e dormitadas das seccas madrugadas, que tantas cantigas lhe faziam levantar-se na brisa calida dos dias tropicaes que lhe fizera palpitar de amorosa aorta o ardido e juvenil coração, respirava agora um ar frio, lento e impuro, misto de fumaça de matrias fundas cheiros, que enchiam a boveda.

De semana em semana viravam-lhe umas taboas de laranja acida, ou uns ramos de banana a mais apodrecida, que um enxame de moscas e mosquitos vinha devorar. Quando a agua com que l'ha de saciar se arde, criava no puchuro lascado em que a bebiam, uma crosta de exverdecado limo, antes de ser removida.

Impossível é aquilatar das amargu-

ras e angustias que curula a pobre avexinha, nas vinte quatro horas do dia.

Nem sequer podia dormir, tão forte era a dor que lhe atormentava o peito.

Tambem em breve lhe caíram todas as penhas: murcha ea, magra, pallada, horrendo.

Cuidos deusas no suicidio; mas não soube como realisa-lo, he com impeto de desespero batia com a cabeça de acciden em grades da prisão, esculavrava-se dolorosamente a pelle, sem nunca conseguir a morte, trilha-se duro e cruel, exultava de tão negros descalos.

Uma viagem, porém, cabia tirar do barbaço que lhe custava a liberdade.

— Não tanto sem castar-l'outra para si; dizia elle consigo mesmo, lavrando um prurido selvagem e inquietantavel.

E justamente era o que mais incomodava o lepra do vadeiro.

— Então perguntava este, levantando o nariz para a gailia e encan-

rando o prisioneiro com physionomia tonta, quando pretende dar um arranco de sua grama? Boa vida sua, eschar a havelha, sem fazer nada que preste!

E assim iam, uma após outras, luctualmente arrastando-se os dias, sem que a sabia discrepância um a instanthe da acudada mudos.

Uma feita, em quadra de rigoroso verão, houve um calor devorador.

Quinas de las lentes e affuscaute illuminaavam a lustranca nas mais recobertas furtas, levando-lhe por toda parte o enfanguçamento e o cansaço.

Deserta de frogueira cahava a vinda.

Bocetos e alarve três ou quatro vezes ruidosamente; distendos os musculosos braços e afinal, vencido pelo cansaço, deslucos a fio completo de num tisco branco a umbra do alpendro de sapo, digno paratylo daquello tempo da sertina ganancia.

Ficou entao a- o notos-sabio.

Quis resistir à fadiga que por seu turno a levadia e não pôde. Não dormiu de todo, mas põe-se a cochilar e por tal modo, que três ou quatro vezes, esteve a valt de sua prego, levando pelo peso da cabeça e do bico.

Ah! senhou...

Borbou que a todo dar de sua straxava exteas e arido chapadão em busca de vaxoso capos de marro que vira no longe, lá bem no fundo. Alcançou-o não sem cansaço e, refrescou com algumas gottas de pura lympha o corpo que queimava.

Alçou as poucas pratas que tinha e, já mais descansado, correu os olhos pelo logar a que chegava.

Achou-o com razão todo de delicias.

Orlando deusa e virente boque, serpentava em limpido e travoso regato.

Uma aragem fresca e insinuante como o halito da sursora nas primeiras horas da manhã, ciclava ali. Nem lhe faltavam as fragranças das flores, pois nos ares se expandiam, como borboletas presas por fios invisíveis, odoríferas orchideas, e na

terra as espírradeiras silvestres e as rixos manacia desabotoavam as odorosas petalas.

Que fazer em mattaria tão amena e seductora, senão castrar?

Tambem o mesmo sabio atreu a mavisosa garganta — sempre em sono — e despejou torrens de harmonia.

Com quasi fexar respiração com seu indas as historias eua de seus paes e velhos mestres apprendera na vida de liberdade.

Primeiro que tudo exaltou as glorias da criação.

Na sua canção, linguagem de amor, veio a hora que procedo o nascer do dia; pintou as gradades da luz que vem subindo, o jubilo da terra que acorda, o berborio do da vida em suas primeiras agitações, o abitar dos insectos, o gozar dos passaros a lembrar o marmurio discreto das aguas.

Figuras em seguida o correr do dia. Insperado pela occasião, introum melhor do que elle, com mais torcisto e verdade, lembrou a languidez que quebra a força da criação nas horas mervadoras em que neta e calor.

Ela, porém, que atenta a tarde, A' lei fatal tem tambem de ceder o astro da vida. Descamba cheio de majestade e não tarda que desappareça. Resucitões os aggranos de las poucas, souca-se a natureza inteira de gas rizada, que breve vai mudar-se em negro e faseró marro. Começa o imperio da saudade e da moiga tristosa.

E' então que a jao, na mata sagrada, volta as suas pias, verdadeiras solucos de dor, e que nos chapadões as medrosas perdizes amudam os augustissimos chamados.

Em baidos, passam as punitas rixocas a voltarem nos proucos de querecia; passam tambem novias de periquitos e papagalos, por excepção silenciosas, e que se straxavam, e o recalo das lentes que vem chegando e ruidos a habitual boquela e petulancia.

E' então,

Balta a boca da fatiada lago, em que se acouba, um rugido...

E o nosso sabia parou.

Acordara espantado com o acito que dava.

Dancorrou as palpebras... e estre-mecou.

Deante delle via com terror e rui-va, o vendeiro, que, estatico e ho-moiaberto, a sativara longo tempo oculto.

— Oh! exclamou de vagar, como tanta! E um mestre! E eu que por-tordia hoje, a todo, abar-lhe a pre-ta da gaiola e mandalo passar.

Ahi o colladinho do passaro me-tilha uma pontada de pungente que julga morrer. A commoção abor-tou-lhe o peito, por instantes o suf-focou.

Depois... nem sequer pôde chorar.

Era um simples sabio, e o cor-cao supremo das lagrimas, a boarlade davina no conceder ao homem que deora a criança em peso ara seus caprichos e ao seu jugo de ferro."

Essa historia, meus meninos, re-crita pelo Visconde de Taunay, mostra nos os soffrimentos e tortu-ras que soffes os miuzos pasou-ahos, quando felizes e descuidados caem em uma armadilha, e dali para uma abjecta gaiola, ate que a mor-te os veja libertar desse martyrio.

Nosso digno e illustrado Director, afim de evitar que as crianças con-tinuem a destruir os ninhos, a mal-tratar e prender as innocentes avei-ahos, escreveu um compornhao, pelo qual todo o menino que o assi-gnar ficar obrigado ate ao a não maltratar os passaros, mas tambem a protegelos e amalos.

Estalham e amem os passaros, meus filhos, e serao felizes.

NA ESCOLA MODELO "D. PEDRO II"

Diarario da Professora Sra. Maria
Rozalia de Ambrosio

Escrito para a "Revista de Ensino"

Meus queridos alumnos!

O dia de hoje, 13 de maio, é para

todos os brasileiros, uma grande e immedeovara data.

Nella commemoracao um dos mais admiraveis e prodigiosos factos que a nossa Historia relembra — a aboli-cao da escravatura no Brazil.

Vou contar-vos em poucas pala-vras o que era a escravatura, quan-do foi introduzida em nosso pais e quando finalmente se acabou entre nos.

A escravidde era o dominio do ho-mem sobre o homem, a servidde pre-sta de um barbaro supplico, e a macha, que encobrava a nossa que-rida liberdade. Ella foi introduzida no Brazil desde o primeiro seculo de seu descobrimento, logo depois da descoberta do Brazil, havia senhores e escravos. Os senhores eram os por-tuguezes, os homens brancos; os es-cravos eram alguns selvagens que formavam a chamada escravidde vermelha, e os negros importados da Africa, que constituam a escravidde negra, sendo esta a mais amargosa-da. A escravidde era uma deshonra para o nosso pais, mas havia ainda imigrantes pelo pavor que se apoderava delle, ficando assim estacio-nario o progresso da nossa agricul-tura e da nossa industria, que só prosperam quando tem o auxilio robusto e vigoroso dos braços livres e quando trabalhadas por homens que tem aspiracoes.

Os primeiros escravos do Brazil foram, como li vos disse, os indios que eram pelos colonos portuguezes obrigados a servicos pesados. De-pois foram introduzidos os africanos pela Companhia de Commercio do Maranhão, sendo vendidos a 100000 cada um. Esses pobres negros eram tao tolos que se deixavam enganar com todas as ingenuidades, bastava mostrar-lhes uma bagigeira qual-quer, como um espelho, miangas de vidro, pedacinhos de panno listado, para se alegrarem, e assim com essas coisas pueris eram elles enganados e vendidos aos portos infectos dos

návios. Abalavam vendidos por dois almados brancos.

Esses infelizes, como se também não fossem humanos, eram marcados com ferro em brasa, a modo dos brachosões, para serem reconhecidos quando por algum fugissem. Costumava desses miseráveis africanos serem embarcados de uma vez e amontoados nos porões dos navios, quase sem ar, sem alimentos, sem roupa, sem o menor conforto.

E não era isso somente: uns subiam e morriam dentro dos próprios navios; outros, quando podiam escapar, atiravam-se ao mar e perdiam assim tempo a tantos marujos. Ainda outros, com saudades da pátria e dos rios queridos que lá deixaram, tornavam-se idiotas. Os restantes logo que chegavam ao Brasil eram vendidos para os engenhos no interior ou para as cidades e ali eram castigados barbaramente por qualquer solice que fizessem.

A escravidão não existia somente no Brasil. Várias nações como a Inglaterra e os Estados Unidos da America possuíam na época tempes remotas, como as demais nações americanas.

Quando se verificou a abolição dos escravos, governava o Brasil o nosso grande Imperador D. Pedro II, que auxiliado pelo illustre José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, muito contribuiu para a extincção gradual da escravidão em nosso territorio.

Em 1850, ainda sob o governo de D. Pedro I, compromettimo-nos o Brasil com a Inglaterra a abolir o trafico africano, compromettimo-nos que foi confirmado pela lei de 1 de novembro de 1850. Porém o Brasil fez o contracto e não cumpria permitindo que durante 20 annos ainda continuasse a infamante importação dos escravos, que attingiu a cifra de 200.000.

A Inglaterra protestou contra o desrespeito as clausulas daquelle convenio, promulgando o governo

brasileiro a lei de 1 de setembro de 1850, assignada pelo eminente estadista Euzébio de Queiroz Coutinho Mattos Camara, a qual prohibiu aquelle trafico, impondo penas severas aos contrabandistas. Desconfiando a Inglaterra que a lei não fosse executada com lealdade, constituiu-se protectora dos negros africanos, decretando por sua vez por intermedio de seu ministro Aberdeen, uma lei que sujeitava os navios e subditos brasileiros suspeitos de traficantes de escravos, ao julgamento dos tribunaes ingleses, sendo punidos como piratas. Essa lei tomou o nome de "bill Aberdeen" e constituiu uma humilhação para a nossa soberania. Ficamos reduzidos ao triste papel de ver as nossas actoes de politica interna fiscalizadas por uma nação estrangeira.

Mas nós não tínhamos cumprido a nossa palavra. E quem não cumpre a sua palavra passa-se sempre por humilhação. O Brasil protestou contra a acção prepotente da Inglaterra, mas não obstante haver cessado a exigencia abusiva, ficou na nossa historia essa pagina de que nós não podemos orgulhar.

Em 3 de junho de 1851 appareceu uma nova lei brasileira editada por Nabuco de Araujo, então ministro da justiça, que perseguia mais de perto os traficantes, e no dia 28 de setembro de 1851 foi promulgada a lei n. 2040, chamada Lei do ventre livre, pelo eminente estadista José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco. Essa lei dava a liberdade aos filhos de escravos nascidos daquelle data em diante. Mas, essa lei não devia ser chamada lei do ventre livre, uma vez que obrigava ainda os menores a ficarem em poder e sob a autoridade dos senhores de suas mães, os quaes ficariam com a obrigação de criá-los e tratá-los até a idade de 2 annos completos. Chegando o filho da escrava a essa idade, o senhor da mãe ainda tinha a preferéncia ou de re-

ceber do Estado a indemnização de quantos ou de utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 annos completos.

No primeiro caso o governo recebia o menor e lhe dava destino conforme aquella lei. A indemnização pecuniaria assim fixada era paga em títulos de renda com o juro annual de 6 %, os quaes eram considerados extintos no fim de 30 annos.

Essa lei não satisfazia ainda o desejo dos verdadeiros abolicionistas que continuavam na sua campanha de obter a definitiva libertação dos escravos.

Essa campanha tornava-se cada vez mais intensa. Joaquim Nabuco, o maximo Lethalizador da escravidão, separando-se com a maioria de outros abolicionistas no dia 9 de julho de 1884 a Sociedade Brasileira contra a Escravidão. A campanha pela abolição immediata intensificava-se cada vez mais. Surgiam novos abolicionistas, compatriotas que faziam da libertação dos captivos dever de consciência, de dignidade nacional.

Nas praças publicas, nas tribunas, nos theatros, em fim em toda parte não se falava de outra coisa a não ser livrar o Brazil da pecha infame de negreiro. E foi assim que por decreto n. 3270 de 28 de setembro de 1888, foi sancionada a lei obtida pelo ministerio presidido pelo conselheiro José Antonio Saraiva, e pela qual eram declarados livres os escravos maiores de 60 annos. Essa lei tomou o nome de Lei Saraiva, em honra do veneravel estadista que a levou ao parlamento.

Nas escolas e no exercito a questão continava a apaixonar ainda os espiritos, fazendo-se tomar partido decisivo pela completa extincção dos escravos. Distinguiram-se nos ultimos tempos pelo seu grande ardor, Ray Barbosa, Ferreira de Araujo, Benjamin Constant, Miguel Lemos, Teixeira Mendes, João Clapp, Antonio Bento, Antonio Prado e entre os da raça negra, Luis Gama, André

Rebouças, José do Patrocínio e Ferreira de Macedo.

Inspirado pela onda abolicionista, o governo imperial organizou um ministerio presidido por João Alfredo Corrêa de Oliveira, illustre parlamentarista, que conseguiu a lei de 13 de maio de 1888 chamada Lei Auréa, a qual declarava completamente extinta a escravidão no Brazil. Essa lei foi promulgada pela Princesa D. Isabel na anniversaria do seu pai, D. Pedro II, sendo Sua Alteza por isso chamada a Redemptora.

Agora para terminar vou contar-vos a historia do meu protello que nasceu na Bahia, logo depois da Lei do ventre livre.

Chamava-se Luis Gama e era filho de uma negra tambem livre, quilandeira, e de pai branco, rico e de uma das principaes familias. Tendo esse homem esbanjado toda sua fortuna, ficou reduzido a miseria. Um dia mandou que a mãe de Luis vendesse o filho, pois queria levá-lo a passar. Conduzido-o a bordo de uma embarcação, ali o vendeu. Apesar de contar apenas 10 annos de idade, Luis que era extremamente vivo, percebeu a dupla infamia de seu pai e gritou forte, quando elle mercatizadamente se ia retirando:

— Meu pai, o senhor me vendeu.

Avalia, agora, a dor daquella mãe, não vendo mais o seu querido filho. Luis Gama cresceu, estudou, teve a liberdade, chegou a formar-se em direito e foi um admiravel jurista em S. Paulo, além de ser poeta de grande inspiração. Porém nunca mais teve noticia daquella que para sempre o perdera, apesar das pesquisas incansaveis que fez durante toda a vida.

A mãe de Luis Gama julgava-se que quase esqueceu de dar, e andou de deo em deo, sem possada e sem trabalho assiduo, apenas preocupada em relatar o filho inexistente e amado que o destino marcou com o ferrete da desventura.

Portanto, meus queridos alunos, comemorando hoje a data gloriosa de 13 de maio, não devemos esquecer nunca os benefícios prestados ao nosso querido Brasil por todos esses grandes homens de que vos falei, guardando no íntimo de nossas consciências, como gróido de gratidão, a imagem insubstituível de D. Isabel, a Redemptora, para que o reflexo de sua glória permaneça sempre vivo em nossas almas.

NO GRUPO ESCOLAR "THOMAS ESPINDOLA"

Discursos da Professora Sra. Maria da Conceição Maciel

(Continua para a "Revista de Ensino")

Prezados alunos:

A data que nesta brilhante tarde celebramos entre laços patrióticos, é das mais significativas da nossa história, pois nos lembra um dos factos mais importantes de nossa vida política — a extinção da escravidão no Brasil.

Existiam, há muito tempo, vendidos na sociedade brasileira, negros e escravos, estes — homens de cor, comprados, importados da África, os quais desempenhavam os mais rudes trabalhos e recebiam os mais íngremos prémios da parte daqueles, — que representavam a casta privilegiada dos ricos e afluente.

Era, portanto, a escravidão, uma ignominia, que muito fez degenerar as cores consagradas da bandeira do Império. Em vez de fazer prosperar a industria, o commercio do Brasil, como se mostra nos livros de historia, a escravidão, muito pelo contrario, o que fez foi urnar estagnação e progresso de nossa agricultura, da nossa industria, do nosso commercio em geral, que só prosperaram quando além de terem o auxílio vigoroso de braços livres, foram auxiliados igualmente por homens livres.

A escravidão não existia somente no Brasil; varias nações, como a Inglaterra, a França, Espanha, os Estados Unidos e Portugal, também a tiveram, fruto da mentalidade do tempo. Nos Estados Unidos, chegou a levantar-se, durante cerca de 2 annos, uma guerra civil, denominada "guerra de secessão" ou separação entre os Estados yanques, que queriam não a liberdade, mas a escravidão.

Se bem que tenhamos dos ultimos tempos em favor a emancipação dos escravos, podemos orgulhar-nos de ter effectuado essa reforma social sem derramamento de sangue, e sem expulso de alagris, honra e fortuna, tal segundo a historiarista nativa J. M. Macedo — "Lições de Historia do Brasil", p. 428.

No Brasil, as raças captivas foram a dos indios selvagens, que eram pelos colonos portuguezes usados a trabalhos duros, e a dos africanos, que viam em navios de vela para trabalhar nas fazendas de nossa terra, havendo por consequente o que se chamou a escravidão vermelha, como se dizia da primeira, e a escravidão negra, da segunda. Com a descoberta de vastas e ricas regiões para o oeste do país, a escravidão vermelha augmentou consideravelmente no século XVI.

Enquanto que o clima tropical daquelles dominios fortalecia os nativos da terra, tornava-se rude e cruel para o aventureiro explorador que ali definhava e morria.

Era preciso, pois, aproveitar o trabalho dos selvagens pois que a visível inferioridade intellectual e cultural e a diversidade de raças do indio, e consequentemente de hábitos e de modo de vida, animavam os europeus a se libertarem do trabalho indigena que não exigia remuneração ou pagamento de especie alguma. Ficava portanto o trabalho reservado ao indigena, e o produto ao europeu.

Quando Cabral descobriu o Bra-

o comércio de escravos era conhecida no Velho Mundo.

Milhares de negros tinham sido apunhados no continente africano e vendidos na Europa para a cultura dos campos e para o serviço doméstico.

Toda a sorte de crueldade era praticada com os pobres escravos e pouco de serem tratados com fome e fome, além de não haver confusão de uns com os outros, a exemplo de que se fazia com o gado.

Entretanto, não tardou muito que um favor dos indígenas ao fim do século a influência benéfica da Igreja. Assim, é que a voz poderosa do dominicano Bartolomé Las-Casas, Bispo de Chiapa, na America espanhola, se havia levantado em favor dos índios, conseguindo medidas protectoras para a liberdade d'elles, tornando-se por isso o grande benefactor, o inextinguível e venerando apóstolo dos gentios.

Não obstante haver grande campanha contra a instituição da escravidão, somente em maio de 1789 foi decretada a liberdade de todos os factos do Brazil.

Livros os índios, restava o captivo dos africanos, introduzidos em maior escala pela Companhia do Commercio do Maranhão, que os vendia por tostões a cabeça, importancia não pequena aquellos tempos.

Essas colaturas não recebiam prazeres nem recompensas: trabalhavam sob as vistas de um feitor, homem cruel que os dirigia a chicote.

A redempção do sangue africano no Brazil, que até então se affliguava um problema insalvavel, começou a dar os primeiros passos no anno de 1831, em que uma sabia lei veio abolir o trafico dos escravos.

Em 1850, porém, é que foi posta em execução essa lei, graças a energia do eminente brasileiro Euzébio de Queiroz.

Era preciso agora extinguir a es-

cravidão implantada em nossa terra. Para esse fim, uma corajosa campanha foi movida por illustres e honrados brasileiros, entre os quaes: Ferdinando Malheiros, Joaquim Nabuco, Tavares Bastos, Ray Barbosa, Luis Gama, José do Patrocínio, Ferreira de Mesquita, André Rebouças e outros muitos.

Em 28 de setembro de 1851, o grande brasileiro José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, que era então ministro, conseguiu fazer passar nas Caméras a lei chamada da "Ventre livre", que extinguiu daquella data em diante a condição servil. Apressava essa lei a extinção dos escravos, sem todavia dar-lhe o golpe decisivo. Em 1851, com iniciativa propria, as provincias de Ceará e do Amazonas começaram uma nova phase do movimento com a libertação de todos os seus escravos.

Ao mesmo tempo que as outras provincias. Alagoas tambem fazia ingressar as fileiras dos libertadores. Aqui tambem houve grandes e abnegados amigos da fraternidade, da igualdade de todos os homens perante Deus e de todos os brasileiros perante as leis do país.

A essa provincia não se ufana menos do que as outras provincias libertadoras, de haver dado helyo forte e decisivo a campanha redempcionista.

Aqui se criou a sociedade "Liberadora Alagoana", cujo nome ainda hoje perdura numa das mais nobres ruas da nossa capital.

O Instituto Archeologico e a benemerita Perseverança e Auxilio dos Empregados no Commercio guardam muitos commoveedores da accão dos nossos illustres patriotas Dr. Dias Cabral, Dr. Diogenes Junior, Dr. José Duarte, Prof. Francisco Domingues, José Domingos Lordalhem e outros em beneficio dos escravos recolhidos e afilhados sob a bandeira da "Liberadora Alagoana".

Portanto, meus queridos alunos, comemorando hoje a data gloriosa de 13 de maio, não devemos esquecer nunca os benefícios prestados ao nosso querido Brasil por todos esses grandes homens de que vos falei, guardando no íntimo do nosso coração, como preço de gratidão, a imagem inesquecível de D. Teófilo, o Bachanteira, para que o reflexo de sua glória permaneça sempre fixo em nossas almas.

NO GRUPO ESCOLAR "THOMAS ESPINDOLA"

Discursos da Professora Sra. Maria da Conceição Maciel

(Instit. para a "Revista de Ensino")

Prezados alunos:

A data que hoje lembramos com alegria entre homens patrióticos, é das mais significativas da nossa história, pois nos lembra um dos factos mais importantes de nossa vida política — a extinção da escravidão no Brasil.

Existiam, há meio século passado, na sociedade brasileira, senhores e escravos, estes — homens de cor, comprados, importados da África, os quais desempenhavam os mais rudes trabalhos e recebiam os mais míseros prémios da parte daqueles, — que representavam a casta privilegiada dos ricos e aignos.

Era, portanto, a escravidão, uma ignominia, que muito fez desmerecer as cores consagradas da bandeira do império. Em vez de fazer prosperar a industria, o commercio do Brasil, como se ensina nos livros de historia, a escravidão, muito pelo contrario, e que fez tal tornar estacionario o progresso da nossa agricultura, da nossa industria, do nosso commercio em geral, que se prosperaram quando além de terem o auxilio vigoroso de braços livres, foram auxiliados igualmente por homens livres.

A escravidão não existia somente no Brasil; varias nações, como a Inglaterra, a França, Espanha, os Estados Unidos e Portugal, tinham a liberdade, fruto da mentalidade do tempo. Nos Estados Unidos, chegou a travar-se, durante cerca de 4 annos, uma guerra civil, denominada "guerra de secessão" em consequência entre os Estados yankees, que queriam uma a liberdade, outros a escravidão.

Se bem que fôramos dos ultimos a sermos em fazer a emancipação dos escravos, podemos orgulhar-nos de ter effectuado essa reforma social sem derramamento de sangue, e com uma vida de alegria interior e fraternal, segundo o historiador patriota J. M. Macedo — "Lições de Historia do Brasil", p. 425.

No Brasil, as duas espécies tornam a dar indies selvagens, que eram pelos colonos portuguezes usados a trabalhos forçados, e a dos africanos, que viam em navios de velas para trabalhar nas fazendas de sesmarias, ficando por consequente o que se chamou a escravidão vermelha, como se dizia da primeira, e a escravidão negra, da segunda. Com a descoberta de vastas e ricas regiões para o centro da pátria, a escravidão vermelha augmentou consideravelmente no século XVI.

Enquanto que o clima tropical daquelles demoradas fortalezas se apertava da terra, tornava-se rude e cruel para o aventureiro explorador que ali desistava e morria.

Era preciso, pois, aproveitar o trabalho dos selvícolas, pois que a visível inferioridade intellectual e cultural e a diversidade de raça do indio, e consequentemente de hábitos e de modo de vida, animavam o europeu a senhoresar-se do trabalho indigena que não exigia remuneração ou pagamento de especie alguma. Ficava portanto o trabalho reservado ao indigena, e o provento ao colono.

Quando Cabral descobriu o Bra-

de, já o commercio de escravos era conhecido no Velho Mundo.

Milhares de negros haviam sido apunhalados no continente africano e vendidos na Europa para a cultura dos campos e para o serviço doméstico.

Toda a sorte de crueldade era praticada com os pobres escravos e pouco de serem mandados sem ferros em briga, afim de não haver confusão de uns com os outros, a exemplo do que se fazia com o gado.

Entretanto, não tardou muito que um favor dos Indígenas ao Euzébio sentiu a influencia benéfica da Igreja. Assim, é que a voz poderosa do dominicano Bartholomeu Lourenço, Bispo de Chiapa, na America Central, se havia levantado em favor dos Indios, conseguindo medidas protectoras para a liberdade d'elles, tornando-se por isso o grande benfeitor, o inextinguivel e veneravel apostolo dos gentios.

Não obstante haver grande campanha contra a monstruosa lei da escravidão, somente em maio de 1789 foi decretada a liberdade de todos os Indios do Brazil.

Livres os Indios, restavam o captivo negro dos africanos, introduzidos em maior escala pela Companhia de Commercio do Maranhão, que os vendia por tostões a cabeça, importancia não pequena aquellos tempos.

Essas criaturas não esboçavam praxeos sem recompensas; trabalhavam sob as vistas de um feitor, homem cruel que os dirigia a cobiçote.

A redempção do negro africano no Brazil, que até então se affigera va um problema intacavel, começou a dar os primeiros passos no anno de 1831, em que uma lei lhe veio abolir o trafico das escravos.

Em 1835, porém, é que foi posta em execução essa lei, graças a energia do eminente brasileiro Euzébio de Queiroz.

Era preciso agora extinguir a es-

cravidão implantada em nossa terra. Para esse fim, uma grande campanha foi movida por illustres e benemeritos brasileiros, entre os quaes: Ferdigio Malheiros, Joaquim Nabuco, Tavares Bastos, Roy Barbosa, Luis Gama, José do Patrocínio, Ferreira de Mendonça, André Rebouças e outros muitos.

Em 28 de setembro de 1851, o grande brasileiro José Maria de Sá, Visconde de Rio Branco, que era então ministro, conseguiu fazer passar nas Cortes a lei chamada do "Ventre Livre", que extinguiu aquella data em desatto a condicão de escravidão. Apresentava essa lei a extirpação das escravos, sem todavia dar-lhe o golpe decisivo. Em 1854, por iniciativa propria, as provincias do Ceará e de Pernambuco começaram uma nova phase do movimento com a libertação de todos os seus escravos.

Ao mesmo tempo que as outras provincias, Alagoas também fazia regresso as fileiras dos libertadores. Aqui tambem houve grandes e abnegados amigos da fraternidade, da igualdade de todos os homens perante Deus e de todos os brasileiros perante as leis do país.

A essa provincia não se afiançava mente de que as outras provincias libertadoras, de haver dado braco forte e decidido à campanha redemptora.

Aqui se criou a sociedade "Libertadora Alagoana", cujo nome ainda hoje perdura como das mais fideles nas ruas da nossa capital.

O Instituto Archeologico e a benemerita Perseverança e Auxilio dos Empregados ao Commercio guardam ainda como valores da nossa historia os nomes illustres patriotas Dr. Dias Cabral, Dr. Diogenes Junior, Dr. José Duarte, Prof. Francisco Demingues, José Domingues Lucidolles e outros em beneficio dos escravos, apunhalados e apunhalados sob a bandeira da "Libertadora Alagoana".

Devemos, meus queridos alunos, lembrar-nos sempre desses homens excepcionaes do nosso passado, cujas virtudes nos dão estímulo para procedermos sempre com dignidade.

Nós nos orgulhamos da sua nobreza de alma, a qual revertei magnificamente em honras para a pátria combata.

No acto de 1888, a 28 de setembro, mais uma victoria alcançaram os abolicionistas em favor dos infelizes escravos: uma nova lei, pela qual muito trabalho o grande brasileiro João Maurício Wanderley, barão de Cotegipe, declarou livres os escravos que tivessem completado sessenta annos.

E assim, de victoria em victoria, já pela imprensa, já pela tribuna, os incansaveis propagandistas conseguiram com a lei de 13 de maio de

1888 a extincção completa da escravidão no Brasil, por proposta do ministro do Imperio, o conselheiro João Alfredo.

Foi essa lei, a celebrada "Lei aurea", assignada pela princesa imperial D. Isabel, então regente do Imperio, na ausencia de D. Pedro II que viajava na Europa, pela ultima vez, como Imperador do Brasil.

Entretanto, só muito tempo depois, a escravidão foi abolida completamente no nosso territorio, porque além da noticia ter chegado tarde ás provincias, os senhores astuciosos e perversos a recordaram longamente.

Por isso esta data é significativa e gloriosa, cheia de luz e belleza, e em sua honra nos reunimos hoje, para celebrarmos o culto e a grandeza da Pátria.

Classificação das línguas

Heliécio Mota

(CONTINUAÇÃO DA "REVISTA DE ENSINO")

A classificação das línguas abrange vários aspectos. Há diferentes classificações, todas mais ou menos defeituosas, deixando que desejar. Temos as seguintes: Em línguas geográficas, genealógicas, ethnológicas, psychológicas, literárias, não literárias ou populares e morphológicas.

A classificação geographica estuda as línguas ligando-as á divisão geographica do globo; parece, de momento, a mais logica, mas não nos offerece uma base segura: devido ás guerras, ás conquistas, ao progresso das raças e dos povos, seria impossível mantê-la; também não exprimem a verdade as expressões: línguas da Europa, da Asia, da America, da Africa, da Oceania; assim o arabe não só domina a vasta península arabica, como se estende á Africa e á Asia; o portuguez que além de falado em Portugal, o é na Asia e na Africa, atravessa o Atlantico e é falado no Brasil por 36 milhões de habitantes. O grego e os idiomas da India septentrional, ligados por parentescos muito proxima, são entre si separados pelas línguas altaicas, as quaes lhe são muito differentes. Temos de repetir, com A. Hovelacque, que esta divisão não respeita as suas analogias morphologicas nem os laços de parentesco.

A ethnologica, firmada nos caracteres ethnicos, também não nos dá melhor segurança: folheando a historia, vê-se que as línguas não coincidem com as raças, como também não se conhecem os caracteres ethnicos distinctivos que separam fundamentalmente, os navarrinos, guipuscoanos, os bascones, os asturianos, os andaluzes e os bascos; todos espanhóes, expressões da mesma raça; entretanto o vascones ou euscans, que é falado em ambas as encostas dos Pyreneus, pelos bascos, muito differe do espanhol, idioma que nos offerece grande interesse e do qual Teylor disse ser uma ilha linguistica no vasto oceano aryano.

A genealógica, collocando as línguas em grupos de famílias, filiadas a um só tronco, igualmente pode ser acclimada de falha; Frederico Muller, referindo-se a esta classificação, assim se exprime: "As raças humanas, as doze grandes raças humanas, se formaram antes da constituição das línguas, não havendo correspondencia entre a origem linguistica e a ethnica; não passa de uma affirmação sem fundamento a classificação genealógica, mesmo porque a pluralidade das línguas e dialectos existentes accruta a impossibilidade de uma origem common do genero humano".

Sem duvida os caracteres ethnicos têm grande valor aos olhos do naturalista; não devem, porém, preoccupar ao glotologo, como dado exclusivo para uma classificação de linguas; assim é que idiomas de diversa estrutura flexional e syntactica, de construcção differente, são encontrados ao lado uns dos outros; temos o dos negros da Guiné e os dialectos Cafres; a lingua dos Holentotes e a dos Papuas.

A classificação psychologica, estudando os processos e os meios de que se servem as varias linguas para exprimirem as operações psychicas, ainda não pode ser louvada, visto não attentar na estrutura das linguas, assumpto principal em glotologia, como attingir a vaga metaphysica.

A classificação das linguas em literarias, não literarias, cultas e incultas, não considerando em estrutura seus elementos histologicos, prendendo-se a um só caracter, phenomeno exterior das linguas, não nos apresenta melhor base que as classificações anteriores.

A classificação morphologica, que foi proposta por Frederico Schlegel, nos parece a mais segura, porque considera a estrutura das linguas e o exame das palavras consideradas em sua forma. Schlegel divide as linguas em: linguas sem flexão ou monosyllabicas, linguas affixivas, agglutinativas ou agglomerativas e linguas de flexão ou flexivas. Na primeira classe estão as linguas compostas de palavras — raizes monosyllabicas. Estas linguas não possuem elementos derivativos; da posição das palavras (raizes) na oração ou na phrase dependem as funções que representam: pela posição e pela entonação especial que se lhes dá as palavras exprimem significados differentes, sabendo-se se são um substantivo, pronome ou qualquer outra categoria grammatical. As raizes simples têm significação propria e independente, com ellas se compõe a phrase.

Estas linguas não têm estrutura grammatical, mas dispõem de uma rigorosa syntaxe.

Nessa classe podemos citar: o chinês, o siamês, o annamita, o tibetano.

O chinês possui quatro dialectos: a lingua nacional ou mandarim, que se fala em Nankim; o de Cantão, o de Tupalam e o cochinchinês.

Na classe das agglomerativas, certas raizes, quando unidas á raiz principal, perdem o caracter de independência, isto é, tornam-se elementos de relação, conservando a raiz principal o seu caracter inalteravel. Nesta classe temos: na America a lingua e dialectos dos indigenas; na Africa as linguas bantas; na Asia os idiomas altaicos; na Oceania os do grupo malayo-polynésico; na Europa o hebreo.

EMPRESA GOYTACAZES DE SORTEIOS

ENTRADA E PRODUÇÃO PELA EMPRESA PÚBLICA

Séde social: Rua 2 de Dezembro n. 134
MACETÓ

Estado de Alagoas

Endereço Telegr.: GOYTACAZES

A maior e a mais importante empresa de sorteios da America do Sul

Em vida, ella é o amparo das familias, e em caso de morte
é a auxiladora efficaz e oportuna

BUSCAE A GOYTACAZES

A previdencia é sempre obra da intelligencia equilibrada

A "Goytacazes" tira as seas associadas de difficuldades, com
segurancas e juros medicos. Distribue, todos os
meses, loterias sem contribucão. PREFERE A GOYTACAZES.

Contribuição de 2\$000 para 156 premios.

1\$500 é o custo de uma caderneta logo ha-
bilitada ao primeiro sorteio que correr

SORTEIOS TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS
HA MITTALIS-VOM!

ESPEREM OS PRÓXIMOS sorteios até o valor de 15.000\$

CAPITAL PRATO : 200.000\$
CAPITAL NOVEL : 400.000\$

JOÃO DAVINO

Rua 2 de Dezembro ns. 142 e 148

≡ **Maceió** ≡

ESTADO DE ALAGOAS

TELEFONE L. 42

Endereço Telegráfico: MIDE

Armazem de molhados

Vendas em grosso e a retalho

Na lingua dos Indigenas da America, dá-se por ellido ou contracção de conso a incorporação dos elementos das proposições, e por isso são chamadas incorporativas ou polysyntheticas. Essas idiomas tendem a fazer compostos indefinidos. Por syncope, contracções e elipses resumem num só vocabulo de grande extensão phrases e sentenças inteiras.

As linguas de flexão nos apresentam uma estrutura mais perfeita e são tidas como procedentes da agglutinação. Como estas se prendem ao monosyllabismo, consiste sua estrutura em que a raíz, indicando as diversas relações, pode experimentar modificações phoneticas. São así classificadas: o hebreu, o phenicio, o arabe, todas as linguas semiticas, o sanscrito, o grego, o latim, o eslavico, o germanico, o cellico, todas as linguas indo-europeas ou aricas.

Resumindo: nas linguas monosyllabicas só se conhecem raizes puras com significação independente; nas agglomerativas uma das raizes é inalteravel, sendo o elemento morphico; as outras que se juntam ao seu organismo perdem o caracter de independente, nas inflexivas ha a fusão das raizes (que em si mesmas podem soffrer alteração) e dos elementos derivativos, sendo impossível a existencia isolada de um delles. A alteração phonetica que se não dá nas linguas monosyllabicas nem nas agglomerativas, nas inflexivas existe não só na raíz como nos elementos agglomerativos.

Alfredo Murray, assim se exprime: "Nas monosyllabicas a lingua é inorganica, nas agglomerativas o seu organismo é indivisivel, uma sorte de vegetação analogá ás plantas cryptogamicas sem centros vitales nem apparatus de funcções (1); nas de flexão o organismo é completo, todos os órgãos especiaes são criados, bem que originariamente se achem em dependência escassa e seja necessario um movimento analytic, trazido pelo tempo, para os tornar mais independente".

Esta classificação morphologica, conquanto não seja perfeita, é a mais conveniente que se quida.

DAS LINGUAS INDO-EUROPEAS TAMBEM CHAMADAS ARYANAS OU ARYICAS

Nessa familia estão classificadas as linguas de flexão, algumas já mortas, outras faladas em quase toda a Europa e no occidente da Asia. Eopp nos ensina que essas linguas se unem muito intimamente: o sanscrito, o sendo, o persico, o grego, o latim, o cellico, o lithuanico.

(1) Observações modernas nos conduzem a conclusões differentes sobre as plantas cryptogamicas.

JOÃO DAVINO

Rua 2 de Dezembro ns. 142 e 148

— Maceió —

ESTADO DE ALAGOAS

TELEFONE L. 42

Endereço Telefônico: 1478

Armazem de molhados

Vendas em grosso e a retalho

Na lingua dos Indigenas da America, dá-se por ellão ou contracção de sons a incorporação dos elementos das progressões, e por isso são chamadas incorporativas ou poly-syntheticas. Esses idiomas tendem a fazer compostos indefinidos. Por syncope, contracções e elipses resumem num só vocabulo de grande extensão phrases e sentenças inteiras.

As linguas de flexão nos apresentam uma estrutura mais perfeita e são tidas como procedentes da agglutinação. Como estas se prendem ao monosyllabismo, consiste sua estrutura em que a raiz, indicando as diversas relações, pode experimentar modificações phoneticas. São ahí classificadas: o hebreu, o phenicio, o arabe, todas as linguas semiticas, o sanscrito, o grego, o latim, o eslavo, o germanico, o celtico, todas as linguas indo-europeas ou aricas.

Resumindo: nas linguas monosyllabicas só se conhecem raizes puras com significação independente; nas agglomerativas uma das raizes é inalteravel, sendo o elemento morphico; as outras que se juritam ao seu organismo perdem o caracter de independente; nas inflexivas ha a fusão das raizes (que em si mesmas podem soffrer alteração) e dos elementos derivativas, sendo impossivel a existencia isolada de um delles. A alteração phonetica que se não dá nas linguas monosyllabicas nem nas agglomerativas, nas inflexivas existe não só na raiz como nos elementos agglomerativos.

Alfredo Murray, assim se exprime: " Nas monosyllabicas a lingua é inorganica, nas agglomerativas o seu organismo é indivisivel, uma sorte de vegetação analogá ás plantas cryptogamicas sem centros vitaes nemapparellhos de funcções (1); nas de flexão o organismo é completo, todas os orgãos especiais são criados, bem que originariamente se achem em dependencia estreita e seja necessario um movimento analytico, traçado pelo tempo, para se tornar mais independente".

Esta classificação morphologica, conquanto não seja perfeita, é a mais communmente seguida.

DAS LINGUAS INDO-EUROPEAS TAMBEM CHAMADAS ARYANAS OU ARICAS

Nessa familia estão classificadas as linguas de flexão, algumas já mortas, outras faladas em quase toda a Europa e no occidente da Asia. Eopp nos crêna que essas linguas se unem muito intimamente: o sanscrito, o zendo, o persa, o grego, o latim, o celtico, o lithuano.

(1) Observações modernas nos conduzem a conclusões differentes sobre as plantas cryptogamicas.

A glotologia, por estudos patientes e sábias escavações, nos fez ver que todas estas línguas indo-europeias mantêm certas relações e se ligam numa só forma, que embora perdida, foi pacientemente reconstruída.

Assim as línguas indo-europeias fletaram filiações a uma só língua primitiva, falada segundo opinião de alguns investigadores na chapada central da Ásia, segundo outras na zona limitada a leste com o Himalayas e a oeste com o Atlantico.

As línguas indo-europeias comportam dois grandes ramos: o indio, asiático ou aryo e o europeu. O primeiro se subdivide em línguas índias e línguas iranianas. O nome iranico originou-se de Iran, pelo qual era conhecida a grande planura que abrange a Persia, o Afghanistan e o Beluchistão.

As línguas índias compreendem: 1) o sanscrito, a mais antiga. Sua literatura vem dos Vedas ou sejam 2.000 annos A. C. É a língua classica e liturgica, a língua dos brahmanes; 2) os dialectos pracritos, destacando-se entre elles o pali, que é a língua sagrada dos budhistas da India oriental e meridional. Fazão referências nessa lingua as inscripções mais antigas da India; 3) as idiomas vulgares, oriundos dos antigos idiomas pracritos: o Bengali, o assami, oriya, falados na região oriental e ao occidente para a embocadura do Indo; o sindi, o hindustani, falado na região central, o mahratta, que se fala ao sul.

As línguas iranianas compreendem: o zendó, o persa antigo e o moderno.

O Zendó é a língua do fundador da religião dos irano-persas que foi Zoroastro.

O persa antigo, língua de Dario e de Xerxes, nos legou as inscripções emelformes.

O ramo europeu abrange as seguintes famílias: celtica, germanica, letto-eslava, helenica, italiana.

A família celtica se divide em dois grupos: o celtaico e o gaelico.

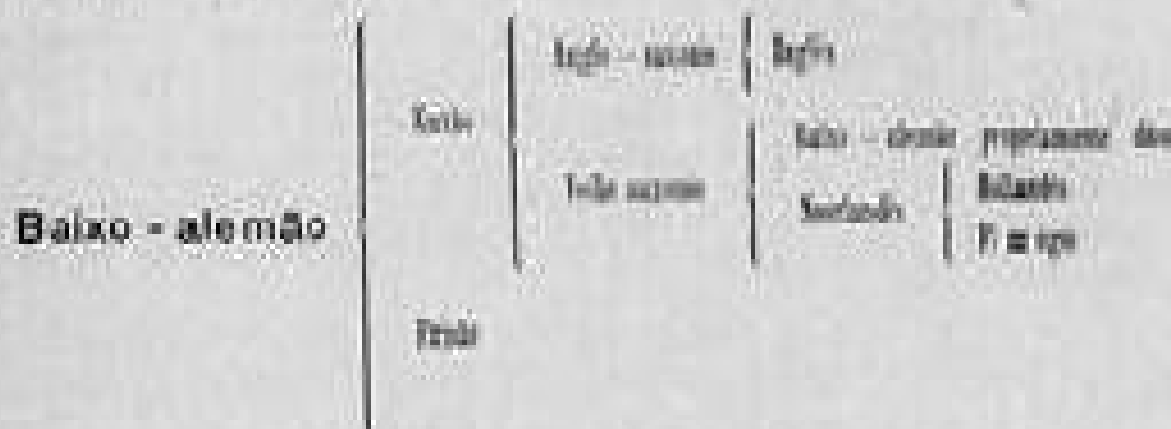
O primeiro compreende: o galles, língua do País de Galles, o cornico hoje morto, falado na Cornualha, o baixo bretão, falado na Bretanha franceza.

O gaelico subdivide-se no irlandês, eraso, falado ao N. da Escocia; o manihês, dialecto da ilha de Man.

A família teutonica comprehende: 1) o gothico, que conhecemos através da traducção da biblia de um original grego feito pelo bispo Wulfilas, língua extincta desde o seculo IX; 2) o baixo alemão ou saxonio de que procedem o inglês moderno, o Plattdeutsch ou baixo alemão moderno, falado ao N. da Alemanha e o holandês.

O baixo alemão ou axonário deu primeira origem a dois ramos distintos: o saxão e o frisão.

Ao saxão estão ligados varios idiomas, conforme o quadro abaixo, extrahido de A. Hovelacque, cuja obra foi traduzida por Candido Figueiredo.



Na sua formação evolutiva tem o Inglês três periodos: o antigo, o medio e o moderno.

O primeiro vai da metade do seculo XIII a metade do seculo XIV, assemelha-se neste periodo ao anglo saxão; o segundo vai até ao meio do seculo XIV, quando se modifica e toma sua forma definitiva; 3) o escandinavo e os seus dialectos, norueguês, islandês, sueco, dinamarquês, tendo este ultimo progredido bastante, avançando do mais que os outros; 4) o alto alemão, lingua literaria, afincado nas linguas da Europa central e está subdividido em antigo, medio e moderno.

O antigo correspondente aos seculos VII e IX, o medio aos XII e XVI, começando o moderno com a reforma de Lutero.

A familia leto-eslava se subdivide: 1) em leto ou letão antigo, já extinto e o letão que se fala em Lituania; 2) o eslavonico que abrange o russo, o polaco, o bohemio, o bulgare, o illyrico, o servio, o eslavonico.

A familia helénica comprehende o grego antigo, o moderno ou turquico. Do grego antigo são conhecidos os seguintes dialectos: a) dialectos jonicos, divididos em jonico antigo ou epiico, no qual escreveram Homero e Hesíodo; o novo jonico, lingua de Herodoto e Píppocates; o attico, lingua usual de Athenas, lingua de Aristophanes, Platão, Eschylo, Sophocles, Euripides, Thucydides, Demosthenes. Actualmente só é encontrado nas inscrições, é mais ou menos semelhante ao jonico. O attico decalou, tornando-se, na idade media, no byzantino, que foi sucedido pelo grego moderno ou românico; b) os dialectos doricos (dorio, laconico, corinthio, cretense), dialecto lesbio, no qual escreveram Alceo e Sapho; os dialectos da Grecia septentrional, o thessalico, o beocio e alguns outros.

O grupo moderno ou românico, posterior à queda do Império byzantino, não está muito afastado da língua clássica que lhe deu origem há uns 20 séculos.

A família italiana é conhecida pelo latim, pela óscia, umbriica, antigos dialectos da Italia, e pelo etrusco.

Do óscio, que se falava no sul em Samnio e Campania, do qual temos notícias por algumas inscrições, como as tabuas de bronze de Agnona, as de Bantia e a pedra de Abella. O umbriico falava-se no N. E. da Península, liga-se a elle o volscio.

Do umbriico temos conhecimento pelas Tabuas Etruscas, sete tabuas de bronze que trahem as inscrições referentes a uma corporação de sacerdotes; foram descobertas em 1444 perto de Gubbio, na Italia.

Do etrusco, ha a inscrição encontrada na Ilha de Lemnos, as quaes identificam os Etruscos nos Tyrrenhos, Pelasgicos do Mediterraneo.

Temos finalmente o latim que deu nascimento ás línguas neo-latinas ou romanças.

O latim por successivas e lentas transformações, soffridas nos países da Europa Meridional, deu origem ao italiano, provençal, francês, espanhol, ladino, valacquo e ao portuguez.

Esses dialectos, pelas suas condições historicas, physicas, physiologicas e sociologicas, tornaram-se em línguas que são o latim vulgar sobre diversas zonas.

O latim vulgar é a lingua que os legiões romanos levaram aos povos submettidos ao seu jugo. Esta se differencia do baixo latim por ser apenas falado e não escripto.

As hostes romanas delle se utilizavam, pois eram compostas de soldados espanhols, illyricos, romanos e africanos, verdadeira mescla de elementos heterogeneos, dahi o diturno do latim vulgar; tambem, querendo os sacerdotes diffundir o christianismo entre os vencidos, lançavam mão dos processos analyticos, abandonando o mechanismo da synthese, tão vaidade na purpura lingua de Cicero.

ORIGEM E FILIAÇÃO DA LINGUA PORTUGUESA

O latim tirou es seu nome do pequeno territorio do Lacio (Latium) que fica situado na Italia Meridional. Foi como o óscio, o umbriico, o sannito, o volscio, o sabino, simple e lingua falada. Não tendo escripta nem litteratura. Desse mediocre territorio nasceu a nação romana que, sempre orientada por uma politica absorvente, mas fecunda, foi com prodigiosas conquistas estendendo seus tentaculos ao mundo occidental, fazendo do modesto dizeo do Lacio a palmareza lingua latina, que dominou toda a Italia, a Sicilia, a

Cornega, a Bardenha, a Espanda e fazendo desaparecer a língua dos Iberos, da qual encontramos vestígios no vascongo ou euzcaro, língua falada nos districtos montanhosos ao S. O. da França, continuando a sua marcha victoriosa, a língua latina atravessou a Gallia, a Suíça occidental e meridional, algumas circumscripções da Suíça oriental, as lacias do Mediterraneo e do Danubio. Tem sua origem no antigo aryaco, língua hoje perdida e que era falada pelos aryacos, raça de pastores e lavradores, que se acredita ter por berço a planura central da Asia Bactriana e Sogdiana.

Essa primorosa e clássica língua latina, onde refugio gloriosamente os nomes de Cesar, Cicero, Tito Livio, Lucrecio, Vergilio, Horacio degenerou na forma romana, rustica, plebeia ou entretanto que se caracteriza: 1) pelo enfraquecimento e queda das letras finais m-b-d-t (dice por dicere, templo por templum, dia por dies, una por unus, ille (illa) por illud); 2) a simplificação das formas e construcções; 3) a negligencia das inflexões, quer verbaes, quer nominaes, e que fez surgir as palavras auxiliares que acarretoou as alterações phoneticas e grammaticas, differença essencial entre o latim classico e as linguas romanas; 4) mais-pronunciada tendencia para o analytismo.

Do latim rustico nasceu a lingua portuguesa.

No seculo V o colosso romano decalou, pela invasão dos barbares do Norte (godos, suevos, alanos, visigodos); dessa decadencia nasceram as nações modernas, fundandose depois de epopéas sangrentas a monarchia visigothica.

No seculo XII foram esses barbares substituidos pelos arabes, que dominaram todo o pais, detidos nas fronteiras do territorio basco. Ahi os restantes godos da linhagem, commandados por Pelaya, formaram uma nova monarchia christã.

Jã no seculo IX apparece o condado Portucalense; só no seculo XI, porém, surge "Portucala".

Com o vencedor de Ourique, D. Affonso Henriques, começa a constituir-se a lingua portuguesa, em 1139. A victoria de D. Affonso dá começo á historia da monarchia portuguesa, porém, a autonomia de Portugal só é conquistada em 1143, nascendo, como oia Alexandre Herculano, em um angulo da Galliza, em o seculo XII.

Começa no seculo XII o primeiro periodo da lingua portuguesa, que vai de 1139 a 1279, com a accensão de D. Duarte I, o Holandês.

Este é um periodo de elaboração, o portugues era uma especie de latim barbaro, só lido pelas classes elevadas da sociedade. Durou este periodo 140 annos, sendo restituida nessa lingua a primeira constituição das côrtes de Lamega. Como obras poeticas encontram-se os versos de Gonçalo Hermingues — o Traga-Moitos,

e os de Egas Moniz Coelho ao despedir-se de D. Violante. Em prosa "O Summario das famalias e primeiros conquistadores deste reino" de Frei João Camello. Esse latim barbaro não era usado pelo povo, que falava o gallego. O gallego representa uma phase evolutiva do portuguez antigo.

Nessa epocha, em Portugal, existiam duas linguas iguaes no fundo: o gallegiano ao norte do Mondego e o aravis no Sul, as quaes apresentavam differenças phoneticas, e fundiram-se á proporção que se firmava o territorio portuguez. O gallego estacionou, o portuguez seguiu o seu natural desenvolvimento. Como dialectos, temos: o indo-portuguez, o africano, que datam do seculo XV e são falados em Ceylão, Dia, S. Thomé; o cochin que tendo a desaparecer devido ao dominio inglés.

O segundo periodo da lingua portuguesa vai de 1279 a 1251 — começando com D. Diniz, o Lavrador, e terminando com D. João I, o Piedoso. A lingua portuguesa ainda vacillante se desliga do gallego, differenciando-se e ganhando personalidade. Com o auxilio de D. Diniz, o rei poeta, que era o monarcha mais illustrado de seu tempo, foi criada a universidade de Lisboa, em 1290, transferida depois para Coimbra, começando a litteratura portuguesa.

O conde de Barcellos, filho natural de D. Diniz, escriptor e poeta, estimula e desenvolve os impulsos litterarios. Nota-se na litteratura a influencia do lyrismo provençal. São desse periodo: "Nobiliario da Genealogia das familias nobres", de D. Pedro, o "Cancioneiro" de D. Diniz, que por ter sido encontrado no Vaticano tambem é conhecido pelo nome de "Cancioneiro da Vaticana"; o notavel romance cavallheiresco "Amadis de Gaula", que foi traduzido em italiano por Bernardo Tasso e fez epocha na Espanha, e cujo autor é o soldado Vasco Lobeira.

Em 1365 a 1433, no reinado de D. João I' coptinúa o desenvolvimento accretado da lingua portuguesa, foi decretado o seu uso nos documentos publicos; esse monarcha foi substituido por seu filho D. Duarte, escriptor de varias obras, sendo uma das mais notaveis o "Leal Conselheiro". D. Duarte muito protegen as letras, dando assim mais apuro á lingua; nessa epocha apparecem: Fernão Lopes, o fundador da historia portuguesa, chronista dos reis de Portugal e de quem Loiseau disse: Este historiadore foi o primeiro da Europa que possuia as qualidades de historiadore: a independencia do character, austeridade de juizo, imparcialidade, franqueza"; Gomes Eanes de Azurara com os feitos de D. João I' e a tomada de Ceuta; Ruy de Pina que o substituiu na guarda da Torre do Tombo, tornou-se notavel, pelas chronicas dos primeiros reis de Portugal, desde Sancho I' até D. João I'; Garcia de Rezende, diplomata e escriptor, autor das chronicas dos

valerosas e inálgues feitas de el-rei D. João 2.^o e do "Caneloneiro Geral", collecção de poesias populares.

Em 1470 Portugal possuia o primeiro estabelecimento typographico, em Leiria, em 1481 em Lisboa, em 1491 em Braga.

Com a poderosa arte de imprimir mais se firmou a victoriosa marcha da lingua portugueza. A terceira epocha vai de 1521 a 1621, ou seja de D. João 3.^o a Philippe 3.^o da Espanha; é este com justiça, conhecido pela idade de ouro da lingua portugueza. Os escriptores elevaram o seu purismo e a disciplinaram grammatualmente: são dessa epocha as grammaticas de Fernão de Oliveira, em 1536, e a de João de Barros, em 1540; 1570 Jeronymo Cardoso publica um dictionario latino-lusitano e lusitano-latino. Quando em França La Ramée tirou a lume a sua *grammatica francosa*, já Portugal conhecia as duas acima referidas.

Esse seculo foi fertil para a lingua portugueza, e seus escriptores tomam o nome de quinhentistas. Entre os mais notaveis, devemos citar João de Barros, immortalizado pelas suas "Decadas" e conhecido pelo Tito-Livio portuguez; na poesia Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Pedro de Andrade Caminha, Christovam Falcão — que muito elevaram a lingua vernacula; o genial poeta d'Os Lusíadas, Luis de Camões, que consegue exceder e empanar aos demais.

Além d'Os Lusíadas, escreveu o vate Sonetos, Odas, Elogios, Comedias, espalhando o seu genio a toda composição litteraria; Bento Teixeira, poeta brasileiro, contemporaneo de Camões, autor da *Prosopopeia*, natural de Pernambuco; essa producção é notavel por ter sido a primeira obra composta em verso no Brasil.

Finalmente foi esse seculo para a lingua portugueza como o de Augusto para Roma, o de Pericles para a Grecia, o de Leão X para a Italia, o de Luis XIV para a França, e poderíamos chama-lo o de D. João III.

No mesmo periodo, no começo do seculo seguinte vem o declínio da lingua portugueza; como aturdida pelo seu deslumbrante triumpho e cansada do seu genial avanço, defecam-se; ha contudo no decorrer do seculo 16 nomes de grande valor: Frei Luis de Souza, padre Manoel Bernardes, autor da "Nova Floresta", "Luz e Calor", "Pão partido em pequenticos"; padre Antonio Vieira, conhecidoissimo pelo "Sermões", "Cartas" e "Historia do Futuro".

Na primeira parte desse seculo apparecem varias obras grammaticaes, entre outras, em Lisboa, "O methodo grammatical" de Amaro Roboredo, "O thesouro da lingua portugueza", do padre Bento Pereira; a "Orthographia da lingua portugueza", de João Franco Barreto, tirada a lume em 1671.

A quarta epocha ou periodo vai de 1621 a 1759 ou seja de Philippe III a D. José I, o Reformador. Accentua-se o declínio



Asylo das Orphãs de N. Sra. do Bom Conselho — Bebedouro:
Aula de Lavanderia, sub a direcção da Irmã Clemente.

da lingua portugueza, após a infeliz e breve regencia do cardinal D. Henrique. Durante a menoridade de D. Sebastião, o poderoso reino de Portugal foi invadido pelo Duque de Alba à frente dos exércitos de Philippe II. Com o domínio espanhol, que durou 60 annos, todos os ramos de actividade do reino entraram em declínio, sendo igualmente a lingua victima dessa amarga epoca. A litteratura soffreu a influencia do pessimo estylo de Gongora, poeta de Cordova; D. Violante, a decima musa, compõe a Santa Egracia, num estylo gongorico, com imagens desrabidas e metaphoras extravagantes; nessa epoca, em compensação, floresceram Gregorio de Mattos Guerra, satyrico e rival de Bocage, nascido na Bahia em 1623, fallecido em 1676; Manoel Soares de Paria com muitos discursos politicos, nos quaes se nota grande talento, mas linguagem descurada.

O quinto periodo var do reinado de D. José I, isto é, de 1759 até nossos dias.

Sob o reinado de D. José a lingua portugueza ressurge para um novo esplendor; culmina-se do estylo, de sua pureza, de sua correcção; é fundada a sociedade dos Arcades em 1756, para desenvolver e impulsionar as artes e as sciencias; procura-se fazer voltar a linguagem ao purismo do seculo 16. É notavel a influencia dos Encyclopedistas francezes, quer no Brasil, quer em Portugal. Paris torna-se o centro de todo o movimento litterario; a influencia franceza substitue a italiana e a espanhola dos dois seculos anteriores.

Nas sciencias politicas e sociaes surgem vultos de real valor, entre outros, o Conde de Castello Melhor, o marquês de Pombal; nas sciencias naturaes: Alexandre Rodrigues Ferreira, Andrade e Silva, Frei José Mariano da Conceição Velloso; em economia politica: José Joaquim da Costa Azevedo Coutinho, bispo de Pernambuco; a poesia é dignamente representada por António José, brasileiro de origem, reformador do theatro portuguez; e Corrêa Garção, fora outros.

Apesar do formidavel surto literario, os estudos sobre a lingua portuguesa não avancaram muito. A grammatica era estudada na lingua latina, considerada quase a mesma. Só em 1770 é feito o seu estudo separadamente, tendo Bluteau composto o seu vocabulario "Portuguez-Latino"; João Moraes Madureira Feijó publica a "Arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portuguesa"; depois só passados 10 annos a Academia Real de Sciencias de Lisboa em 1870, por influencia do Duque de Lafões, organisa um dicionario da lingua portuguesa, que, embora não terminado, nos offerece uma boa fonte de estudo e observação.

No seculo 19 apparece a "Grammatica Philosophica" de Jeronymo Soares Barbosa; não conhecia o autor o verdadeiro methodo historico comparativo, o qual já era praticado na Alemanha, desde o seculo 18, e por isso resenta-se a sua obra do espirito metaphysico, como acontece em Cordillac, Desthut de Tracy e todos os philosophos grammaticos de Port-Royal.

Esse periodo bem merece o nome de historico.

Entra a lingua numa orientação nova, torna-se sciencia historica e é estudada como um organismo vivo.

DA HISTÓRIA DO BRASIL.

A Abolição da escravatura

Aureo de Muelol

do Instituto de Lisboa

Inédito para a "Revista de Ensino"

Remetida a primeira "questão militar", o exercito, através do indisciplinado aparato de força e das ameaças que infligia ao governo, segundo a confissão irónica do Cotegipe, não se conteve nas virulentas repressas da disciplina.

Com as novas incidentes de S. Paulo, de Minas e ainda do mesmo Rio, como no caso Leite Lobo — que determinou a queda do ministério Cotegipe, 7 de março de 1888 —, o espirito militar continuava a deflagrar abertamente a opinião publica e a contrariar a autoridade civil e a par della as instituições.

O fermento republicano, ao mesmo tempo que revelava as antipathias populares, na imprensa e nos comícios, contra o throno, inflamava-se entre a militar e a estimulava contra a politica segreta, em que, segundo a formula falsa da propaganda, se sustentava a monarchia.

As raizes da nossa realidade não sugavam sangue africano.

A historia dramatica da escravidão no Brazil, desde antes das capitancias hereditarias, escapa aos parcalços da abolição.

Os primeiros escravos, como os dinheiros de Judas, foram 30, e por singular paradoxo, em vez de ser trazidos, foram levados.

A começar o trafico de certos generos da terra de Santa Cruz, sobretudo do pão-brasil, os contractadores europeus mandavam navios de conta propria a esse commercio.

Do numero destes foi o tão favelado que, saindo de Lisboa a 22 de fevereiro de 1511, voltou no fim de 3 meses, levando, além do pão-brasil e outros generos, 30 indios captivos.

Perdido Malheiro dá para cima desse numero.

É questão sentimental e scemosa.

Na Espanha e Portugal, além da escravização dos mouros e sarracenos, como retribuição de guerra, era "legitima" a servidão de africanos desde as descobertas da costa occidental da Africa pelo infante D. Henrique.

Em 18 de março de 1531 Martin Afonso de Souza, despachado governador do Brazil, tomava a seu serviço, na Bahía, uma caravelha portuguesa que ali encontra e da qual fizera saltar em terra os escravos que trazia. Se africanos ou não é pouco duvidoso. (Vasconcelos. *Hist. Geral*, t. I, p. 29). Mas é mais de presumir que fossem indios, por não ser facilmente crível que reexportassem africanos. (Malheiro — *A escravidão no Brazil* — t. I, 2ª parte—p. 15 nota n. 41).

O que é certo, porém, é que ainda na carta regia de 20 de setembro de 1532 D. João III autorizava Martin Affonso e os demais donatarios das capitancias recém-criadas "a captivar os gentios para o seu serviço e o dos navios, e mandal-os vender em Lisboa, até certo numero, livre de sua".

O historiadar inglês Robertson (*History of America*) attribue ao padre dominicano Bartholomeu Las Casas, bispo de Chiapa (Mexico), a introdução do commercio de escravos negros na America, propondo é accusando, cheio de compaixão paradoxal pela morte dos indios sob a barbaridade dos conquistadores, que se comprassem, nas costas d' Africa, negros que por sua consti-

tulejo mais robusta melhor resistiriam que os americanos ao trabalho rude das minas.

Perante o papa Leão X (1513—1523) os frades dominicanos e franciscanos discutiam, — os primeiros affirmando e os segundos negando — se as selvagens americanos detinham ou não a espécie humana e se eram ou não escravos por natureza.

El D. João III, para obviar a crise de braços nas capitâneas e estimular a industria nascente da canna de açúcar, facultou por alvará de 28 de março de 1549 a introdução de escravos africanos, na proporção de 120 para cada engenho mochoz.

O grande Padre Vieira pensava como o reverendissimo Las Casas:

—Os Indios, por sua natural fragueza e pelo ocio, descansa e liberdade em que se criam, não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os portugueses os fazem servir, principalmente o das cannoas, engenhos e taboacos.

—Nem no Estado do Maranhão haverá remedio permanente de vida, enquanto não entrarem na melior força do serviço escravos de Angola.

Era com ellas, a maldade da época. A escravatura, lra de Portugal, e sem falar noutros povos, foi admittida e legalizada no legislativo e na França, que acabaram estranhadas e até violentas propugnadoras da extincção do infame commercio.

Oliveira Vianna attribue a influencia nociva a nossa inspiração abolicionista, do mesmo modo que a republica, a federação, a eleição directa e o systema parlamentar.

É falsa, do ponto de vista politico, a affirmativa do sociologo da "Evolução do povo brasileiro".

Nenhum povo se regozega do resto do mundo, que crieasse uma civilização original e única.

Seria romântico citar o imperio dos Incas e o Egypto em defesa daquelle negativismo.

A civilização é um plágio.

Os gregos mandavam os seus legisladores visitar os povos vizinhos, para adaptarem as instituições patrias o que encontrassem de melhor. Lycurgo, antes de dar leis a Esparta, estudou profundamente o código de Minos, que deu leis a Creta.

Se fomos o ultimo país em terminar a abolição, fomos dos primeiros em começá-la.

Entre os Estados que proibiram o trafico de africanos está

em 1º lugar a Dinamarca — 1702
" 2º " Inglaterra e Estados Unidos — 1807
" 3º " Suecia — 1813
" 4º " Hollanda — 1814
" 5º " França — 1815
" 6º " Espanha — 1820
" 7º " Argentina — 1821
" 8º " Colombia — 1822
" 9º " Brasil e Mexico — 1828
" 10º " Napoles — 1832
" 11º " Sueden — 1834
" 12º " Portugal 1836
" 13º " as cidades-Hanseaticas, Toscana e Perú — 1837
" 14º " Haiti, Venezuela, Chile e Uruguay — 1839
" 15º " Texas — 1840
" 16º " Austria, Prussia e Russia — 1841

Certamente não foi o exemplo dinamarquês que infundiu no parlamento britânico os sentimentos humanitarios da sua lei repressora do trafico.

Seria natural que se tivessem impressão de os nossos meos philosophos, os nossos jornalistas, agitadores, professores, juristas, litteratos, com Montesquieu, cujo "Esprit des lois" veio a lume em 1750, com a independencia grega em 1770, com a revolução franceza em 1789, cujas conquistas liberas já eram velhas na Inglaterra, com a litteratura de toda parte eufim; pe-

rém que fossemos impellidos no por forças selvagens, sem interrupção na liviata, esta força de dívida que não

As causas immediatas da extirpção virtual da escravatura, isto é, do malheamento, no Brasil, do regimen do captivo, antes da lei nova, podem captular-se de caracter estritamente brasileiro:

a) A intemperancia escravocrática do Barão de Cotegipe, lavandoso a excessos na perseguição a escravos. Cotegipe contrariava a pés juntos a abolição immediata, sem indemnização, no talas presuppuesto de que os negros, livres, desertavam as fazendas e a agricultura abria fallencia e com ella o throno. Por isso dizia Joaquim Nabuco (*Milha forçadas* — p. 221): Ninguem, afinal, sabe quem fez mais pela abolição: se a propagação, se a resistencia; se os que queriam tudo, se os que não queriam nada.

b) — A revogação do art. 59 do Código Criminal e da lei n. 4 de 10 de Junho de 1851, na parte em que prescrevia a pena de açoites.

c) — As manifestações anti-escravocráticas do Imperador.

d) — A attitude das autoridades judiciaes e policiaes, ostensivamente sympathicas aos captivos.

e) — O protesto decisivo dos proprios escravos contra a escravidão, fugindo das senzalas em busca de liberdade e de salario. Sem falar nos "República dos Palmares", cuja epopeia é um capitulo á parte da historia patria, citamos apenas o bando de escravos de Capivary, (S. Paulo), a camêlão de Santos, em numero superior a 20000. O governo paulista mandou atacar os "retirantes", que reagiram como os desbravadores abencurragens da serra da Barriga:

— Liberdade ou morte! Aqui ninguém se rende! Preferimos morrer!

f) — A representação que o Clube Militar dirigiu em 26 de outubro de 1851 á Princesa Regente para que ao exercito não fosse dada mais a mis-

ão ignota de "captivo de campo". O ajudante-general do exercito desolveu a representação; mas, divulgada pela imprensa, causou profunda impressão de enthusiasmo na sociedade abolicionista.

g) — A viravolta na opinião de Antonio Prado, antigo e ferrenho partidario do trabalho captivo, decidido pela emancipação immediata a maioria dos proprietarios paulistas e desanimando qualquer resistencia. José do Patrocínio chamava ao Ceará o barão da abolição e a S. Paulo o castello forte da escravatura.

h) — A transformação, tanto sentimental, quanto por interesse dynastico, da Princesa Regente, que sob o impulso das acontecimentos, se desprezou da pressão reaccionaria do Barão de Cotegipe apoiado em Martinho de Campos que se vangloriava de "escravocrata da gomma", sobretudo em Andrade Figueira, a quem Nabuco chamou de "coração de bronze".

Essas as causas proximas e immediatas, sob a influencia violenta dos factos e da moral consuetudinaria.

Porque desde antes da Independencia se começou no Brasil a cogitar da abolição.

As causas remotas, de ordem intellectual, do pensamento abolicionista — o que poderiamos chamar a brasilidade na abolição — repostam da "Memoria sobre a abolição do commercio da escravatura" que Domingos Alves Branco Muniz Barreto offereceu a D. João VI em 1817, apesar de só publicada 10 annos depois.

Em 1821 publicou João Severiano Maciel da Costa, depois Marquez de Queluz, a sua "Memoria sobre a necessidade de supprimir-se a introdução da escravatura".

Em 1823 José Bonifacio de Andrade e Silva, o expatriarcha, cooquantu fizesse obra insignificante Fr. Thoma, formulou a sua "Representação á Assembléa Geral e Constituinte do Brasil", seguida de um proje-

ele, para acabar com o tráfico e a escravidão; mas a Constituinte foi dissolvida, e só em 1825 foi publicada em Paris e logo vertida em inglês.

Em 1838 José Elog Pessoa da Silva publicou uma "Memória sobre a abolição lenta".

Podemos já dizer que estava formulado o pensamento brasileiro da abolição, porque data de 1826 a primeira lei repressora.

Nas suas linhas gerais, foi esta a marcha da acção abolicionista:

Reprimido o tráfico em 1826 (23 de novembro) graças ao convenio que estabelecemos com a Inglaterra, em troca do reconhecimento de nossa Independência, fez-se a lei de 7 de novembro de 1831, pela qual eram livres os escravos apaslhados nos mares e portos. Como, apesar daquelle convenio, não levamos a sério a letra do compromisso, a Inglaterra resolveu obrigarnos a obedecer, e a cumprir a nossa palavra e fazer as nossas leis: foi o caso, simultaneamente declarado a nossa soberania, do "Bill Aberdeen" (1841), pelo qual nas nossas portas e até nos nossos portos os navios negreiros desfilhados ao Brasil eram apaslhados e destruídos.

Vem dahi a "lei Euzébio de Queiroz", de 4 de setembro de 1850, que pôs termo ao negreio contratado. Depois da sua visita ao Presto, por ocasião da guerra do Paraguay, o Imperador vexado pelos resultados que viu de cima o Brasil e o exército soffrerem, por sermos um pais de escravos, mandou ao Conselheiro Pimenta Bueno formular um plano de emancipação gradual e definitiva.

Nasceu dahi a "lei Rio Branco".

Da "lei de 1850" ou ainda "dos nauticaros" — 28 de setembro de 1851.

Em 28 de setembro de 1850 tivemos a "lei Saraiva", também chamada dos nauticaros" ou "dos antagamaricos".

A escravidão, tanta os seus dias contados.

Demagarradas das leis coercitivas pelo parlamento, minada em todo o pais pelos oradores e publicistas, acastellava-se apenas na indemnização exigida, em chameros abafados, pela escravatura rural. Por isso disse Andrade Figueira que a abolição era o ideal dos que não tinham o que perder. Entretanto o proprio Barão de Cotegipe reconhecia nas vespas da "lei aurea" — A extinção da escravidão não é mais do que o reconhecimento de um facto já existente.

Parque, de facto, a abolição já estava feita.

Os proprios camederos realistas e plebeus a sua forma recrudencia. Os experimentavam as exultancias do trabalho livre pelo braço salutar do colono.

No dia 3 de maio de 1888 o ministro da Agricultura, Rodrigo Silva, do gabinete João Alfredo, apresentou a proposta do governo — "E' declarada extinta a escravidão no Brasil". A Camara accrescentou: "desde a data desta lei", para que começasse a vigorar no dia da promulgação. Approvada no dia 19, subiu ao Senado no dia seguinte.

No dia 13 consumara-se. A's 3 horas e 15 minutos da tarde a princessa Isabel, com uma perna e casaca de coreo encostada de brilhante, riscava da nossa legislação a infamia servil.

Quem quer o desenvolvimento depois de ter sido perdido o amor, a ventura depois de ter sido perdido a fé, o conhecimento depois de ter sido pago a dívida, a generosidade depois de haverem estirado a vida. — JUANQUIN NABUCO.

Toda a accção dos homens, durante a longa jornada dos seculos, deve ser uma accção como um só homem, que se abate sobre o que continuamente aprende. — PASCAL.

CHEGANÇA

Jorge de Lima

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

— "Assobe, assobe, gageiro,
assobe no tope real!
Vê se vês terras de Espanha,
arcas de Portugal!"

— "Não vejo terras de Espanha,
arcas de Portugal,
vejo sete espadas suas
para os guerreiros matar!"

Não Catharineta! Era o Natal!
O namoro de minhas collegas de dez annos:
olhadellas, olhadellas, olhadellas, . . .
E a Não Catharineta, as taboiteiros de Irôa,
o cheiro da Oriza, do Patchuli e do Corilopes do Japão!
Prazer de olhar outros olhos, sem dizer nada de peccado!
E quando se dizia, em tudo fóra do mamorô:
— "Lhe vê hoje . . ." e outras coisas ingenuas.

E a Não Catharineta navegando:

— "Vejo mais tres donzellas
debaixo de um tarangal,
uma procura uma agullha,
outra procura uma facha,
a terceira está procurando,
tá procurando um dedal!"

E a graça da Magdalena cheia de gente,
tão cheia como uma encheite do mar!
E no meio a Não Catharineta navegando:

— "Desce pra baixo guerreiro,
alviçaras eu te vou dar.
Todas tres são minhas filhas,
todas tres eu te vou dar!
— "Eu não quero as tuas filhas,

que te custaram a criar,
quero a Náo Catharina
para nella navegar!"

E a praça se enchendo, como uma grande mare!
E o meu chapéo de marujo cáe não cáe no meio da festa!
E os meus olhos de gageiro procurando
naquelle mar uns olhos que eram mais bellos
que os azeias de Portugal!

E o gageirinho procura, procura, como
quem procura uma agulha, como quem procura um dedal.
E quando os olhos do marujo encontram aquelles olhos,
o seu chapéozinho novo de marujo
tinha-se perdido no meio da festa, no meio do mar!

METHODOLOGIA

O Methodo Montessori (1)

Trabalho do educador do M. de Paris, por N. C.

(CONTINUAÇÃO PARA A "REVISTA DE ENSINO")

VIII

A linguagem e o ponto de contacto com o mundo exterior.

O sentido do ouvido é particularmente importante e tem grande relação com a linguagem. A percepção dos ruídos suaves no ambiente e a distinção dos sons musicais constituem exercícios preparatórios que estimulam a atenção do menino e o conduzem a perceber exactamente a linguagem falada. A mestra tem o dever de falar em linguagem clara, quando fala com o menino. Deve articular claramente as palavras, ainda mesmo nos momentos em que utiliza a voz sussurrada. O canto é um meio excellentes de obter uma pronuncia correcta; assim, quando escreve um canto a seus alumnos, a mestra trabalhará para que notem e reproduzam exactamente as diferentes palavras, por isso imitará, de modo distincto e claro, todas as syllabas.

O exercicio systematico da linguagem clara e correcta pode começar pela enunciação das propriedades do corpo, visando a educação sensorial. Quando o menino descobre uma differença entre as propriedades dos corpos, a mestra fixa a idea sova por meio de uma palavra. O menino brinca, por exemplo, durante algum tempo, com os cubos roscas. Serviram-se d'elles para construir muitas torres. A mestra aproxima-se então e com os dois cubos extremos nas mãos mostra-lhe, dizendo claramente: "este é grande", este é pe-

queno. Este é grande, grande, grande, grande, este é pequeno, pequeno, pequeno, pequeno." Afim de assegurar-se de que o menino comprehendeu, a mestra diz: "dá-me o cubo grande", e dá-me o cubo pequeno", e repete "dá-me... o grande", "dá-me o pequeno". Instantes depois, mostra com a mão o cubo grande ou o pequeno e pergunta: — "Como é este cubo?" o menino responde, se entendeu bem: "grande, pequeno". A mestra elige uma pronunciação correcta e o faz repetir as duas palavras, de modo que sejam perceptivas das seus labios. Se, pelo contrario, se erra, nas ultimas respostas, não deve a mestra insistir, mas guarda a lição para outra vez.

Grande e pequeno, diz-se quando se tem mostrado a dimensão do corpo; grosso e fino, quando não se considera a longitude, senão simplesmente a secção transversal. Essa secção nova pode ser ensinada por meio das prismas escuras.

As tres gradações didacticas são naturalmente observadas no momento opportuno:

— Primeira gradação:

A mestra indica os objectos e designa por duas palavras e uma: "este é grosso; este é fino".

— Segunda gradação:

O menino reconhece por si proprio as propriedades:

"Dá-me o grosso, dá-me o fino".

— Terceira gradação:

O menino articula as palavras por si proprio:

"Como é este? Como é aquelle?"

Estas palavras novas que a mestra ensina irão servir para a realisação de certo numero de exercicios sensoriaes.

(1) — Veja a "Revista de Ensino" de IX, X e XI.

ACADEMIA DE SCIENCIAS COMMERCIAES DE ALAGOAS

FUNDADA E MANTIDA PELA

Sociedade Paritária e Auxilia dos Empregados em Comercio

Instituida e em conformidade da Capital Federal pelo Decreto 4724 L. de 23 de agosto de 1923

Prepara convenientemente os seus alumnos
para Contadores, Agentes consulares,
Partes Judiciais, Empregados da Fazenda,
de Bancos etc.

Mantem 2 cursos: Annua e de Preparatorio
Geral ou de Contadores, e Superior
ou de Bacharelado em Sciencias Commercialis

Admite alumnos LIVRES, independentes dos Cursos
Seriaes, sem exame.

EXIBEMOS INTERESSE ESPECIAL POR ALUMNOS LIVRES
EM SEUS CURSOS DE BACHARELADO EM SCIENCIAS COMMERCIAES

Director — DR. AUGUSTO GALVÃO
Secretario — AURYNO MACIEL

End: Rua 15 de Novembro, 48 — MACIELO

PHOSPHOROS ACHATADOS

Companhia Fabril Parauaense DE CURITYBA

Dentre factos proclamados

Toda a gente tem sciencia

Que o phosphoro marca **ACHATADOS**

Achalou a concorrência...



Trata-se, por exemplo, de classificar os pedregalhos escuros, um junto aos outros na ordem decrescente.

"De-me o mais grosso", diz a menina; o menino verifica, compara e toma o pedregalho mais grosso.

"Agora, é possível encontrar o mais grosso de todos os que aqui estão". O menino verifica, compara, termina por encontrar o pedregalho mais grosso dos pedregalhos, coloca-o sobre a mesa ao lado do mais grosso que a menina já tomara. O exercício continua assim até o fim. O menino vai-se obrigando a perceber constantemente as diferenças; aguçando deste modo a atenção e exercita um completo acto de observação. Se varia uma dimensão como acontece, por exemplo, com as lâminhas que têm o mesmo corte, porém de largura diferente, fala-se da largura e da comprimento; se a altura varia, fala-se da altura e da grossura; se somente se altera a largura, trata-se da largura e da finura.

Cada lição deve limitar-se ao ensino de um vocabulário, observando naturalmente as escalas indicadas mais acima, isto com o fim de evitar qualquer confusão.

Inacreditavelmente o menino adquire uma grande habilidade no emprego de todas estas palavras. A senhora Montessori conta que um dia, a menina de uma dessas Casas, trazia linhas finas na pedra, e um menino exclama: "Como não pedregalhos com linhas!" Em seguida outro o corrige, dizendo: "Não, são linhas finas." Com as cores procede-se da mesma maneira:

"Este é roxo, este é azul, este é amarelo, etc."; o menino com as formas: "este é um quadrado, este é um círculo, este é um triângulo".

Para as gradações da mesma propriedade, se mostra começando pelos extremos; quando se trata de cores, por exemplo, mostrará previamente

te a diferença marcada entre o escuro e o claro; depois pedirá aos meninos que lhe indiquem a cor mais escura e a mais clara. Assim o menino dispõe prontamente de uma quantidade de ideias precisas e de palavras correspondentes para exprimi-las: grande, pequeno, grosso, fino, curto, longo; escuro, claro, frio, quente; pesado, leve; quente, frio, temperado; as cores e os seus nomes, as formas geométricas e a sua classificação.

Essas palavras não representam imagens, mas ideias.

Os meninos aprendem-nas depois de observar grande numero de objectos, examinando e comparando as qualidades d'elles, formando julgo e raciocinando. Assim exercitam os sentidos, desenvolvem a attenção, aguçam seu espirito de observação e se habituam, ao mesmo tempo a submeter todas as coisas a um exame meticoloso.

Preparada desse modo, o menino pode lançar-se ao descobrimento do mundo exterior. Suas imagens e suas ideias são claras e precisas, não confundindo as formas com as dimensões e estas se classificam no seu cérebro. Sabe o que significa uma gradação na ordem decrescente e ascendente e applica esta concepção aos tons e nas cores.

Não somente observa os objectos com os sentidos aguçados, mas também estes objectos têm seu lugar marcado no seu entendimento e levam allí uma etiqueta com o nome respectivo.

Em seu *Case Handbook*, (1) a senhora Montessori compara o menino assim educado, com o naturalista habituado a trabalhar com microscópio e cujo olho exercitado descobre no campo visual de seu instrumento coisas que os não iniciados não vêem.

Um menino montessoriano tem uma força de observação que falta a outros meninos.

Tem constantemente a impressão

(1) *Manual*, tratado de artes. (Edição de 1901)

de fazer "novos descobrimentos" e esta impressão faz-lhe muito prazer. Sua percepção é ordenada, enquanto que seria geralmente confusa na dos meninos ordinários.

Em sua inteligência o "cão" é substituído pela "criança" e esta sensação enche sua alma de um gozo divino.

IX

A missão e a acção da "Directora" numa "Casa dos Meninos"

O que mais particularmente me surpreendeu, quando tive a sorte de passar um dia inteiro numa "Casa dos Meninos" em Milão, foi a acção da minha directora. Estava attenta a tudo e não lhe escapava nada do que na classe occorria. Tive a oportunidade de vê-la, aproximando-se discretamente de um menino, logo de outro, dar a este uma indicação, aquelle uma rectificação, uma ligeira advertencia e directiva a prestar a mão auxilladora á esquerda. Os meninos tinham a impressão de não ser conduzidos; a directora não intervém abruptamente. Tinha uma grande liberdade a seu pequeno mundo; não consentia nos máximos senão apenas três pedras, e jamais pedras obstaculosas entre o menino e suas experimentações.

Aqui está o grande valor educativo do Methodo Montessori. Na escola de meninos febrilista, tal como conhecemos, há, claro está, respeitáveis excepções, — a minha menina, servindo-se da lingua dos adultos, que os meninos não entendem, e trata assim o amor e o entusiasmo d'elles pelo saber.

Deixando ao menino uma grande liberdade nos seus actos, nos jogos livres, a directora mantém este amor, este enthusiasmo, sem o qual não é possível nenhuma educação perfeita. Como dissemos acima, o menino eleva por si mesmo o edificio da sua propria educação. Sente

em si um impulso que o conduz e que lhe indica o que é susceptivel de favorecer seu desenvolvimento.

Escute seu trabalho, perceberá nelle, ou passa a outra occupação, segundo o estado presente de suas necessidades interiores. Não teme o esforço, procura a difficuldade para gozar o prazer do tempo. Quando conquista a victoria, experimenta a necessidade de reparar a satisfação com os seus camaradas e tambem com a directora. Este sentimento o faz sociavel e docil. Toda intervenção intempestiva deve, pois, ser excluida. "Exercita a tua paciencia e espera" deve ser a divisa da minha montessoriana. Esta diverte-se com os progressos e sempre está disposta a ajudar, onde quer que seja necessaria a sua assistencia, e emprega, em todo caso, uma paciencia de Job. Porque os progressos do menino são lentos; uma pedra não lançada soffreria um ataque de nervos, se tivesse de assistir aos esforços e caraculas de seu menino que impica com a difficuldade; não pouca as meninas que não são preparadas segundo o methodo italiano, resistem a tentação do desejo de intervir. A senhora Montessori propõe applicar igualmente a escola de meninos o precepto da moral que deveria reger sempre nossos actos para com os semelhantes: "Trata o menino como desejas ser tratado. Não outros, os adultos aspiramos a nos vermos perturbados em nossos trabalhos, sem receber auxilio a contra gosto. Desejamos pelo contrario possuir amigos que se comprazam com os nossos actos e em quem possamos depositar absoluta confiança. Notamos com isto que o menino tem direito a nosso respeito pela virtude de sua innocencia e as extensas possibilidades de seu desenvolvimento ulterior.

Essas doutrinas não são novas, mas se applicam na maior parte das escolas de nossos dias.

O sábio systema de Frobel tem sido desviado de seu verdadeiro ca-



Convento de S. Francisco — Alagoas (cidade), onde funciona o "Orphanato de S. José", estabelecimento de educação e ensino, mantido pelo Estado.

meio sob a influencia de methodos pedagogicos praxiologicos, baseados unicamente no principio da actividade individual da criança. A medida sobre a medida a seguir sua vontade, ainda quando vai de encontro a necessidades immediatas. Se resiste, usa da violencia. A medida deve ser amavel com os meninos, para que elles se habituem a amabilidade. Os meninos são dotados de espirito de imitação e têm grande sympathia aos mestres que os tratam com doçura. Tratar com doçura não é ser não "suscitar"; entorpecer-se para conhecer os desejos dos meninos, com a vontade de satisfazê-los. Porvir tem sempre o consentimento e a actividade dos meninos. Só um estudo scientificos do menino nos leva a surpreendê-lo tal qual, porque, com frequencia permanece reconcentrado em si mesmo.

Como diz a senhora Montessori tão praticamente:

"Com frequencia os meninos desejam

o appello interior da vida, que tenta de desenvolver-se seguindo leis mysteriosas".

Não conhecemos todavia estas leis. Indiscutivelmente, o menino desenvolve-se e transforma-se em adulto por alguma acção divina, analogo a que o Ura do nada.

Esta intervenção está repetidamente praxiologos e indirecta.

A esta vida que nasce sem auxilio, devemos proporcionar os meios de desenvolver-se e esperar depois este desenvolvimento com respeito.

Devemos deixar o caminho livre para desenvolver-se dentro dos limites da terra, e observar silenciosamente este desenvolvimento. A luz deve limitar-se mesma medida. Algumas vezes, observando-a, recordamos as palavras daquella que é infinitamente boa:

"Deixa vir a mim os pequeninos". Não os impedais de vir, porque, se conservam sua liberdade, virão certamente.

FABULA

(Do francês)

Joaquim TELLETO

de Lisboa, Lisboa, 4 de Setembro

No outro tempo em Bagdad Almanzor, o califa,
 Um palacio construiu todo d'ouro; a aletáfa
 De jaspé; a columnata em porphyro e a frontal
 De toda a pedraria asiatica, oriental;
 E em frente desse aylo em pinginas de luxo
 Choviam aureas póas as folhas em repouso.

Ora, ali perto havia em frente ao monumento
 Uma choga mesquinha, estarpada ao vento,
 Quase a cair, humilde e tristonha tranção
 Dum velho pobre; velho e simples tessão.

Essa mísera choga, ao vento transformava
 A sumptuosa impresso do palacio. Causava
 Não sei que dor, talvez asco. Desagrada vel,
 Tanta riqueza ao pé da choga miseravel!
 Convinha, pois, destrui-la. E ao velho tessão
 Offereceram dinheiro. E o velho disse:

— "Não!

Guardae vossa ouro todo; esta casa em que habito
 Nunca será vendida, antes seja eu maldito.
 Arrasae-a, por quanto é vos facil poder,
 Nella morreu meu poe, e nella hei eu de morrer."

E a resposta do velho o califa Almanzor
 Estive a meditar. Um dos servos: — "Senhor!
 Sois poderoso e rei, vos poderes sem vexame
 Essa casa arrasar já e já, sem crime

Pois ved' retroceder diante de um tessão!"

Almanzor, o califa, ergue-se e disse:

— "Não!

Eu não quero destrahir a mesquinha choguparia,
 Quero-a de pé, bem junto a minha osea entrada.

Porquanto a geração dos meus filhos se expande,
 E quero que cada um a reflectir, sem esnada,
 Vendo o palacio d'igo: — Ave! Almanzor foi grande!
 E vendo a pobre choga: — Elle foi um: foi justo!

DA VIDA ECONÔMICA

Cultura da cana de açúcar em Alagoas

Evaristo Leitão

Insolita guerra a "Café" contra o "Açúcar"

A patria da cana de açúcar (*Saccharum Officinarium, L.*) é desconhecida. Pretendem alguns ter-na sido originaria das Indias Orientaes ou Ilhas adjacentes, e, em tempos mais modernos, introduzida nas regiões orientaes das costas do Mediterraneo. Depois de chegar à Africa e Europa, levada pelos mouros, foi deslizada pelo cruceiro colonoizador para as Indias Occidentaes.

Segundo documentos officinaes existentes em Lisboa, já em 1501 Pernambuco exportava açúcar para a Metrópole. O territorio alagoano por esse tempo fazia parte da Capitania do primeiro donatario Duarte Coelho.

Nos primeiros annos da colonização em seguida à descoberta, o favel das sesmarias dava-se aquelles que se distinguiram em laços aploes, na luta contra os gentios e piratas indocivis. Em 1618 ergorou a bel emulculendo sesmarias a quem se julgasse em condições de levantar engenhos. Essa acta motivou grande entusiasmo e affluencia de nobres e pessoas de destaque vindos do velho Europa com o fim exclusivo de dedicar-se a essa industria.

Por volta de 1560 foram lançadas as fundações da villa de Porto Calvo, pelo "rico e illustre nobilissimo italiano, parente proximo do grão duque de Florença, Christovão Lima, o qual depois de haver conquistado aos Indios Potyguaras todo territorio até Santo Agostinho, mandou levantar sete engenhos de fabricar açúcar, vindo, assim, a tornar-se o proprietario mais abonado dessa cidade."

Em 1748 era esta a situação da industria açucareira na comarca de Alagoas.

Villa de Porto Calvo e seu termo

	Engenhos	Proprietarios
Freguesia da Villa	10	10
Parte da Freguesia de Unha	1	1
Freguesia de Camaragibe	1	1
Freguesia de São Bento	1	1
	13	13

Villa de Alagoas e seu termo

	Engenhos	Proprietarios
Freguesia da Villa	10	10
Freguesia do Norte	1	1
Freguesia de S. Miguel	1	1
	12	12

O dr. José Bento, então presidente da Provincia, ao referir-se a industria açucareira provincial em seu relatório lido perante a assembleia legislativa, em 1866, disse que, tendo o Lourenço Guilherme José de Graça procedido ao recenseamento dos engenhos de açúcar em 1850, constava a existencia de 407 engenhos moedores e cortadores e 25 de fogos mortos. Presume-se, no decurso de 16 annos, o numero de engenhos se tenha restringido, attenta certas circumstancias, especialmente a falta de braços de que cada vez mais se recorre a Agricultura. Apesar disso, pela conservação dos rendimentos de açúcar arrecadados ao exercício de 1867 em 6 de 1868, vê-se que mal poucos differenças houve na produção do genero, pois que naquella exercicio as rendas arrecadadas pela Fazenda provincial foram de 87 mil e 200 réis, de 84 mil e 500 réis, havendo portanto, apenas 2 mil e 500

de differença para mais em favor de anno financeiro de 1837-38. Tal era que não houve diminuição considerável, cujo numero não se calculado em 1861, sem receio de que esta-ria muito longe da verdade.

No anno agrícola de 1821/22 a exportação foi de 680,067 arrobas, no valor official de 1,941,228,000, tendo pago 114,110,000 de dinheiros.

Em 1824 existiam 211 engenhos moedores e cortadores e, em 74, 412, havendo um augmento de 111.

Pela reconstrução de 1831, verificou-se a existencia de 601 moedores e cortadores.

Em 1845, foi nomeado o engenheiro José Gonçalves de Oliveira para fiscalizar as operações das companhias que estabelecessem engenhos cortadores, a execução dos contractos celebrados entre o governo e as respectivas companhias e o cumprimento dos ajustes feitos com proprietarios agricolas, plantadores e fornecedores de canna.

Desde 1824, por consequencia a canna de açúcar e a industria azucararia exercem decisiva influencia na vida politica e social no norte do pais, sendo proporcionado o esplendor de um seculo colonial muito prospero.

O senhor de engenho, rico, aristocrata e prestigioso, occupou as melhores posições nas primitivas administrações. O dominio das sesmarias delimitou a sociedade. A elite social pertencia a glicia rural. O urbanismo succedeu ao advento da abolição da escravatura.

Data dessa época a progressiva decadencia da lavoura. O seculo XIX passou-se, no entanto, sem que tenham progressos hevenhos na maneira de cultivar o solo. Ainda hoje existiam-se em condições primitivas e anti-economicas, ocasionando o decrescimo de produção por unidade territorial.

Em 1866 fundou-se o primeiro engenho central de fabricar açúcar. Existiam actualmente 20 usinas,

varios molinos esmagadores e cerca de 20000 engenhos tangidos (17).

Na fabricação e noavel certa desordem de natureza tecnica, principalmente.

Em muitas usinas grande é a perda de sacarose devida ao mau funcionamento do organismo da fabrica; máquinas, em face da ausencia de methodo de trabalho; e, algumas, em vista da existencia das duas falhas simultaneamente.

O alto custo da produção, as exorbitantes tarifas ferroviarias, tarifas, as impostos, a falta de numerario e de credito criaram uma situação difficil e insupportavel para lavradores e usineiros.

Se a alta cotação do producto motivou a urgente situação em que se encontrava uns e outros, em face de compromissos assumidos anteriormente assumidos. Na phase actual, todavia, não é visivel que tal situação, dada a formidavel concentração economica de similar superior e o grande desenvolvimento alcançado pela lavoura cafeeira, possa durar muito tempo.

A legislação brasileira, com sinceridade, tem sido o maior obstaculo ao desenvolvimento da industria azucararia. Outros países favoreceram-na com leis proteccionistas.

Macico — 1827.

17) O termo SANGUEI tem varias applicações. Significa nacional, nome para designar uma especie de lavoura, no Estado de Minas, por exemplo. Para não representar o engenho tipo colonial. Por que o termo sanguei em relação de fabricar açúcar pelo processo primitivo, não se refere ao termo de serviço ao lavoura por onde passou ao processo de trabalho diavelto, se em vista do processo de esmagamento a fogo de, no estado, porque os processos de uma especie de lavoura para a colheita do sangue que levou a tornar-se um arte de servir como combustível nas lavouras.

Segundo M. Correa, o termo deve ser africano, e Richard Burton afirma que este termo, vindo da palavra indostana, "sangui".

De acordo com o livro "História do Açúcar", de Ruy Barbosa, o termo "sanguei" é derivado da palavra indostana, "sangui".

DA HISTÓRIA UNIVERSAL.

O Sr. H. G. Wells, Historiador

Nahemias Gueiros

(CONTINUAÇÃO PARA A "REVISTA DE ENSINO")

O sr. H. G. Wells, esse magico escriptor de coisas heréticas e formidáveis, é apenas um homem — como tantos outros.

E ali está uma verdade que o conselheiro de Eça, não menos celebre que o inglês, subconscieria facilmente, entre um pégarro irritante e um adorno de importância.

Mas, com ser accaciado, não deixa de ser verdade. E veja-se lá porque.

Este sr. Wells, com as suas tres cabalísticas iniciaes a identificando em todos os recontros do mundo, está-me saindo igualzinho aos outros sem companheiros de vanguarda literaria na Inglaterra. A começar pelas tres letras. Shaw e Chesterton tambem as possuem, como coisa indispensavel. E até André Maurois com o sr. Annibal Fernandes, não me lembro bem, já assignalava, como indice de notoriedade, o prestigio universal das iniciaes do ultimo delles.

Está-me saindo igualzinho, diga-me, porque me parece um blaguear como os demais. Shaw — o lyrico esyllizador das mais gostosas blagues e das melhores sátiras que já se inventaram, no mundo, para ridicularisar a vida — é, na sua propria vida, um desmentido a tudo o que, com emphase marcada, affirma no prefacio de suas inoffensivas commedias. Chesterton — a adhaesiva de ultima hora e apostrofo deesse catholicismo intellectual que tem feito a delicia de muito frade lachaque — parece-me, mesmo com a repulhanteza conversada, um opportunistta como todos.

Pois bem. O homem que escreveu a historia dos primeiros laicistes na Inglaterra, achou de bom gosto fazer blague,

no passar da historia do Traicome para a Historia com H maluco.

Logo, se não se quizermos achar que foi blague o que elle fez. Eu, de mim, confesso que fui um lamentavel esquecimento do historiador, e esquecimento que devotou levar a conta de sua pessima memoria.

Admiram-se? Pessima memoria, digo muito bem. Os homens de talento tem sempre uma memoria desgraçada. Não se lembram de nada. É a por isso que produzem muita coisa; não repetem o que os outros escreveram.

A boa memoria é a intelligencia dos estupidos. Muitas vezes chega a ser um preposto do talento. Victor Hugo já nos falava da boa memoria confundida com a intelligencia. Alias, nesta terra de gapegoes, a boa memoria é quase uma epidemia. Uma enorme calamidade, mesmo. Ainda me lembro do sacrificio com que eu falava, nas Casas escolares, os laes de Guerra Junqueiro, e outros superiores congenitos...

Pois o sr. Wells entendeu de escrever um compendio de Historia. E viu dahi, enfiou os dedos no teclado de uma Remington qualquer, rodeado de folhas e encyclopedias, e lá livrou-se o nome, assim celebrado *Outline of History*.

Aí-ahi, muito bem. Mas o livro foi recebido com panico. E não podia ser de outro modo. Wells a escrever historia seria, devia ser mesmo um caso serio. Os revisores tiraram em situacao apathica, na Bolsa das cotações literarias. Ninguém queria botar o palmo no bolso.

Quando se passou, verificou-se uma verdade encobridissima: o livro estava todo errado! Quase todo, o livro

do tempo, de Strabão. Nada de Lyce nem de Argus, Myogia, presbylismo, estrabismo... O sr. Wells quis ser Strabão e não passou de um velho estrabão.

E haja o dilúvio de críticas e sugestões, a alegarem a novo historiador alguma candel de emendas e a paradoras.

O resultado é que a tal edição, hoje com mil e muitas páginas, teve outras edições, corrigidas e augmentadas, e o sr. Wells lambe os beiços de contente ao observar a utilidade formidável do erro na construção de fortunas. Lambe os beiços e faz caretas, nas horas vagas, certamente. Porque há sempre uma profunda verdade que se melindra com a fatalidade do erro.

Mas, de todos os erros de Wells, com certeza, o maior foi o esquecimento de que fabel. Esquecimento imperdoável num autor que já corrigiu tanto a sua obra. Pois é que o homem não se lembra do Brasil, nem para de fazer coegas ou dar-lhe palmadinhas camaradas, glosando as conversas esplendidas do novo descobrimento. Calou. Mudo que nem telephono em dia de chuva.

E Portugal, por uma especie de solidariedade que a gente poderia chamar de paternal, tambem lhe fugiu da Historia. Apenas uma ligeira referencia ao periplo da costa da Africa e ao achamento das ilhas. Vasco da Gama foi sempre um pouco mais feliz do que Pedro Alvares marcouzadas ou três citações. Mas sem parece que o mundo teve uma época de descobrimentos. Guther não teria material para a sua obra. E como se fosse pouco tão respeito

silencia, esta nota desconcertante, em 1961:

"In those maritime adventures in the Eastern Atlantic and the West African Coast the Portuguese were preceded in the thirteenth, fourteenth, and early fifteenth centuries by Normans, Catalonians, and Genoese."

Ainda mais. Nem quadro synoptico dos principaes acontecimentos, o anno de 1500 é assignalado unicamente com este facto: "Charles V born". Donde se conclue, logicamente, que o nascimento de Carlos V foi alguma coisa muito mais interessante que o descobrimento official destas terras.

A pouca memoria do sr. Wells, nesse capitulo Historia, tem, como se vê, algo de semelhante a pouca exactidão com que elle nos impingiu essas mentiras fantasticas e delirantes das suas historias. Quanto de numero. De numero grammatical, que é o unico licito, até agora, da influencia perniciosissima das theorias do quantum e da relatividade.

Como na Historia, tambem o homem é de uma facilidade terrivel, ao escrever os seus romances. E lá vem neste ultimo — Mr. Matfamorikj de Rumpole Island, 1928 — esta coisa enorme:

"As we came in to Recife, which is the real name of the place people call Pernambuco..."

E va-se dizer que o Recife é Pernambuco!

A felicidade de um homem destes é não ir baler com os costados em São Paulo, para servir de motivo a uma descida anthropológica...

EDUCAÇÃO E ENSINO

TECHNICA E PROGRESSO

Pontes de Miranda.

Ninguém encarega de costar as roupas ao marceneiro, ou ao serrador. Mas as leis, feitas nas fórmulas da pouca instrução, que não conhecem, sequer, os princípios, hoje essenciais, de Sociologia Política, Os erros são inevitáveis. Os bancos, dirigem-nos políticos sem o conhecimento técnico, de modo que, ao assignar papéis, se ha de cifrar a actividade delles.

As reformas mais graves, redigidas nas pessoas alheias as subtilezas da pedagogia superior, — tão difficilmente necessavel ao labor que se improvisa pedagogico e quer, em três meses, compensar o que não arremessou e cujo esboço exige, pelo menos, a palmeira de alguns annos. Cada pormenor, hoje, depende de conhecimentos especialissimos. Por isto, por mais que façamos, as nossas leis provocam o riso dos estrangeiros. Condamos, em seguras, leis de outro país, que já as condemnou e revogou.

Redigimos o Código Civil... pelo projecto do Código Civil alemão, e não pelo que resultou das discussões. Anos se passam entre a apresentação e a promulgação, surge, em 1907, o Código Civil suizo. — e não damos conta do que a technica legislativa aprendeu em mais de quinze annos.

No projecto de Código Commercial, entre outras coisas que aconselhariam renovação do commercio que elaborasse outro projecto, bastaria tirar o commercio exterior, abstrahida dos abrandos, signal evidente da instabilidade do plano. Demais, o projecto é o há de idéa. — é o Código Civil com algumas alterações. — não é Código Commercial.

Tudo isto se acontece, porque o país não tem a educação technica, os homens são tecnicamente zero, de

modo que qualquer delles pode ser Ministro d'isto ou daquillo, indifferentemente, como pode ser embaixador, banqueiro, advogado, tratar de questões de Trabalho etc. No Brasil, ha este milagre magnifico: a omni-sciencia da mediocridade.

Que isto é um mal, dá-lo a gula, dizem-nos as condições gerais, o trabalho, que ainda desvora mais, e o nada de trabalho das mesmas comissões internacionais. Fogo de vista, e vantagem nenhuma.

A culpa de quem é? Dos Presidentes? Não. Da má orientação da mentalidade nacional, da falta de educação technica. Não podemos recompor os quadros das Faculdades, porque teriamos de condemnar o tempo passado e o tempo presente. O estudante, que o tivesse de fazer, precitaria de apoio sufficiente para esta grande obra de recomposição, que seria como o final de uma partida errada: baralharam-se as pedras do tabuleiro para jogar de novo. Remendar é impossivel. O passo, com que nos vestimos, está demasiado gasto. — e não podemos pensar senão em roupas novas.

Convidae qualquer medico para o Congresso e elle aceitará, elle discutirá questões medicas, mas leis. Convidae qualquer bacharel para a cartella cambial, e elle aceitará. Convidae qualquer engenheiro para a commissão de Justiça, e elle aceitará. O meu barbeiro é candidato a fiscal de impostos. Não se estuda, não se medita: fazem-se propagandas nos jornaes, apostam-se rones, elegiam-se, adjectivam-se O que se fez, concretamente, cala-se; não é preciso. A hesperrença publica supprime a solidão do saber. Ora, isto é — irremediavelmente — a fallencia; e a fallencia de homens é mais grave do

que a do dinheiro. — porque a do dinheiro se evita, com homens e a do homem não se evita.

Que é que se aprende nas Faculdades de Direito? Nada; desaprendem-se, porque os estudantes juvenis, as esperanças de sabedoria, os bom sentido, desconhecido, semelhante, ao senso da justiça íntima e essencial se substitua o mecanicismo do ensino semi-utilitário, com umas listas mal sabidas de tudo e sem hum saber solido de coisa nenhuma.

Laço da vida, é um velho, desenganado, propenso a certa interpretação medular e não cerebral da vida, a que succederá, mais cedo ou mais tarde, a interpretação abdominal, que é a pior de todas.

Um amigo norte-americano dizia em conversa íntima, ha poucos dias:

—O mal do vosso país é o resultado de uma incomprehenção. Nós e os alemães e os ingleses somos práticos e técnicos. Vós não queréis ser técnicos e já vos tornastes excessivamente práticos. Ser prático e técnico é querer o que traz resultados materiais consideráveis, os desenvolvimentos, as propagações, as novas idéas mercantile como, por exemplo, a exploração mais economica de determinado producto. Vós não vos preparais para descobrir ou ter novas idéas industriais, e quereis os resultados. Consequencia: sois práticos sem ser técnicos. Noutras palavras, confundis a pratica e a tecnica, inseparavel nos outros povos, com a sciencia arbitraria das duas

tendencias. Ao que fica chamamos pratica e affirmamos que a isto o que constituir a grandea dos Estados Unidos da America do Norte, da Alemanha e da Inglaterra. Enganar-vos. E o vosso engano pode ser fatal. Isto que confundis com o ser pratico não é mais do que a cavacão. A vossa palavra cavacão é significativa, — é como um aviso da lingua popular, em forma de critica psychologica, a tudo que prégnos ao vosso povo.

Tudo isto é — infelizmente — verdade. Somos um dos mais praticos da terra, como o homem das Balcanas e portuguez etc. O que não somos é o tecnico. E como não temos tecnica, fracassamos, porque a luta do mundo contemporaneo é entre técnicos. A argucia do cavador é limitada pela defesa dos outros, — pelo de cavadores o país de experts com alguns diaboicos malhevrados, não é país de grandes millionarios e nemos ainda de grandes forças sociais.

O estudante que quizer reconper o Brasil não precisará de violencias, — copiará estes bozocos e trará elles cá, sem reclamos e sem base. Isto já seria a obra meritoria; a obra de gloria seria substituir a bozocos, letrados de verdade, e de brão.

O Presidente que o entender fa-lo-o numa semana. E só nam deusas grandes gestos poderia rehabilitar-se o Presidenciaalismo, — rehabilitar-se e deixar o exemplo.

Lingua Brasileira...

L. Lavenère

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Alguns escriptores modernos estão pensando que o melhor modo de fazer do Brasil uma grande nação é dar-lhe uma lingua bem differente da de Portugal.

Não vejo como nem sombros de loges, porque nos Estados Unidos fallam a mesma lingua da Inglaterra e não foi esse motivo de impedir que a nação americana prosperasse e enriquecesse. Outros países também nada perderam por cultivar a lingua que importaram da Europa.

E, como querem dotar o Brasil com uma lingua propria? Trascendo para a escripta o falar incorrecto da gente leucita.

Se continuarem assim, chegaremos ao dia em que os escriptores do Norte não entenderão os do Sul, pois é bem sabido que os gachos possuem vocabulario e expressões desconhecidas dos habitantes do Amazonas.

De que servirá perder tempo e dinheiro com a Instrução Publica, com o estudo de grammaticas, com a leitura de classicos, se devemos falar e escrever como o maturo ou o sertanejo?

Bem sei que as linguas vão lentamente enriquecendo-se com o falar popular, mas penso que devemos deixar esse trabalho ao processo da evolução natural e que o nosso dever é corrigir os vícios e guiar a corrente da nova linguagem por um bom caminho.

Assim foi que sempre se fez e affirma Meillet no seu *Équisité d'une Histoire de la Langue Latine*: "La civilisation grecque s'est infiltrée chez les marchands, les merciers et dans le petit peuple de la ville de Rome avant d'y agir profondément sur les classes dirigeantes. Les tra-

miers textes littéraires de Rome montrent ce contraste."

É mais adiante:

"A Rome, le vocabulaire de la vie sérieuse était tout latin, celui du plaisir était grec..."

E fôrçoso admitir um vocabulario scientifico, outro literario, outro popular.

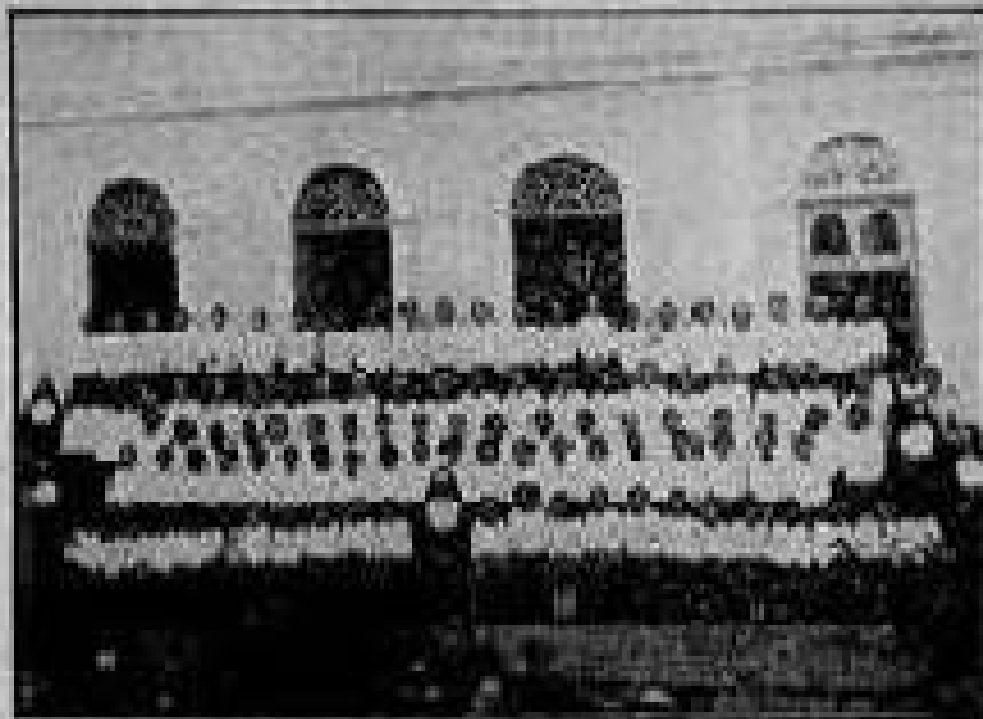
Seria certamente ridículo escrever: "A" lida por "B" qui sera "C" lida por "D", ou um tratado de therapeutica: a medicina que presta aos doentes é tão de quinquinaes e não cordo de limão.

Somente no Brasil é que vejo esse proposito de querer escrever mal, nos lito jornaes de Buenos Aires no mesmo espanhol que se escreve na Espanha; lito jornaes dos Estados Unidos no mesmo inglês da Inglaterra.

Na França cultiva-se o dialecto e o "patois" como fontes de estudo de linguistica, mas os proprios que fallam dialecto fallam tambem francez. Na Bretanha existem escolas em que se ensina o dialecto, padres que pregam e catechizam o catolico em dialectos, mas todos fallam e escrevem francez, exceptuando apenas os marabeiros e pescadores.

Se o Brasil conseguisse expulmar-se com dialecto bem distincto da lingua portuguesa, terá conseguido afastar-se mais ainda do convívio do mundo scientifico.

Agora, que com tanto tratado de patriotismo temos ouvido que se ensina a lingua portuguesa em alguns paizes, e que estamos procurando escrever alguma coisa para que não nos entendam... para mostrar a nossa superioridade, a nossa independen-



Asyle das Orphãs de N. Sra. do Bom Conselho — Bebedouro. Grupo de educandas. Ao centro, Irmã Sofia, Superiora. A esquerda, Irmã Vicentina e Irmã Isabel; A direita, Irmã Clementina, Irmã Clemente e Irmã Daniel.

Julgo isso um trabalho muito patriótico.

O Brasil não é uma nação que possa impor ao mundo a sua língua e a sua ciência, principalmente uma língua viciada, sem gramática, sem dictionários, como a que fala o homem do povo, o matuto.

Não foi de propósito que se fez uma língua portuguesa, não será de propósito que se faça uma língua brasileira.

Isso é um trabalho que se faz muito lentamente, sem se saber, sem se sentir.

Da Gymnastica nas Escolas

Mucio Socovola

CONFERENCIA PARA A REVISTA DE ENSINO

A necessidade da educação física já vem sendo compreendida melhor entre a classe média da nossa população; contudo alguns pais e mães de família ainda olham com reserva os jogos gymnasticos.

A elle tem por natureza uma regularidade sobre, e sobra, a uma regularidade, sem de qualquer apreciação a elle e, por intuição, amiga da gymnastica.

Não se justifica esta prevenção, facilmente sem razoabilidade e eficiência de posturas derramando artigos, que vem na gymnastica regular apenas saúde e desfrute.

A gymnastica ajuda a beleza.

A gymnastica é uma excellentissima collaboradora da saúde os gestos se desembaraçam, os membros se fortalecem e criam uma salutar disposição para o espirito. Vale por um tratado de effeitos magicos, como os antigos rituaes.

Nos dias chorosos, 15 minutos de exercicios gymnasticos aracam com a preguica que o não tempo impere tris.

Não é necessario já citar os gregos e os romanos, que foram os criadores da estocastica physica, para estabelecer a obra do infinito alvorecer moral que tem a escola gymnastica.

Muita gente ainda julga que os exercicios calligraphicos servem apenas para fazerem effeito nas paradas escolares.

O professor de gymnastica, com o apito na bocca para marcar o ritmo dos movimentos, é um simples gnomonometro, se entender o ritmo de muitos espiritos atarrachados.

Para quem a gymnastica é uma excessão, uma inutilidade, um alívio nas escolas, muito mais prejudicial do que as regras a horas determinadas nos collegios religiosos,

com prejuizo de aulas em que os collegians aproveitariam mais, incomparavelmente mais, o rico tempo da aprendizagem.

Nada temos que ver com o que pedram esses espiritos atarrachados, para quem uma terra dobrada ou um braço levantado são gestos esrandalicosos.

Ninguém julga fora de senso comum que a Pediatría corrige formas defeituosas, independentemente de intervenção cirurgica.

Por isso, os gestos rhythmicos da gymnastica respiratoria não podem desenvolver o thorax, fortalecer os pulmões e dar ao torso melhor conformação esthetica?

Esta fora de duvida que um, e não vale a pena discutir uma questao de ordem no dominio da Pedagogia moderna.

Essa educacão, porém, não deve começar apenas na escola.

Deve principiar logo no lar, que é a escola por excelencia.

As mães não devem deixar só para os professores a educacão corporal das crianças.

Muitas doenças podem ser combatidas, e outras muitas evitadas, com a natural predisposicão corporal do menino.

É sabido que uma alimentacão regular e succulenta não basta para o equilibrio da saúde infantil. Em certos casos uma alimentacão bem nutrida é prejudicial. O excesso de vitaminas não só produz a hipertrophia, como acarreta mais comumente desarranjos gastricos, furunculoses etc.

Este exaggerado não alimentar causa os mesmos effeitos contraproducentes que o excessivo recato de certos pais, tão exuberantes quanto estupidos, tornando os filhos ver-

da deusas galãs das quatro paredes.

Os meninos devem apachar-se, nadar, saltar, cair, chorar, afim de que se vão educando nas asperidades da vida, como se o mundo e o meio em que habitam os passos incógnitos fossem o proprio palco onde mais tarde terão de representar a divertida e tormentosa comedia humana.

O menino acostumado debruço de sete passos não pode levar o menor vento: está resfriado, e qualquer cianuro lhe dá febre.

Ao passo que o criado livre deuses prejuizos domesticos, fora desse detestavel ambiente de estufa, resiste a pancadas de ar, respira os pés e não espirra, vive maravilhosamente, porque a força do corpo tambem da, como as boas ações, soude a alma.

Em o que diz de um classico latino, tem citado, que já abusa: uma intelligencia só só pode haver num corpo só (*Mens una in corpore esse*). Ha certamente as excepções honrosas. Mas o postulado é verdadeiro e vale como regra geral.

Um desses dias ouvi uma commoção a nossa Directoria Geral de Instrução Publica, por chegar as crianças a fazerem exercicios gymnasticos todos os dias.

A commoção é desavizada.

Os exercicios quotidianos têm por

fim disciplinar a criança em todos os aspectos da vida orgânica, além de visarem acostumá-la a habitos habituosos, apprendendo a obedecer e a conquistar o dominio sobre si propria.

O censor não sabe ainda que a função faz o orgão.

A occasião mais apropriada para os exercicios gymnasticos em casa é antes do banho, em geral, pela manhã.

Nas escolas a hora preferivel é tambem matinal, não sendo, porém, logo após ao café ou a qualquer lanche.

O estomago cheio causa perturbações da mesma forma que o estomago vazio.

O exercicio é uma necessidade hygienica.

A sudoreção que se faz na gymnastica é um magnifico desentorpeçente e um meio de eliminacão excepcional.

O que se deve evitar nos exercicios gymnasticos é o excesso de movimentos, a accão demandado longa de pernas e flexões, que fatigam as crianças e dão lugar a varias fatalidades: estrengulamento do musculo, affecção de orgãos, e que a hygiene — pura sciencia geral da gymnastica — liminamente reprová.

CONSULTAS & PARECERES

ALERTA—ASPIRAR

Consulta:

"Sr. Redactor da — Revista de Ensino":

Leindo um artigo de brilhante jornalista varriosa, deparei com as seguintes paroladas, sobre as quais peço a sua opinião.

Dizia o jornalista:

1.º — "São Estados emancipados, onde se formam duas opiniões publicas dieritas..."

Pergunto: Alertas não devia estar no singular?

2.º — "E que ventos, desta vez, arvoada Estados aspirando legitimamente o direito a successo..."

Aspirando o? Não será aspirando ao, não?

Com estima,

R. M.
Estudante."

PARECER:

A — Effectivamente, *alerta* seria a forma coordecia, pois é adverbio. Mas pode ser tambem adjectivo, e o jornalista ainda acertou.

Alerta é originariamente uma italianismo: *allerta*.

A morphose *erita* é o feminino de *eritas* (lat.) — da pr.

Vernaculizado, *alerta* deu facilmente o verbo *alertar*, já dicionarizando:

Alertar no retine das charretilhas — (Pillatos Elysis — D. Moraes, l. 408, off. Candido de Figueiredo — Dicionario, 1.º ed.) *alertar*.

Do verbo veio naturalmente o particípio passado, com a mesma funcção de *alerta* em:

Sentinella *alerta*.

Com os ouvidos *alerta*.

Alerta, puro adjectivo, está em João Ribeiro (Dicionario de Simoes da Fonseca, 2.º edição de 1836, Garner — Rio.)

R — Devia dizer "aspirando ao direito".

de "atrair o ar aos pulmões", "absorver"; *INTRANSITIVO* no sentido de "desejar", "pretender", como exemplifica Candido de Figueiredo no seu Dicionario.

"Aspirar a mão da rapariga" (p. 172).

É *apud* consagrada, como se vê:

— não ha homem tão pequeno, ou tão formiga que não aspire a ser gigante. (Vieta — *Sermões*, vol. II, p. 200).

O excellento Moraes diz tambem que no sentido de *desejar, conquistar*, "aspirar" adige repencia: v. g. "aspira a boca". (Dicionario, vol. I, p. 285).

A exemplificação é para nunca acabar.

Contudo Moraes consigna um caso de construcção transitiva:

— as ondas aspirado haer do Olympo o maro (V. *Ulys*, 3. 186).

Laudelino Freire nos seus *Verbos Portuguezes* decca de exemplificar fartamente as varias accepções de *aspirar*. Faz a seguinte observação, sobre a sua intransitividade:

"Algunas vezes regue-se-lhe o intransitivo, sem regencia da prep. a: um clarim perpetuamente chama nos que aspiram *quar* de *oerna* fama" (Dicc. Acad.) — "Com as lotas... regue as ondas, com que aspira haer do Olympo os maros de *afira*" (ib.)"

Porém tanto nosos dois exemplos que tras Laudelino, como o de Moraes, são *reproachos* e extravagantes no unido da floresta da boa syntaxe prepositiva de *aspirar*.

R. R.

A sua consulta respondemos apenas que o que o nosso collaborador disse a respeito do verbo "ur" foi um lapso, que passou despercebido a nossa revisão, apenas de ser artigo nascedor.

Mantenha a sua convicção.

OS SEGREDOS DAS PYRAMIDES

Uma "Chronica Britannica" do Journal de Commerce de Rio de Janeiro assim se expressa: "Um novo sistema de pyramides quanto de interesse histórico e científico".

"Deu a possibilidade de se obterem alguns dados de uma viagem das pyramides do Egypto?" pergunta A. Padron no "Correio". Viam elas verdadeiramente consagradas para sepulturas dos illustres Thotmo? Não deviam pertencera a uma enorme construção, ou talvez dos seus architectos, sem destino mais alto, uma significação espectral de alguma data? E possível que as pyramides egypcias hajam servido como sepulturas, mas for uma de'as mais profundas que precedia a sua construção?

A mala escripta e estudada das pyramides é a de Cheops, construída durante a quarta dynastia que viveu 2.600 annos antes da era vulgar. Segundo os estudos do professor Moricc, parece que os seus architectos haviam desajado para esse monumento immenso de se fazer próximo da sciencia astronomica desse tempo. Os egypcios consideravam a grande pyramide como uma das sete maravilhas do mundo. Tem quasi 150 metros de altura e a sua base cobre 1 hectare. Ainda hoje firmam alguns dados, quando nos perguntamos como foi que os povos antiquos conseguiram levantar semelhante obra de pedras sem o auxilio das modernas maquinas.

A construção da construção para si milhões de toneladas, seriam necessarias 8.000 toneladas capazes de rebocar mil toneladas cada uma para o transportar, e hoje a riqueza actual do Egypto não bastaria para pagar os operarios que tiveram de a demolir. Vejamos agora as singulares descobertas feitas pelos homens da sciencia e pelas archeologias que estabeleceram, sob todos os seus aspectos, uma astronomia mysteriosa e symbolica.

Infelizmente o professor Moricc, com o astrónomo italiano Finati, a notara que a grande pyramide de Cheops tem por base um quadrado de 440 metros, ou seja um lado e uma altura de 140 metros 100. Ora, quando os homens da sciencia da expedição de Bonaparte decidiram empreender a trianulação do Egypto, a grande pyramide era o ponto de partida de todos os cálculos, como se fosse dado central para a determinação das longitudes nessa região. Quasi não foi a sua existência, quando concluíram que se distinguem de monumentos, pyramides, obeliscos exactamente o delta formado pelo Nilo na sua foz! Que a coincidência, que se deu a ilha Niute fulgurando pela sua grande, delta e delta em duas partes exactamente iguais? Isto não foi certamente um acaso, mas das um resultado calculado, que

nos revela os constructores desse monumento abalado pyramide.

Se este facto fosse unico, poder-se-ia attribuir ao acaso ou a uma coincidência fortuita. A grande pyramide foi medida em três revulções a que se interrompeu com regularidade. Os astrónomos notaram que a grande pyramide se acha, com os seus quatro lados perfeitamente orientados para os quatro pontos cardinaes. Quando se pensa que Tycho Brahe, com todos os meios que a sciencia do tempo, e apesar de todas as suas calculos para crêder a que observação de Uraniborg, construiu um ergo de 12 metros de arco, ficou se maravilhado com a que conseguiram os antigos egypcios!

Não é tudo. Já percorremos a terra em todos os pontos, e os astrónomos fizeram estudos para estabelecer o meridiano ideal de referencia para todas as latitudes. A Inglaterra adoptou o de Greenwich, a França o de Paris, a Italia o de Roma, porém, por simples espirito de nacionalidade, o egypcio, o meridiano ideal é o da grande pyramide, pois é o que atravessa mais exactamente a mesma linha e circumstancia ainda mais surpreendente, se se calcular exactamente a extensão das terras que o homem pode habitar, descobrir-se que o famoso meridiano se divide em duas partes iguaes! Além disso se traçarmos um paralelo no 30º grão de latitude norte, vemos que este círculo é o que comprime a maior superficie continental. Ora, é precisamente sobre este paralelo que a grande pyramide foi construída.

Reverda Herodoto que os egypcios egypcios haviam concluido que as circumferencias estabelecidas para a grande pyramide entre os lados, a base e a altura eram tais que "o quadrado construido sobre a altura vertical era exactamente igual à superficie de toda e qualquer das faces triangulares".

As medições actuaes demonstram a verdade desta conclusão.

Além de termos que a antiguidade classica honrara a relação entre a circumferencia e o diametro (isto é, o numero 3,1416), de todo a investigação moderna, sempre disse, este numero achava-se, por acaso disse, materializado na grande pyramide. Anteriormente em quatro metros de base, que era originalmente de 175m,50, e com um perimetro de 551m,2. Dividido o comprimento deste perimetro por duas vezes a altura da pyramide, que se trata de uma coincidência era de 140m,50, ou seja, tiramos o valor de $H = 511,22/2 = 148,255 = 1,416$. Como se vê, o perimetro e a altura vertical da pyramide é igual a 3,1416

Casa Americana

Guilherme Gustavo Cômer

RUA DR. ROCHA CAVALGANTE N.º 147

Telefone: 4-15

Telegraph: MARCHEMEX

Automóveis: HUDSON — ESSEX — WHIPPET

Caminhões: LEO



WILLARD Willard:

A melhor bateria.

VICTOR:



Violas ortofônicas — Discos VICTOR.

PALATINA, ODEON e COLUMBIA

Motocicletas: HONDA, dois modelos distintos: Scud 37, Scud 45

Pneus: GOOD-VEAR e DUNLOP

FRIGIDIFRIGERIOS: MOORE & CO. Máquinas a compressão de vapor para refrigeração e conservação de alimentos. Equipamentos de aquecimento para a terra quente. Disponíveis a vapor, 10 P.V.X. para todos os países. Máquinas a vapor.

MARIO GUIMARÃES & Cia.

COMERCIO, REPRESENTAÇÃO E CASA FABRIL

CONDIÇÕES: L. L. P. M. Ref. 47, Brasil, Minas, Goiás e Paraíba

MATRIZ:

Rua Dr. Rocha Cavalcanti, 262-268

GRANDE PORTO - N.º 17

Telegramas: **MACGIO**

TELEFONES: | Comércio - 228
| Indústria - 228
| Rua de Santo Antônio - 228

NACIONAL

FILIAL:

Rua Santos Dumont, 32

GRANDE PORTO - N.º 17

Telegramas: **MACIO**

BAHIA

REPRESENTAÇÃO DE MÁQUINAS GOMAS E FERRAMENTAS E TO. INTERIORS

EXCLUSIVOS VENDEDORES das máquinas Picas MICHELIN

Picas e acessórios para automóveis CHEVROLET, DALLAS, PONTIAC etc.

MÁQUINAS DE BENEFICIAR ALGODÃO "EAGLE"

Representação para as Indústrias de Agricultura

Agentes da **GENERAL MOTORS OF BRASIL S/A**

**Companhia de Seguros Terrestres e Marítimos SAGRES e INTER-
NACIONAL DE SEGUROS (acidentes do trabalho e automóveis)**

Concessionários da Companhia Industrial "Cerâmica Japonês" S.A. Fiquês - Minas:

Esmerada preparação de colas, respas, waxes em chromo e ao comi-
chromo, buffalos, vernizes etc. etc.

N. 2. que estava a retocar sobre a circular francesa e a carta do modo que esta mesma revista tinha no mundo, embora materialmente um salvo-questionário que se se apresenta logo nestas páginas de investigação. Também Saint-John Vesev Dowy deu notas que a terra do século mediana dá grande impressão sobre a terra de sua base na retórica do 1. para II.

Logo depois, a revista teve que lidar com a arquitectura egypcia para a construção de

grande pirâmide egypcia a 811 metros a 460 milímetros. Multiplicando esta medida por 20 milhões, obtemos 8100.000 metros; quer dizer a altura que a pirâmide actual attinge no vale pelas florestas. A medida logo se aplica representativa, pois, a divisão multiformes parte de cada parte.

Quando nos damos actualmente, multiplicando a altura da grande pirâmide por um milhão, obtemos a distância entre a Terra e o Sol, isto é, 149.200.000 quilómetros.

A proposito dos erros de revisão

Muito há Revista com formal, contudo grande de pontuação errada, mas não tenho alguma outra que ainda se apresente em um volume.

O revisor é o typographo que julga e pleitoria, muitas vezes injustamente, dos publicistas de todo o mundo.

Voltarei, naturalmente, para que esse typographo a ignorância do idioma, que não seja trabalho a prova que não possam resolver.

Entre alguns erros não são frequentes!

Muitas vezes revirmos a typographo do trabalho a ler alguns mais-vultos, em alguns casos, não, para a falta de.

Vouto Hugo disse que os escritores demographos a respeito de "luzes de pensamento de gente", apesar de sua desenvoltura.

Reclamando, portanto, que a obra de Marthe Lu deva a ser, portanto, que substitua, no verso A morte da liberdade. Revista, "El Deseño a vida de qui vivient un poeta", por "El, com um A vive et qui vivient los versos", e que substitua de modo a occupar. Mas a verdade é que geralmente erramos.

O mesmo erro, mas lá a revisão de uma obra por duas vezes antes para um quadrado desde a erro typographico, sendo uma vez de cada lado, em um comentário de Evangelho "amor" no lugar de "amor" Finalmente, a substituição de singular plures.

Verificamos também como W. Julius Meale, tradutor d'Os Camadas", e o Dr. Johnson foram revistos.

A Inglaterra, actualmente, tem grande número em paralelo de seus jornais e livros. Mas em a mesma parte os erros de Shakespeare, na primeira edição, apresentaram cinco mil erros.

Alphonse Karr devia ser sempre italiano. As revistas de sua obra foram muitas vezes, incluindo muitas e curiosamente "de verso de la vida des dantes", em "La vida de la vida des dantes".

Quando a "Revista de Noticias" publicava correspondências de Tannat Dell-

ghe, trouxe, sobre isso, um artigo de uma revista com o título "O passado e o presente".

O volume-chefe, nessa ocasião, o grande Director de Assuntos, etc., na imprensa se arrastava a cada que a verdadeira epigrama era "O passado e o presente".

Integrado, ordens que o secretario da redacção tivesse uma vida acrescentada a erro. E no dia immediato, não a verdade.

Rectificação — A carta do mesmo Christy collaborador Havelock, e sem, ainda os erros de Havelock, não, por um erro de revisão, com a epigrama "O passado e o presente". Mas os erros repetem, inteligentes e capazes como eles, não, realmente pareceram logo que a verdade do título é "O passado e o presente".

Muitas vezes os typographos fazem os erros, como Peltan, na carta dos erros de revisão os dois proprios erros. E a que desta obra de Anna Christy, a pagina 234 de uma "Historia que não vive na Historia".

Uma substituição pela revisão, ainda sobre o jornalista grava que seria preferível a reconhecimento de toda a França de que a que não a dorrota.

Anna Christy é um philologo de grande erudição, porque preferem de que em vez de conhecer a vida pode ser levada a cabo de revisão ou de consultar. E preferem não se a erro [o] que de debita.

Anna Christy escreveu um livro de admiravel erudição philologica sobre Os erros das palavras.

Alguns a sua obra d'Os Homens da Independencia é a pagina 20 apresentaram esta respectabilidade nota.

Anos, pois, os conhecimentos de M. Paulo de 20 de Junho de 1871, com a Declaração de José Bonifacio, impedia que a terra da Independencia fosse feita sobre um só a forma representativa, como propozia a Hierarquia.

o Diccionario de Morais, o legitimo que é Dr. Louçano Feire realizou philologica porem de modo de 1870, corrigiu a

Excerpto do Regulamento da Instrução Pública do Estado de Alagoas

DECRETO N. 1140

De 15 de novembro de 1920.

TITULO IV

CAPITULO IX

Das designações

Art. 207. — Para o provimento das cadeiras de qualquer escola agrupada, só serão designados, em comissão, professores de 1.ª e 2.ª categoria approvados em exame de capacidade, salvo as excepções previstas neste Regulamento.

Art. 208. — Poderão ser também aproveitados nos grupos da Capital e do interior professores adjuntos que, após um estagio de cinco annos em qualquer desses estabelecimentos, forem approvados em exame de capacidade.

Art. 209. — A comissão em escolas agrupadas será por tempo indetermiñado e cessará com o acto do Governo que designar o professor para servir em escola isolada.

Art. 210. — Quando o professor de cadeira isolada de qualquer categoria for designado para servir em escola agrupada, aquella se considerará vaga e será preenchida na forma deste Regulamento.

Art. 211. — O professor dispensado da comissão que estiver exercendo em escola agrupada, será designado para ter exercício effectivo em cadeira isolada de categoria correspondente a sua antiguidade ou em cadeira de categoria inferior, se tiver incurrido nas faltas previstas pelo art. 204.

Art. 212. — As designações só terão lugar por acto do Governador e mediante proposta da Directoria Geral da Instrução Pública.

CAPITULO X

Das licenças e faltas

Art. 213. — Sob nenhum pretexto poderão os professores públicos interromper o exercicio do cargo que exercem e das obrigações legais que lhes incumbem, sem licença regular.

Art. 214. — As licenças serão concedidas com ou sem ordenado.

§ 1.º — As licenças sem ordenado servem aos interesses particulares justos e attendíveis dos requerentes, e não poderão exceder de 18 meses.

§ 2.º — As licenças com ordenado só serão concedidas por motivo de moléstia do professor, até 12 meses, pela forma seguinte:

a) de 30 dias, mediante atestado medico ou inspecção de saúde, a critério do Governo;

b) de 30 dias em desente, mediante laudo positivo de inspecção de saúde.

Art. 215. — As licenças por motivo de moléstia do professor serão concedidas com as seguintes classificações:

a) de gratificação até 3 meses;

b) de gratificação e metade do ordenado, de 3 meses em desente.

Art. 216. — Obtida a licença, o professor deverá entrar no gozo della dentro de prazo improrrogavel de 30 dias, contados da data do despacho que a conceder, sob pena de ficar o mesmo sem effecto.

Art. 217. — Nenhum professor poderá entrar em gozo de licença, sem que tenha apresentado a respectiva petição á Directoria Geral da Instrução Pública para a indispensavel averbação.

Art. 218. — O professor será obedi-

gado a comunicar simultaneamente por officio, a Directoria Geral da Instrução Publica e ás respectivas Juntas Escolares o dia em que entrar no gozo da licença.

§ Unico. — Quando o professor servir em escolas agrupadas ou reunidas, fará a communicação na forma dos artigos, a Directoria Geral da Instrução Publica e ás respectivas directorias de grupo ou escolas reunidas.

Art. 210. — Ao terminar o exercicio de seu cargo deve o professor communicar-lo em acto contínuo á autoridade escolar local, para que esta por sua vez faça as communicações que lhe competam.

Art. 211. — As licenças, guardadous ou prazos, formulas e exigencias estabelecidas neste Regulamento, poderão ser prorogadas, mas esta prorrogação deverá ser requerida pelo interessado 15 dias antes de expirar a licença, e no mesmo termo o pedido é extinguido.

Art. 212. — Toda prorrogação de licença com ordenado exige inspecção de saúde.

Art. 213. — O requerimento de licença deverá ser selado e assignado pelo professor ou a rogo, no caso de impossibilidade manifesta, e será sempre acompanhado de informações circumstanciadas da autoridade escolar local, ou das directorias de grupos e escolas reunidas, além de attestado medico com firma reconhecida, no caso de moléstia.

Art. 214. — Nas localidades onde não haja medico e, quando a moléstia impossibilitar a locução do professor, a licença de 30 dias será concedida mediante uma declaração colectiva da Junta Escolar.

§ Unico. — Se algum dos seus membros, tiver de confirmar a declaração, assigna-lhe a recusa, dando logo abaixo os motivos da recusa.

Art. 215. — Na hypothese do artigo anterior, a petição de licença e a declaração da respectiva Junta ou

das autoridades pelo seu Presidente e Directoria Geral da Instrução Publica.

Art. 216. — Não será concedida licença ao professor:

a) que, nomeado, removido, designado ou transferido, não tiver tomado posse, entrado no exercicio de seu cargo e funcíonado pelo espaço de 2 meses, salvo superveniencia de moléstia grave que o prendia no leito, comprovada por inspecção medica ou pela forma estabelecida no artigo 217.º e seu § 1.

b) que estiver fora do exercicio do cargo, salvo caso de prorrogação de licença em caso de moléstia grave;

c) que a solicitar nos ultimos tres meses do anno lectivo, excepto caso de moléstia grave, provida em inspecção medica, ou pela forma prescripta no artigo 217.º e seu § 1.

Art. 217. — Não se concederá nova licença ao professor que a tiver gozado pelos prazos máximos na forma do artigo 213.º, sem que haja funcíonado por espaço de um anno contado do dia em que houver terminado a ultima licença.

Art. 218. — Será considerada em prorrogação a licença que o professor conservar dentro de 30 dias contados da justificação de 15 faltas ou da hypothese prevista pelo art. 213.º, letra c do § 2.º.

Art. 219. — Logo que o Secretario do Interior tiver sciencia de que um professor effectivo soffre de moléstia infecto-contagiosa ou outro mal qualquer repugnante ou incurável, submetta-o a inspecção de saúde.

§ 1.º — Verificado achar-se o mesmo comprehendido nos casos deste artigo, será licenciado por um anno, com ordenado.

§ 2.º — Se depois desse periodo, por uma nova inspecção de saúde, se verificar que o mal persiste, o professor será aposentado na forma da lei.

Art. 220. — É facultado ao governo exercer o direito de, em qualquer tem-

po, resumir a licença que lhe tiver sido concedida ou em cujo gozo se achar, reassumida a execução do cargo.

Art. 249.º — Será cassada a licença pela autoridade competente, sem que sobrevier o exercício outro emprego ou se occupar de profissões que prejudiquem o ensino.

Art. 250.º — Terminada a licença e não reassumido o professor o exercício do cargo, a autoridade local respectiva fará immediatamente as necessárias communicações.

Art. 251.º — O professor poderá gozar a licença mais de uma vez, appretive.

Art. 252.º — As faltas dos professores poderão ser abonadas, justificadas e não justificadas.

§ 1.º — Poderão ser abonadas:

a) as que forem occasionadas por serviço publico obrigatorio, em virtude de lei, regulamento, ordem ou commissão do governo;

b) as por motivo de casellas, fallecimentos de ascendentes, conjuge, irmão, cunhado, sogro, genro, ou nora, até 7 dias;

c) as que por motivo de moléstia pessoal não excederem de 3 por mês e 3 por anno.

§ 2.º — Poderão ser justificadas:

a) as motivadas por enfermidade do professor ou de pessoa da familia, que viva em sua dependencia,

provada na forma regular, e até 15 dias seguidos;

e) as das posturas em até trinta dias seguidos.

§ 3.º — Serão consideradas não justificadas as faltas não comprehendidas nos §§ anteriores.

Art. 253.º — O professor fôr do exercicio não terá direito ao abono de faltas, e o que tiver faltas a justificar não poderá tê-las abonadas.

Art. 254.º — As faltas abonadas dão direito aos vencimentos integros; as justificadas, ao abono; as injustificadas determinam a perda total dos vencimentos.

Art. 255.º — As faltas deverão ser communicadas á autoridade escolar competente, sem o que não poderão ser abonadas ou justificadas.

Art. 256.º — No numero das faltas não justificadas, serão computadas as domingos e as ferias, quando estas duas ou mais faltas consecutivas.

Art. 257.º — Os pedidos de justificação de faltas serão dirigidos ao Secretario do Interior, com informaçõ da Directoria Geral de Instrução Publica e deverão ser sempre acompanhados das provas do motivo allegado, as podendo, entretanto, ser attendido quando feito até 15 dias depois de ser o faltoso reassumido o exercicio e mediante a apresentaçã do respectivo atestado.

NOTICIÁRIO

O dia do Descobrimento

De accordo com o estatuido pelo regimento da Instrucção Publica, os feriados são sempre dias de festa nos Grupos e Escolas Indicas.

Registramos a festa civica que a Escola Normal consagrou á comemoração do descobrimento do Brasil — a 3 de maio.

Sabemos que a Terra de Santa Cruz foi "descoberta" por Pedro Alvares Cabral a 22 de abril; la esta na carta de Caminha: "e sey seguimos nosso caminho por este mar de longo eua terra feita d'outras de pascoa, que foram XXI dias d'abril, que topamos alguns signaes de terra

e na quarta feira seguimos pela machas topamos avoa... a sexta dia a cruz de beapora, ovemos vista de terra, saber: primeiramente d'uum grande monte muy alto e redondo, e d'outras terras mais baixas, ao sul dele, e de terra chaa, com grandes arvores, ao qual monte alto o Capitam poz nome o monte Pascoal, e as terras a terra da Vera Cruz."

Mas os honrosos lous do Primeiro Imperio entenderam de abrir o Parlamento Brasileiro no dia da invenção da Santa Cruz, pensando que esse dia era o momento do achamento do Brasil, e assim se tem celebrado até hoje, com indaferível mesprezo da verdade historica, neste caso, la costado.

Foi oradora da solemnidade a Sra. Margarida Bastos, do 3º anno normal, cujo discurso publicamos á parte.

— () —

O dia da Abolição

Nos Grupos "D. Pedro II" e "Thomaz Egindola" a Lei Aurca teve celebração condigna.

Após os hymnos ecoboricos, falaram a Sra. Maria Rosalia de Albuquerque, dedicada directora da classe pre-escolar do primeiro, e a Sra.

Maria da Conceição Maciel, professora alliança do segundo Grupo.

Os discursos do mesmo, vio publicados na secção correspondente.

Relvya salientar a encantadora festa que neste mesmo dia houve a effeito o Grupo "Fernandes Lima" por iniciativa do seu illustre director Dr. Gerquinho Nunes.

Para estimulal-os na pratica dos sentimentos nobres, as alunas daquele grupo tiveram em suas educandos dar liberdade cada um um passaro, crechendo assim a ambiente de ruidosa alegria, com a comemoradora.

Depois do hymno á Liberdade, letra de Medeiros e Albuquerque, houve as seguintes recitativas:

Comarico — Luis Guimarães (filho) — por Lucy Cavalcanti.

O rouinol do Catarico — Gomm Loui — por Elvira Bahia.

O acido em Tempio — Victor Hugo (tradução de Raymundo Correa) — por Cordelia Cavalcanti.

As professoras Sras. Laura Wanderley Lima e Flora Ferraz falaram a primeira sobre a esphemeridade, a segunda sobre a significação e o symbolismo da libertação dos passaros no dia da libertação dos captivos brasileiros.

Publicamos á parte todos os discursos e felicitamos o Sr. Director e as suas distinctas auxiliares, pela esplendida festa que proporcionalmente á sua patrida e ao publico que a ella esteve presente.

— () —

O dia da Normalista

As alunas da nossa Escola Normal celebraram o dia que lhes é consagrado, 31 de maio, com uma festa magnifica, cujo programma, variado e cheio de intelligencia, foi executado á maravilha.

Pela manhã ás 7 h:2 houve missas solenne, com canticos, na Igreja do Livramento.

A noite, de 20 horas, no Theatrical da Escola, perante uma assistência numerosíssima da casa, foi realizada, com a presença dos Exmos. Srs. Governador do Estado, Secretários do Interior e da Fazenda, executando o seguinte programma:

1.ª PARTE

- I—Hymno da Normalista.
- II—Meninas alegres — (ballado) — Beama Lima, Celina Veyron, Lourdes Duarte, Bernadette Jure.
- III—Sangue Africano — versos de Casarão Ricardo—Djanira Sousa.
- IV—Españolitas — (ballado) — Glória Travassos, Dulce Aragão e Judith Figueiredo.
- V—Ta Bouche — aduetoj — Renée Abadi e Celeste Pereira.
- VI—Ballado Oriental — Helena Ribeiro, Haroldo Silveira, Regina Clavie e Aurora Vieira.
- VII—Jurocódica alla corte — Espontani — (coral).

2.ª PARTE

MISS MONOTO

Stafel em Paris

- I—Zou Mouzo.
- II—O Canario — D. Luiza — Doralice Pereira, Yvonne — Celina Veyron, Maria — Aurora Vieira.
- III—A Brisa — (ballado) — Lourdes Duarte.
- IV—Apolocon — Renée Abadi, Humbertina Faria, Djanira Sousa.
- V—Yéyé de Yaya — (canção) — Celeste Pereira.
- VI—Uma Terça — Madre Alice — Alayde Athayde, Emma Teresa — Leonilde Cellarico, Norilça — Hilma Pereira.
- VII—Bavareza — (Charleston) — Glória Travassos, Bernadette Jure, Lourdes Duarte, Dulce Aragão, Judith Figueiredo, Beama Lima.
- VIII—A criada Nova — D. Leontina — Lúcia Navarro, Mme. Gondoro — Eudora Freitas, Alexandrina — Aurora Vieira.
- IX—Miss Moçota

Entre um e outro desses momentos, houve e houve e appareceu entre um grupo de normalistas o esdrúculo em ponta grande do Sr. Dr. Sidronio Augusto de Santa Maria, dedicado Director do Departamento Geral da Instrucção Publica e da Escola Normal, era uma homenagem, muito justa, que lhe prestavam as suas dirigidas, a sua revista.

Tocou nos intervallos a banda da Policia Militar.

— (1) —

Concurso para promoção de professores

De 26 a 28 de junho realizam-se o primeiro concurso deste anno para Professores de 1.ª e 2.ª categorias.

Inscritas para a segunda categoria, compareceram as provas as professoras Sta. Maria da Natividade Lemos e Aurora de Vasconcellos Costa Santos, que obtiveram media final de approvação grau 7.

Para a primeira categoria compareceram as Sta. Marcela Augusta Silva, Stella Barros Pinheiro e Nicolalia de Oliveira Graça, approvadas grau 8, Doralice Vieira da Silva grau 7, e Annetta de Mesquita Cavalcante grau 6.

Commeçaram a banca examinadora, sob a presidencia do Sr. Dr. Sidronio Augusto de Santa Maria, o Exmo. Sr. Dr. Adalberto Marroquin e o Prof. Augusto Maciel.

A prova pratica de Pedagogia, que se realizou no galpao da Escola, estiveram presentes muitas professoras da capital e da interior, directores da Guapa e muitas pessoas gradas.

— (1) —

Grupo Escolar "Inéguas" "Junior"

Este grupo escolar festejou a 10 de junho a sua primeira decada de fundação, que passou a 11 do mesmo mês.

Foi distribuído entre as suas alunas o seguinte programma, que encontra a todos os presentes, pela correção com que foi executado:

1ª Parte

- 1.º—O de Junho (Canção)—Grupo de alunas.
- 2.º—A arvore e a cruz (Poema)—Cristina Serra.
- 3.º—Saudades de Minha (Fado)—Eulalia Santos.
- 4.º—A Goivira (Canção) — Maria Helena.
- 5.º—A professora Margarida (Monologo) — Conceição Serra.
- 6.º—O Grego da Verdade (Canção) — Zoraida Brasileiro.
- 7.º—No mar (Barcharola) — Grupo de alunas.

2ª Parte

- 8.º—O Vendedor de jornais (Poema) — Maria das Dores.
- 9.º—A candidate (Canção) — Eula Quistella.
- 10.º—Miss Brasil (Monologo) — Serradito Lima.
- 11.º—A filha da Gaitaria (Fado)—Teresa Ferreira.
- 12.º—Quem casa qui casa (Dialogo) — José e Ruth Quistella.
- 13.º—Sambas do novo mundo (Samba) — Alunas do pro-mostrar.
- 14.º—Anthonas no Grupo Escolar "Diogenes Junior".

O Dr. Eduardo Magalhães da Silveira, obrigado Director do Grupo, providenciou para que fosse inaugurado naquele dia o retrato do Dr. M. B. P. Diogenes Junior, patrono do estabelecimento; no momento, porém, da inauguração, no lado do retrato do saudoso homenageado, appareceu tambem o retrato de Director, surpresa que o corpo docente lhe preparara.

Além de retratos foram obra do distinto plebeo patriota Sr. Lourenço Peixoto, professor de desenho do mesmo Grupo, e cujo lar já tem illustrado esta "Revista".

Por ordem da entidade a professora Sta. Judith Mattos.

Publicamos o Sr. Director o Professor do G. E. "Diogenes Junior", pela excellente Talla que realizaram.

— (1) —

João Ribeiro



Illustração: Laurinda Pereira

O aniversario natalicio do estimado mestre, que passou este mês, é uma jubileante que alterca as sympathias dos que fazem esta "Revista", e não deca de promover os trabalhos estudiosos.

João Ribeiro, com uma extraordinaria cultura, faz questão de ser considerado simples estudante.

É, por isso, um collega amavel e amavel, sem embargo de ser um mestre de todos os modos respeitavel, na significação mais alta do termo.

Grammatico sempre sem humores, e philologo de grande saber, historiadore de orientação original, poeta de inspiração larga, mas de pro-

facção pouco abundante, graças as suas exigências estéticas: folhetim bem escrito e de circulação nacional, o Dr. João Ribeiro é uma figura primordial entre os sábios brasileiros.

É membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico Brasileiro e do Collegio de D. Pedro II, as três instituições máximas da cultura nacional.

Nasceu a 24 de junho de 1869, na cidade de Larangeiras, em Sergipe e bacharelou-se em 1891 pela Faculdade de Direito de São Paulo.

Foi sempre uma vocação pedagógica triunphante, através da qual, melhor do que através do seu bacharelato, formou o invejável docente que desfrutava nos centros linguísticos da Europa.

De uma viagem que fez a Alemanha em 1896, comissionado pelo governo federal para estudar naquella pátria e ainda noutros a Instrução Pública, trouxe o Dr. João Ribeiro os processos didacticos do ensino germanico, que applicou ao seu "Curso de Historia do Brazil" — curso primario, medio e superior — trabalho de admiravel synthese da nossa sociologia pragmatica, que ainda não se tinha feito entre nós nem se fez até agora melhor do que o d'elle.

É do seu "curso" que a Historia do Brazil, differentemente do que está em Varnhagen, Pereira da Silva, Roberto Soutinho ou Fernandes Pinheiro, Mattoso Maia e Macedo, começa a ter uma função positiva, capaz de ser explicada, como a esboço das rias e a vastidão das marés.

Mas a sua maior representação litteraria é a de grammatico, expressão demasiado estreita para a simples exploração da sua cultura linguística.

Além da excellentissima Grammatica portugueza (curso superior), na qual estudou profundamente o genio da nossa lingua, escreveu:

"Extensão philologica", "Autores contemporaneos" e "Selecta classicos"

com brillantes notas de philologia, "Phonema lútas", em 2 vol., "Fabordis", "Cartas de volúptas", "Custódidos virtuosos", "Notas de um estudante", "Colmeia", "Lingua Nacional", Kallia para ser recitadas em volumes as suas magistras chronicas de vario assumpto, na maior parte philologicas, sob os títulos de "Marginalia", "Da sim da não" e "Lenda e dictionario..." de Moraes, que elle tem em sua estante, apesar de Alexandre Heroldano ter-lhe chamado "babel da lingua portugueza", lant os "bactes destemperos" que tem, na epinilo do desabonado classico das Lendas e narrativas (Vol. I, p. 100, ed. de 1903).

As edições que dirigiu das "Sacrificios portuguezes", e da "Arte de furta" estão cheias de anotações philologicas de inestimavel valor, não esquecendo a 2ª edição do "Dictionario" de Simões de Fomosa, tão consideravelmente augmentado por elle, que mais parece obra original.

Mais de uma vez temos obrigado o Dr. João Ribeiro a colaborar na "Revista de Ensino", como ainda em numero fauente, trasladando para as nossas columnas uma das suas poesias mais formosas do volume de "Versos" definitivos que imprimiu em 3ª edição.

Razão dobrada para esta homenagem que lhe renderem os seus admiradores perdidos neste recanto do nordeste.

— (1) —

Estadística escolar

Os mappaes que publicamos neste numero, em appendice, foram confeccionados pelo Sr. José Soares Filho, Inspector Geral do Ensino, e a quem esta affecto esse serviço no Departamento Geral de Instrução Publica.

Estado solidão é somente auctoria que quele que grama e levallado que coovem a sua parte e tem infra parte de que é seu. — INSTRUÇÕES.

VIDA ESCOLAR

Movimento da Instrução Publica do Estado

MRS DE ABREU,

— Dia 1 —

— Dia 1 —

Foi nomeada D. Andreolina de Mesquita Santos, para exercer o cargo de professora extraordinária, por tempo indeterminado, da cadeira mista do povoado Poais, Município de Cururipe.

Foi nomeado o cidadão Manoel Marinho de Melo, para exercer o cargo de Insuente Rural do Ensino do povoado Capetara, Município de Traipu.

Foi nomeada D. Ellen de Araújo, para exercer o cargo de professora extraordinária, por tempo indeterminado, da cadeira mista da cidade de Leopoldina.

Foi nomeada a seguinte moçoira, D. Jacilma Ribeiro de Alencar, para exercer o cargo de professora pública de instrução primaria de 1ª entradela da cadeira de 1ª categoria do sexo masculino da villa de Matriz, Município de Camaragibe.

Foi exonerada D. Maria Yvonne Torres do cargo de professora extraordinária da 1ª cadeira do sexo feminino da cidade de Viçosa, conforme pediu.

Foi nomeada D. Dêboras Cruz Bastian, para exercer o cargo de professora extraordinária, por tempo indeterminado, da cadeira do sexo feminino da cidade de Iguaçu Nova.

Foi mandada pagar a R. Maria José Esteves dos Santos, professora efectiva da cadeira mista de Mandaba-Mirim, Município de União, a ajuda de custo a que tem direito, na forma da lei.

Foram concedidos 30 dias de licença a D. Dêboras Baptista de Nazareth, professora pública, em comissão, no Grupo Escolar "Dêgues Junior", desta cidade.

Foi removida, por conveniência de ensino, a professora pública de instrução primaria da cadeira do sexo masculino da cidade de Traipu, D. Agulina Maria do Carmo, para a cadeira do sexo feminino da mesma cidade.

Foi mandada pagar a D. Esmeralda Vazquez Lima, professora primaria da cadeira do sexo masculino do povoado Morros de Camaragibe, a ajuda de custo a que tem direito, de acordo com o Regulamento da Instrução Publica, em vigor.

Foram concedidos 30 dias de licença, com os vencimentos da lei, a D. Maria Albuquerque Lima, professora de costura e auxiliar da inspectora de alunas da Escola Normal.

— Dia 2 —

Foi nomeada D. Juracy Lima, para exercer o cargo de professora extraordinária, por tempo indeterminado, da cadeira mista do povoado Ubu do Foz, Município de São de Alencar.

Foi removida, a pedido, a professora pública de instrução primaria da cadeira mista de 1ª categoria do povoado Mar Vermelho, Município de União, D. Esthalla Lopes Barbosa, para a 1ª cadeira de 2ª categoria do sexo feminino da cidade de Viçosa.

Foi designada a professora que ora exerce suas funções no Grupo Escolar "Cinquento Pinto", desta Capital, D. Elizabeth Casado Lima, para servir, em comissão, no Grupo Escolar "Dêgues Junior", desta Capital.

Foi designada D. Amalia Pinheiro Lima, para servir, em com-

cidade, no Grupo Escolar "Clintan-
la Faria", desta cidade.

— Dia 4 —

O Excmo. Sr. Governador do Es-
tado resolve approvar o termo do
contracto celebrado nesta data en-
tre o Sr. Secretario de Estado dos
Negocios do Interior e D. Maria Au-
gusta Braga, afim de exercer o car-
go de professora de Trabalhos Ma-
nuaes e auxiliar da Inspeccao de
alumnas da Escola Normal.

— Foi revalidada, a pedido, a pro-
fessora de 1.^a categoria da cadeira de
2.^a categoria do sexo feminino do
Barro Vermelho, arrabalde de Pe-
nedo, D. Innocina Dias, para a ca-
deira de 2.^a categoria do sexo mascu-
lino da cidade de Traipé.

— Foi jubilada, com todos os ven-
cimentos, a professora publica da 2.^a
cadeira isolada desta Capital, D. Ma-
ria Lobo Silveira, conforme requereu,
visto achar-se impossibilitada
de continuar a exercer as suas fun-
coes, segundo os laudos medicos de
inspecção de saude a que se submeteu,
e constar mais de trinta annos
de serviço publico.

— Foi mandada pagar a professo-
ra publica do sexo feminino da cida-
de de Sant'Anna do Itapicuma, D. An-
nucette Lima, a ajuda de custo a
que tem direito.

— Dia 10 —

Foi designada a professora publi-
ca de instrucção primaria da 1.^a ca-
deira isolada do bairro de Jaraguá,
desta cidade, D. Maria Felicidade de
Oliveira, para servir no Grupo Esco-
lar "Dignos Juvenis", desta Cap-
ital, durante o impedimento da pro-
fessora comissionada no mesmo
estabelecimento, D. Edith de Souza
Machado.

— Foi nomeada D. Isolina de Ol-
veira Souza, para exercer o cargo de
professora extracomercaria, por tem-
po indeterminado, da cadeira mista

do povoado Bar Vermelho, Muni-
cipio de Anadia.

— Foi nomeado o cidadão Felis
Rodrigues Bastarel, para exercer o
cargo de Inspector Rural da Freguesia
do povoado Paripueira, Municipio
de S. Luis do Quitunde.

— Dia 15 —

O Excmo. Sr. Governador do Esta-
do, á vista da representacão do De-
partamento Geral da Instrucção Pu-
blica, em officio desta data, n. 823, e
de acordo com o artigo 3007 com-
binado com o artigo 17.^o do Regula-
mento expedido com o Decreto n.
1140, de 19 de setembro de 1926, re-
solve transferir a 2.^a cadeira isolada
do povoado urbano desta Capital,
para o povoado Salinas, Municipio
de Igreja Nova.

— Foi mandada pagar a D. Clotilde
Alves de Lima, professora publica
de instrucção primaria da cadeira
mista do povoado Cachoeira, Muni-
cipio de Santa Lúcia do Norte, a
ajuda de custo a que á mesma tem
direito, na forma da lei.

— Foi considerado sem effectos o
acto de 11 de março ultimo, nomean-
do D. Odette Machado, para exercer
o cargo de professora extracomercaria,
por tempo indeterminado, da
cadeira mista do povoado Iphary,
Municipio de Paulo Afonso, por não
ter assumido o respectivo exercicio
no prazo legal, e foi nomeada, nov-
amente, para exercer dito cargo.

— Foi nomeada D. Maria de Lour-
des Guimarães, para exercer o cargo
de professora extracomercaria por
tempo indeterminado, da cadeira do
sexo feminino do Barro Vermelho,
arrabalde da cidade de Penedo.

— Foi afastada do exercicio de
suas funcões a professora publica da
cidade de Pombal, D. Nazanna Gal-
vão Sales, com todos os vencimen-
tos, na forma do § unico do artigo
6.^o, do Decreto n. 1143, de 17 de se-
tembro de 1926, a contar desta data.

— Foi nomeado o cidadão Manuel

Felipe de Farias, para exercer o cargo de Inspector Rural de Escolas do povoado Belmonte, Município de Igreja Nova.

— Dia 14 —

Foi nomeada D. Odette Machado Dias, para exercer o cargo de professora extraescolar, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Inhapy, Município de Paulo Afonso.

— D. Otília de Almeida Costa Penna, professora de 2ª e 3ª categoria de 1ª cadeira do sexo masculino, do S. Miguel de Campos, pedindo sua jubilação, em virtude de não poder continuar a exercer as suas funções, tal o seu estado de saúde. Foram designados os Drs. Leôncio Menezes, Abelardo Duarte e João Vasconcelos, para servirem na primeira instância médica da requerente.

— Dia 15 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, à vista da representação do Departamento Geral da Instrução Pública, em 15 do corrente mês, sob n. 977, e na forma do art. 329, § unico, do Regulamento expedido com o Decreto n. 1140, de 19 de setembro de 1923, resolve converter em cadeira de categoria a cadeira mixta subvencionada do povoado Mumbaga, Município de Traipu.

— Foi renovada, com acesso da respectiva categoria a professora pública de instrução primaria da 1ª categoria da cadeira de 1ª categoria do sexo feminino do povoado Palmeira de Fora, Município de Palmeira dos Índios, D. Cândida Costa Wanderley, para a cadeira mixta de 2ª categoria da cidade de Palmeira dos Índios, naquelle Município, conforme pediu.

— Foi considerado sem effeito o acto que nomeou o Bacharel Manoel Wenceslau de Almeida, para exercer, em commissão, o cargo de Presidente da Junta Escolar do Muni-

cípio de Palmeira, por não ter assumido o respectivo exercício no prazo legal e foi nomeado para substituí-lo, o cidadão José Augusto de Macedo, membro da referida Junta.

— Dia 17 —

Foi nomeado o Cônego Antonio José de Cerqueira Valente, para exercer o cargo de lente cathedrático da cadeira de Historia do Brasil do Lyceu Alagoano, em vista de sua approvação obtida em concurso.

— Foi nomeado o cidadão Amâncio José dos Santos, para exercer o cargo de Inspector Rural de Escolas do povoado Canafistala, Município de Arapiraca.

O Exmo. Sr. Governador do Estado, à vista da representação do Departamento Geral da Instrução Pública, em officio de 18 do corrente mês, sob n. 813, e na forma do artigo 17º do Regulamento expedido com o Decreto n. 1140, de 19 de setembro de 1923, resolve transferir a cadeira mixta, vaga, do povoado Mumbaga, para o povoado Lagoa de Costa, e a cadeira subvencionada do sexo masculino desta povoado para aquella, ambas no Município de Traipu, devendo acompanhar essa ultima cadeira o respectivo professor, cidadão Salustiano Rodrigues de Carvalho.

— O Governador do Estado, à vista da representação do Departamento Geral da Instrução Pública, em officio de 26 do corrente, sob n. 858, e de accordo com o artigo 27º do Regulamento expedido com o Decreto n. 1210 de 19 de setembro de 1923, resolve transferir a cadeira mixta, vaga, do povoado Olho d'Água, Município de Bela Monte, para o povoado Maravilha, Município de Sant'Anna do Ilhéu.

— Foi nomeado o cônego Antonio José de Cerqueira Valente, de cargo de professor de Instrução Moral da Casa de Detenção desta Capital, conforme pediu.

— Foi considerado sem effeito o

seu que nomeou D. Jocelina de Mendonça Barros, para exercer o cargo de professora extraordinária do povoado Fiquette, Município de S. José da Lagoa, visto não ter assumido o respectivo exercício ao prazo legal e foi nomeada para substituí-la D. Rosa Amélia Bastos Costa.

— Foi nomeada D. Jocelina de Mendonça Barros, para exercer o cargo de professora extraordinária, por tempo indeterminado, da cadeira mista do povoado Saude, Município da Capital.

— Foi nomeado o cidadão Manoel Rocha, para exercer o cargo de Inspector Rural do Estado do povoado Riachão do Cipo, Município de Paratyba.

— Foi determinado que o professor publico subvencionado da cadeira do sexo masculino do povoado Riacho do Serião, Município de Belle Monte, cidadão Antonio Petronillo de Sousa Duda, tenha exercício effectivo no povoado Ubu d'Agua, do mesmo Município, para onde foi transferida aquella cadeira por Decreto desta data.

— O Excmo. Sr. Governador do Estado, a vista da representação do Departamento Geral da Instrução Publica, em officio de 4 de corrente, n. 100, e de acordo com o art. 10º do Regulamento expedido com o Decreto n. 1145, de 19 de setembro de 1935, resolve transferir a cadeira subvencionada do sexo masculino do povoado Riacho do Serião para o povoado Ubu d'Agua, ambos no Município de Belle Monte.

— Dia 24 —

O Excmo. Sr. Governador do Estado determinou que o professor publico subvencionado da cadeira do sexo masculino do povoado Lagoa da Costa, Município de Traipá, cidadão Salustiano Rodrigues de Carvalho, tivesse exercício effectivo no povoado Mumbaca, do mesmo Município, para onde foi transferida

aquella cadeira, por Decreto n. 58, de 22 de abril.

— Dia 27 —

Conforme pedido, foi jubilada, com os vencimentos proporcionais ao tempo de serviço, a professora publica de instrução primaria da cadeira do sexo feminino do povoado Utinga, Município de Santa Luzia do Norte, D. Amélia Leite do Nascimento, visto se achar impossibilitada de continuar a exercer as suas funções, segundo os laudos de inspecção da requerente e contar com (18) annos, onze (11) meses e vinte e tres (23) dias de serviço publico.

MES DE MAIO

— Dia 1 —

O Excmo. Sr. Governador do Estado, a vista da representação do Departamento Geral da Instrução Publica, em officio de 4 de corrente, n. 100, e de acordo com o art. 10º do Regulamento expedido com o Decreto n. 1145, de 19 de setembro de 1935, resolve transferir a cadeira mista subvencionada do povoado Almeida para o povoado Rua Nova de Mandacari, ambos do Município de Paulo Afonso, devendo acompanhada a respectiva professora, D. Rozália Lemos Guerra.

— Dia 2 —

Foi nomeado o cidadão Francisco Bezerra de Sant'Anna do cargo de Inspector Rural do Estado do povoado Lagoa da Costa, Município de Traipá, por não residir mais no referido Município, e foi nomeado, para substituí-lo, o cidadão Manoel Ferreira de Sant'Anna.

— Dia 11 —

O Excmo. Sr. Governador do Estado, a vista da representação do Departamento Geral da Instrução Publica, em officio desta data, n.

1926, e na forma do artigo 525.º, § unico do Regulamento expedido com o Decreto n.º 1.149, de 19 de setembro de 1925, resolve converter em cadeira de categoria a cadeira subvencionada, vaga, do povoado Urucu, Município de Camaragibe.

— D. Amelia Salles do Nascimento, professora de instrução primaria de uma das cadeiras do Bairro da Lavada, pedindo uma jubilação por contar mais de 30 annos de serviço effectivo no magisterio e não permittir o seu estado de saúde continuar no exercicio de suas funcções. Foram designados os Drs. Atelardo Duarte, João Vasconcelos e Mendonça de Almeida, para constituirem a segunda Junta de inspecção de saúde da requerente.

— Foram justificadas 29 faltas dadas pela professora publica que ora serve no Grupo Escolar "Fernandes Lima", desta Capital, D. Maria Lourdes Rego.

— Dia 16 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado resolve approvar o termo de contracto celebrado entre o Secretario de Estado dos Negocios do Interior e D. Maria Moreira Lima, afim de ministra, durante um anno, o ensino de Cozura e Corte aos alumnos do Grupo Escolar "Torquato Cabral", da cidade de Parahyba.

— Dia 17 —

Foi removida, por conveniencia do ensino, a professora publica de instrução primaria da cadeira mista do povoado Lourenço de Albuquerque, Município de Santa Luzia do Norte, D. Aurora Silva Sacramento, para igual cadeira do povoado Sapucaia, Município de Atalaia.

— Foi removida, a pedido, a professora publica de instrução primaria da cadeira de sexo feminino da Villa de Santa Luzia do Norte, Município do mesmo nome, D. Benedicta de Araújo Oliveira e Silva, para a cadeira mista do povoado Louren-

ço de Albuquerque, do mesmo Município.

— Foi removida, por conveniencia do ensino, a professora publica de instrução primaria da cadeira mista do povoado Raposa, Município de Atalaia, D. Dalva Porto Neves, para a cadeira de sexo feminino da Villa do Belo Monte.

— Foi mandada pagar a professora publica de instrução primaria da cadeira de sexo feminino da cidade de S. José da Lago, D. Maria Alexandrina de Lemos, a ajuda de custo a que tem direito, na forma da lei.

— Dia 21 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado resolve decretar a perda do cargo em que incorreu a professora publica subvencionada da do povoado Porto Grande, transferida para o da Bona da Caixa, ambas no Município de Alagoas, D. Vicentina Soares Pinheiro, na forma do artigo 291.º do Regulamento baixado com o Decreto n.º 1.149, de 19 de setembro de 1925.

— Foi jubilada, com todos os vencimentos, a professora publica de instrução primaria da 2.ª cadeira isolada da Lavada, bairro desta Capital, D. Amélia Salles do Nascimento, conforme requereu, visto se achar impossibilitada de continuar a exercer as suas funcções, segundo os laudos medicos de inspecção de saúde a que se submeteu e contar mais de trinta annos de serviço publico.

— Foi removida, por conveniencia do ensino, a professora publica de instrução primaria da cadeira mista do povoado Barra de Santa Antonia, Município de S. Luis do Quitandó, D. Susana da Silva Xavier, para a cadeira de sexo masculino da cidade do Rio Largo, Município de do Santa Luzia do Norte.

— Dia 22 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, tendo em vista a representação da Direcção do Departamento Ge-

ral da Instrução Pública, em officio desta data, sob n. 1100, e na forma do artigo 100, § unico do Regulamento da Instrução Pública em vigor, resolveu converter em cadeira de categoria a cadeira mista subvencionada do povoado Bocca da Calva, Município de Alagoas.

— Foi dispensada a professora em substituição, no Grupo Escolar "Rocha Cavalcanti", da cidade de União, D. Alice Xanotti Calhazera, removendo-se, com destino para a cadeira isolada de 1.ª categoria do sexo feminino da cidade de Agua Branca.

— Foi julgada, com todos os vencimentos, a professora do povoado Chã, Município de Pilar, D. Leonilda de Farias Ramos, conforme resolução visto achar-se impossibilitada de continuar a exercer suas funções e estar mais de 12 annos de serviço publico.

— Foi removida, por conveniencia de ensino, a professora publica de instrucção primaria de 1.ª cadeira do sexo feminino da cidade de Alagoas, Município do mesmo nome, D. Claudemira dos Anjos Cavalcante

para a cadeira mista do povoado Taperaçu, do referido Município.

— Foi nomeado o cidadão José Avelino da Silva Filho para o cargo de Inspector Rural do Ensino do povoado Campo Grande, Município de Alagoas.

— Foi removida, por conveniencia de ensino, a professora publica de instrucção primaria da cadeira mista do povoado Taperaçu, Município de Alagoas, D. Francisca Cuiabaguinha de Araujo, para a 1.ª cadeira do sexo feminino da cidade de Alagoas do referido Município.

— Dia 28 —

Foi nomeada D. Albertina da Silva Valente, para exercer o cargo de professora extraordinaria, por tempo indeterminado, da cadeira mista do povoado Olhos d'Agua, Município de Piranhas.

— Foi nomeada D. Odete Coelho Pereira, para exercer o cargo de professora extraordinaria, por tempo indeterminado, da cadeira mista do povoado Bocca da Calva, Município de Alagoas.



L. G. BRAGA NETTO

Representações

Rua do Comércio, 25, 1º
Prédio do "L'Espresso", sala 2
MACIEIO

Tel. | phone: 467
| grammas: DIDO
Código Postal—10

Amalca Perfumaria (Rio)-Accessories para automóveis;

Accacio Maia & Cia. (Rio)-Sacos e herbales;

Instituto Schestivo S. Jorge 48, Paulo)-"ESSENCIA" e "ESSENCIA-ROSEICHA", cosméticos maravilhosos;

Águas Minerais de S. Lourenço, as melhores do Brasil;

Produtos de Beleza "ALAN" Líquida, de fama mundial.

Representante de:

Colombina, Hilde & Cia. (Rio)-Creme "Sant'Angeles"
"HABIBANOLA" e Creme Dental "GLORY";

J. L. Gode & Cia. (Rio)-"CARMELLA"-Água de Colônia
francesa, elimina as cascas e faz desaparecer
os cabelos brancos;

Tintas EXFISER Limitada (Rio)-A única tinta de
têxtil, tintas para escrever, para canetas, para
bogar cores, gomma-arabica e outros produtos;

Evulso's S. Cia. (Rio)-Óleos e manteigas, melindres, óleos
para velas, velas, produtos de higiene e cosméticos
de fama mundial.

Carlo Erba (Milão)-Produtos clássicos e drops;

LOUREIRO-BARBOSA & Cia Ltda

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

FABRICA DE SABÃO E SEONITES
"DOIS TRILHÕES"

O sabonete ROYAL, especialidade no genero, supera os seus similares pelo perfume, pela qualidade e pela cuidadosa fabricaçã, honra o orgulho da industria alagoana.

Endereço telegraph: LOUREIRO

Códigos: | ^{DEPO}
A B C
PARTICULARES

TELEPHONES: | ^{INTERNOS} — 14
EXTEROS — 27

RUA CONSELHEIRO SA' E ALBUQUERQUE N. 534

Maceió — Alagoas

ALTO E BOM-SOM!

BRUNSWICK:

A melhor marca de violinos, pianos e discos.

WOODSTOCK:

A melhor máquina de escrever.

MINERVA & LUSITANOS:

As melhores máquinas de costura, prova de fogo.

A RESIDENCIA:

As melhores móveis, de bom gosto e mais baratos que mais vitrines tapetadas.

VENDAS A DINHEIRO E A LONGO PRAZO

J. Bernartjes & Cia.

RUA DO COMMERCIO — 460

Telefone 404

Telegraph JOELITE
CARRIAGEM BERNARDES
MACHINERY
FURNITURE
A. H. C. S.

INDICE

<p> Wenceslao de Almeida 11 Yacovazzo da UFFCA 12 Matheson de Lima 13 Nestor Cavalcanti 14 Margarida Bastos 15 Laura Wandery Lima 16 Flavia Correa 17 Maria Rosalia de Ambrósio 18 Maria da Conceição Maria 19 Wellington Moreira 20 Augusto Michel 21 Jorge de Lima 22 M. de Paiva, Inst. de N. C. 23 João Ribeiro 24 Francisco Leão 25 Nelsonias Gomes 26 Paschoa de Miranda 27 L. Lavarello 28 Muelo Serravallo 29 </p>	<p> As Jornadas "Provincia das Al- gues" e "Estado de Alagoas" Palanque Novo 30 Dos Alunos Alunos 31 A palavra do futuro 32 O dia de desenvolvimento do Alagoas 33 O dia da Alagoas 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 </p>
--	--

CONSULTAS E PARECERES	62
REVISTA DAS REVISTAS:	
Os jornais das provincias	63
A palavra do futuro	64
EXCERPTO DO REGULAMEN- TO DA INSTRUCCAO PERLI- CA	65
NOTICIAS:	
O dia de Desenvolvimento	66
O dia de Alagoas	67
O dia de Normalista	68
Comunicacao para a provincia de pro- prietarios	69
João Ribeiro	70
VITA ESCOLAR	71

Instrução Publica de Alagoas

Estatística das Escolas Publicas Primarias

1.º SEMESTRE DE 1928

N.º	MUNICÍPIOS	N.º de alunas matriculadas		Total	Frequência mensal		Total	Obs.
		Mas.	Fem.		Mas.	Fem.		
1	Agua Branca	84	204	288	21	221	311	
2	Alagoas	240	140	380	190	170	360	
3	Andaraé	104	170	274	120	150	270	
4	Arapiraca	87	70	157	24	40	64	
5	Atalaia	204	104	308	170	100	270	
6	Balaia-Nova	100	80	180	64	50	114	
7	Camatagião	101	100	201	110	107	217	
8	Cariri	100	100	200	100	100	200	
9	Igreja-Nova	100	100	200	80	80	160	
10	Fátima	100	70	170	110	60	170	
11	Leopoldina	100	100	200	80	70	150	
12	Luzitânia	100	100	200	100	100	200	
13	Maceió	514	700	1214	360	500	860	
14	Mangocangalha	80	100	180	70	100	170	
15	Maripá	170	100	270	170	100	270	
16	Paulista	100	100	200	100	100	200	
17	Petropolis dos Indios	110	100	210	110	100	210	
18	Pia-de-Atenas	100	100	200	100	100	200	
19	Paralimã	101	100	201	100	100	200	
20	Prazer	100	100	200	100	100	200	
21	Planaltina	80	80	160	80	80	160	
22	Pilar	100	100	200	100	100	200	
23	Porto-Carro	80	100	180	80	100	180	
24	Queimada	80	80	160	80	80	160	
25	Porto de Pedras	100	100	200	100	100	200	
26	Porto Real do Collégio	100	100	200	100	100	200	
27	Queimada	100	100	200	100	100	200	
28	Sant'Anna do Itamarim	100	100	200	100	100	200	
29	S. Brás	100	100	200	100	100	200	
30	S. José da Lagoa	100	100	200	100	100	200	
31	S. Luiz de Quatzenau	100	100	200	100	100	200	
32	Santa Luzia do Norte	100	100	200	100	100	200	
33	S. Miguel do Campo	100	100	200	100	100	200	
34	Tracunhaém	100	100	200	100	100	200	
35	União	100	100	200	100	100	200	
36	Vizama	100	100	200	100	100	200	
Total		6.700	8.400	15.100	8.000	7.100	15.100	

Instrução Publica de Alagoas

Estatística das Escolas Publicas Primarias

T. SEMESTRE DE 1923

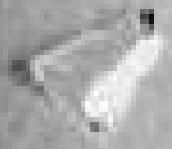
MUNICÍPIOS	N.º de Alunos matriculados		Total	Frequência (horas)		Total
	Men.	Fem.		Men.	Fem.	
	1 Alagoas	224	224	448	137	148
2 Arapiraca	331	267	598	150	152	302
3 Anadia	100	200	300	110	140	250
4 Arapiraca	82	82	164	50	50	100
5 Atalaia	120	120	240	100	100	200
6 Barra Nova	120	74	194	60	60	120
7 Canapi	104	100	204	80	100	180
8 Caruaru	100	100	200	100	100	200
9 Coruripe	100	100	200	100	100	200
10 Igará Nova	80	120	200	60	60	120
11 Jataí	100	80	180	80	60	140
12 Lagoinha	100	100	200	100	100	200
13 Limoeiro	100	100	200	100	100	200
14 Maceió	728	924	1652	518	671	1189
15 Maragogi	100	100	200	80	100	180
16 Maripá	200	200	400	100	100	200
17 Muroto	110	100	210	100	100	200
18 Palmeira dos Índios	100	100	200	80	100	180
19 Paripueira	80	100	180	60	100	160
20 São José do Bonfim	80	100	180	60	60	120
21 Paulo Afonso	100	100	200	100	100	200
22 Penedo	80	80	160	60	60	120
23 Piaçabão	100	100	200	100	100	200
24 Pilar	80	80	160	60	60	120
25 Pombal	100	80	180	100	60	160
26 Porto Calvo	100	100	200	100	100	200
27 Recife de Minas	100	100	200	100	100	200
28 Santa Rosa de Caldeirão	100	100	200	100	100	200
29 São Brás	100	100	200	100	100	200
30 São José da Lagoa	100	100	200	100	100	200
31 São José do Calçado	100	100	200	100	100	200
32 Santa Luzia do Norte	100	100	200	100	100	200
33 São Manoel do Carmo	100	100	200	100	100	200
34 Traipu	100	80	180	70	60	130
35 União	100	100	200	100	100	200
36 Visnã	100	100	200	100	100	200
Total	5.307	6.542	11.849	4.208	5.018	9.226

Instrução Pública do Alagoás

Estatística dos Grupos Escolares da Capital e do Interior

EXERCÍCIO DE 1924

Municípios	Nomes	Número de Alunos matriculados		Frequência média		Total
		Mes. 1.º Term.	Total	Mes. 1.º Term.	Total	
Municípios	Grupos Escolares "Dr. Paulo II"	105	105	105	105	105
	"Francisco Lima"	105	105	105	105	105
	"Dionísio Pinheiro"	105	105	105	105	105
	"Dionísio Pinheiro"	105	105	105	105	105
	"Teresa Eugênia"	105	105	105	105	105
Total		525	525	525	525	525
Municípios	Grupos Escolares "Francisco Gomes"	105	105	105	105	105
	"Miguel de Castro"	105	105	105	105	105
	"Alcides Lima"	105	105	105	105	105
	"Rosa Chaves"	105	105	105	105	105
	Total		525	525	525	525
Total		1.050	1.050	1.050	1.050	1.050



Instrução Pública de Alagoas

Mapa comparativo da matrícula e frequência média das
Escolas Isoladas e Grupos Escolares em 1927 e 1928

1928

CLASSIFICAÇÃO	Número de Escolas			N.º de alunos matricu- lados	Fre- quência média	Clas- sificação
	Es- colas mas	Es- colas fms	Total			
Escolas Isoladas	145	152	297	24.139	24,642	
Grupos Escolares		8	8	1.888	1,888	
Total	145	160	305	26.027	26,129	

1927

CLASSIFICAÇÃO	Número de Escolas			N.º de alunos matricu- lados	Fre- quência média	Clas- sificação
	Es- colas mas	Es- colas fms	Total			
Escolas Isoladas	144	150	294	23.507	27,606	
Grupos Escolares		7	7	1.754	1,819	
Total	144	157	301	25.261	26,425	

Cerquinho Nunes

ADVOGADO

Trata causas cíveis e criminaes na capital e no interior

**Encarrega-se de recebimentos de professores e funcionarios de ensino publico
— nos do interior do Estado —**

ESCRITORIO :

Rua do Livramento n. 153

— MACEIÓ —

Revista de Ensino

ÓRGÃO OFFICIAL

DEPARTAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE ALAGOAS

Publicação bimensal

Ano XXXII	1958
Volume 1	1958
Número 1	1958

A venda na Imprensa Oficial

REDACÇÃO: — Rua da Boa Vista, n. 186 — L. 20411

MACEIO